



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

**CAROLINE CASTRO DE MELLO**

**APRENDIZAGENS VITALISTAS OU DA VONTADE DE PARIR: PROCESSOS  
DE SUBJETIVAÇÃO DE UMA MÃE EM (DE) FORMAÇÃO**

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**



**CAROLINE CASTRO DE MELLO**

**APRENDIZAGENS VITALISTAS OU DA VONTADE DE PARIR: PROCESSOS  
DE SUBJETIVAÇÃO DE UMA MÃE EM (DE) FORMAÇÃO**

Tese apresentada como requisito  
para obtenção do título de doutora  
em Educação pelo Programa de Pós-  
Graduação em Educação do Centro  
de Ciências Humanas e da Educação  
- Faed, da Universidade do Estado de  
Santa Catarina – Udesc.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria  
Hoepers Preve

Coorientador: Prof. Dr. Sebastian  
Alexi Wiedemann Caballero

**FLORIANÓPOLIS**

2024


**Caroline Castro De Mello**

# Aprendizagens Vitalistas Ou Da Vontade De Parir: Processos De Subjetivação De Uma Mãe Em (De) Formação

Tese julgada adequada para obtenção do título de Doutor em Educação junto ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

30 de setembro de 2024.


## Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 ANA MARIA HOEPERS PREVE  
Data: 01/10/2024 10:18:01-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente/a:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Maria Hoepers Preve  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC


Documento assinado digitalmente

 AMANDA MAURICIO PEREIRA LEITE  
Data: 30/09/2024 14:20:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Amanda Mauricio Pereira Leite  
Universidade Federal do Tocantins – UFT


Documento assinado digitalmente

 WENCESLAO MACHADO DE OLIVEIRA JUNIOR  
Data: 01/10/2024 07:45:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro:

Prof. Dr. Wenceslao Machado De Oliveira Jr.  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Documento assinado digitalmente

 DAVI HENRIQUE CORREIA DE CODES  
Data: 30/09/2024 17:37:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro:

Prof. Dr. Davi Henrique Correia De Codes  
Universidade Federal de Santa Catarina – UDESC

Documento assinado digitalmente



MICHELE FERNANDES GONCALVES  
Data: 01/10/2024 10:06:55-0300  
CPF: \*\*\*.764.768.\*\*

Membro:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele Fernandes Gonçalves  
Universidade Federal de Santa Catarina – UDESC

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Para meus filhos Sebastian Indra e Juan  
Valentin, e para as estrelinhas Dandara e  
Luz, que me iniciaram nas artes do gestar,  
parir e maternar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às forças do universo e da Terra, que habitam em mim, por ter conseguido chegar aqui. Agradeço aos meus pais, Dirceu e Elaine, por acreditarem na minha capacidade de ir além e superar minhas limitações e, acima de tudo, por me possibilitarem a vida. Agradeço aos meus irmãos Danieli, Leonardo e Giovane, por fazerem parte da minha vida e por isso, terem contribuído para que eu chegasse aonde estou. Agradeço aos meus filhos Sebastian Indra, Juan Valentin, Dandara e Luz (in memorian), por terem me ensinado as artes de gestar, parir e maternar. Agradeço ao colega e pai dos meus filhos, Igor Berned, pela parceria e iniciativa em direção ao doutorado. Agradeço à Eliane Scheele, parteira que me acompanhou nos partos em que fui parturiente e nos que fui doula. Agradeço a todas as parteiras, doulas e parturientes que cruzaram meu caminho. Agradeço à minha orientadora Ana Maria Preve e ao meu coorientador Sebastian Wiedenmann, pela cocriação comprometida e amorosa junto desse trabalho. Agradeço a todos (as) os (as) professores (as) que tive até então. Agradeço às mulheres do grupo-pesquisador “Ventre que Vibra”, que participaram ativamente dessa pesquisa e se entregaram para essa cocriação. Agradeço aos colegas do grupo de Pesquisa Atlas - Geografias, Imagens e Educação, pela parceria no ambiente acadêmico e, em especial à Larissa, pelo apoio na revisão e organização final do texto da tese. Agradeço aos amigos e estudantes da comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, de Caçapava do Sul/RS. Agradeço à amiga Raquel Bernardi Kurtz, por nos apoiar (eu e minha família) em um momento crucial e sensível da jornada deste doutorado. Agradeço às correntes de trabalho espiritual do CAIEs da Divina Graça e da Associação Espiritualista de Umbanda Ogun, Oxum e Bará dos Caminhos (ASSEUOOBA), em especial aos dirigentes e padrinhos Pedro e Vera Boscaine, de São Sepé/RS e à corrente do Recanto da Teia, de Gravataí/RS, pela oportunidade de apoio e aprendizado junto às forças das medicinas da floresta, orixás e demais forças e entidades espirituais que nos amparam nos trabalhos. Agradeço à Consteladora familiar Valéria Skrebsky e ao psicólogo Deyvison Ferreira. Agradeço aos colegas do IFRS Campus Rolante\*. Agradeço às forças vitais manifestadas por meio das muitas pessoas que me auxiliaram a não desistir dessa tão desafiadora jornada. Agradeço aos partos que realizaremos aqui.



\*Este trabalho recebeu apoio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, campus Rolante, por meio da concessão de afastamento remunerado do cargo de Técnica em Assuntos Educacionais, iniciado em setembro de 2021 e encerrado em junho de 2023. E após esse período, a concessão de uma ação de desenvolvimento em serviço, com redução de carga horária para servidor estudante.

“A partir do inominado e do insignificante é  
que eu canto” Manoel de Barros



## LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1. Imagem “o universo”, de Santa Hildegard Von Bigen <sup>i</sup> .....	1
FIGURA 2. Pintura serpentes com sangue menstrual, imagem com efeito.....	16
FIGURA 3. Fotografia de acervo pessoal: queima do livro “formas por toda parte” .....	26
FIGURA 4. Fotografia de acervo pessoal: bolacha do mar e sangue menstrual, imagem com efeito.....	44
FIGURA 5. Fotografia acervo pessoal, “no ventre da grande mãe” .....	64
FIGURA 6. Fotografia da Pintura com sangue menstrual “Parto”, imagem com efeito.....	80
FIGURA 7. Fotografia com efeito, de acervo pessoal – Homenagem ao orixá Obaluaê.....	84
FIGURA 8. Imagem serpente, com efeito, a partir da pintura com sangue menstrual.....	85,87,89,91,93,95,97,99,101
FIGURAS 9 - 16. Fotografia com efeito, de acervo pessoal.....	86 -100
FIGURA 17. Fotografia com efeito, pintura com sangue menstrual, “parto” .....	103
FIGURA 11. Fotografia do desenho de Ysa – Afetações dos Encontros – “Serpentes e rosas” .....	111
FIGURA 12. Fotografia do desenho de Emy – afetações dos encontros.....	112
FIGURA 13. Fotografia do desenho de Emy – afetações dos encontros: sonho.....	113
FIGURA 14. Fotografia do desenho de Emy – afetações dos encontros.....	114
FIGURA 15. Escultura serpente: Ysa, afetações dos encontros.....	115
FIGURA 16. Escultura serpente e companheiras: Ysa, afetações dos encontros.....	116
FIGURA 17. Fotografia de Ixchel: Afetações do encontro 1: “Escultura Mãezinha da Terra” .....	117

FIGURA 18. Fotografia de acervo pessoal: material para máscaras da intervenção artística, com filhos.....	127
FIGURA 19. Fotografia de acervo pessoal: pintura das máscaras da intervenção artística, com filhos.....	128
FIGURA 20. Fotografia de acervo pessoal: pintura das máscaras da intervenção artística, com filhos.....	129
FIGURA 21. 3 Fotografias de acervo pessoal: preparação para intervenção artística em Caçapava do Sul/RS.....	131
FIGURA 22. 2 Fotografias de acervo pessoal de copesquisadora: material da intervenção artística em São Domingo – República Dominicana.....	133
FIGURA 23. Colagem feita com foto pessoal mais imagem aroeira mais fotos de títulos de livros.....	136
FIGURA 24. 2 Fotografias de bolacha do mar com sangue menstrual.....	138-139
FIGURA 25. Imagem serpente, com efeito, a partir de fotografia de pintura com sangue menstrual.....	140
FIGURA 26. Fotografia acervo pessoal, “parto” .....	141
FIGURA 27. Imagem com efeito, pintura com sangue menstrual.....	143
FIGURA 28. Imagem mapa rio rolante, com desenho serpente.....	178
FIGURA 29. Desenho produzido pela pesquisadora, “Maria do Parto” .....	195
FIGURA 30. Imagem retirada do audiovisual “Exu” .....	201



## RESUMO

A tese acompanha de maneira imanente o processo de (de)formação de uma mãe pesquisadora, ao realizar uma pesquisa que também se (de)forma. A pesquisa é construída a partir de uma perspectiva vitalista perinatal, que considera o parto como um ritual de iniciação, e, nesse contexto, uma iniciação a um outro modo de fazer pesquisa em educação, gestada em um ventre-lugar criado por um corpo-pesquisador coletivo. Tal proposta se faz pela investigação dos processos de subjetivação de uma mãe pesquisadora, que acompanha a gestação e o parto do seu próprio processo de pesquisa-criação na encruzilhada entre parto, educação e saberes ancestrais. Para tanto, ela se dispõe a experimentar um processo crítico de desconstrução do seu corpo-pesquisador em relação as bases de sua formação como educadora e pesquisadora. Processo guiado pelas seguintes questões: Como tornar-se passagem para a criação de uma tese em educação alinhada com saberes descolonizantes? Como criar uma forma de pesquisar em educação inspirada na relação mãe-filho e seus processos perinatais? Abrindo-se à investigação dessas questões cria-se na pesquisa uma forma de construção da tese por meio de uma mitopoética que se faz pelo acompanhamento dos encontros que são criados no processo de pesquisar. Esse acompanhamento vai compondo uma construção artístico-ritualística como estrutura da tese que além da pesquisa-criação, baseia-se metodologicamente em processos cartográficos e sociopoéticos que apontam caminhos para poder dar expressão as aprendizagens vitalistas e vontades de parir que pedem passagem ao logo da tese.

**Palavras-chave:** (De)formação; Aprendizagem; Experimentação; Parto; Vitalismo.

## **ABSTRACT**

The thesis immanently follows the process of (de)formation of a mother researcher, when carrying out research that also (de)forms herself. The research is constructed from a perinatal vitalist perspective, which considers childbirth as an initiation ritual, and, in this context, an initiation into another way of doing research in education, gestated in a womb-place created by a body- collective researcher. This proposal is made by investigating the subjectivation processes of a mother researcher, who follows the pregnancy and childbirth of her own research-creation process at the crossroads between childbirth, education and ancestral knowledge. To this end, she is willing to experience a critical process of deconstruction of her research body in relation to the foundations of her training as an educator and researcher. Process guided by the following questions: How can it become a passage to creating a thesis in education aligned with decolonizing knowledge? How to create a way of researching education inspired by the mother-child relationship and its perinatal processes? Opening ourselves to the investigation of these questions creates in the research a way of constructing the thesis through a mythopoetics that is carried out by monitoring the encounters that are created in the research process. This follow-up composes an artistic-ritualistic construction as the structure of the thesis which, in addition to research-creation, is methodologically based on cartographic and socio-poetic processes that point out ways to be able to give expression to vitalist learning and desires to give birth that require passage into the thesis logo.

**Keywords:** (De)formation; Learning; Experimentation; Childbirth; Vitalism.

## SUMÁRIO

<b>0. CARTA DE NAVEGAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1. RELAÇÃO: UM CONVITE DESDE O DISPOSITIVO RELACIONAL MÃE-FILHO À ATMOSFERA DE PARTO</b>	<b>25</b>
<b>2. CONCEPÇÃO: ENCONTRO ENTRE OS SABERES DE PARTERIA E DIFERENTES MODOS DE FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO</b>	<b>44</b>
2.1 MAPEANDO CAMINHOS PARA A (DE) FORMAÇÃO DO CORPO-PESQUISA	49
<b>3. GESTAÇÃO: MODOS DE APRENDER E PESQUISAR COM MULHERES E MÃES</b>	<b>64</b>
3.1 GRUPO-PESQUISADOR VENTRE QUE VIBRA	68
3.2 SOBRE OS ENCONTROS DO GRUPO-PESQUISADOR	73
<b>PRÓDOMOS</b>	<b>85</b>
<b>4. PARTO: FLUIR DAS ÁGUAS</b>	<b>104</b>
4.1 SOBRE AS PARI-ÇÕES	108
4.2 AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS	128
<b>ENTREGA</b>	<b>137</b>
<b>5. COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS: SOBRE A SUSTENTAÇÃO DA (DE)FORMAÇÃO</b>	<b>144</b>
5.1 SOBRE OS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS EM UM PARTO E IMPLICAÇÕES DA CONSIDERAÇÃO DA ATUAÇÃO DELES EM NOSSA FORMAÇÃO	147
5.2 SOBRE OS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS DA PESQUISA E DA TESE	152
5.3 SOBRE AS ADVERSIDADES ENFRENTADAS COM APOIO DOS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS	155
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TORNAR-SE PASSAGEM</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>195</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>199</b>



## **0. CARTA DE NAVEGAÇÃO**





Eis aqui uma carta, para apoiar a navegação nesse oceano profundo e agitado que movimenta os partos. Ela poderá lhe conduzir ao encontro do ser que se (de) formou e chega agora até você, sob o nome de corpo-tese. Essa carta trata-se de um convite, para que a partir desse encontro, o corpo-tese possa coabitar em você, ainda que por pouco tempo. Ao aceitar esse convite, você poderá fazer parte do corpo-pesquisador. E, caso não queira mergulhar em águas profundas, poderá apoiar o parto de outras formas.

Independentemente de sua escolha, saiba que estás diante de um movimento vivo, e, portanto, sagrado. Podemos criar juntos, inspirados em modos de viver matrísticos (Maturana, 2012; Bustos, 2021), uma mitopoética que conta sobre a gestação e parto de um outro modo de fazer pesquisa que é concebido a partir da relação do corpo-pesquisador com os conhecimentos e saberes que envolvem a pesquisa. Sendo o corpo-pesquisador múltiplo e coletivo, ele compreende não somente o corpo da pesquisadora, ele integra também os lugares e corpos de outros seres humanos e não humanos com quem a pesquisadora manteve encontros que envolveram a temática da pesquisa. Isso significa dizer que nessa mitopoética iremos acompanhar o processo de (de) formação de uma tese e de uma mãe, que também é pesquisadora, seguindo os processos que se abrem nos encontros com a temática parto e educação.

Nessa mitopoética, esses corpos que se encontram e formam o corpo-pesquisador seguem movimentos serpentinos e deixam-se transformar junto da imagem da serpente, como meio de criar passagens para outras formas de existir em educação. Como serpente mitológica, ela nos conta também sobre os caminhos de coabitação com a Grande Mãe, Gaia, Pachamama, nosso planeta Terra.

Esse processo acontece em um ventre-lugar ativado coletivamente para conceber e gestar a tese. Acompanhamos nessa relação, ritualizada, os movimentos realizados para a (de) formação do corpo-pesquisa em corpo-tese e, dentre eles, os processos vividos como gestações e partos das expressões que ele precisa manifestar para que uma tese em educação seja (de) formada.

Portanto, encontraremos neste caminho movimentos que compõem um ritual, pois aqui o parto é considerado um ritual de passagem. Acompanhar uma gestação e um parto é para nós um sagrado ofício, e vivê-los, uma experiência em que a imanência se encontra com a transcendência. Trata-se da oportunidade de fazer parte do processo de chegada de algo novo ao mundo. Por isso, escolhemos consagrar

esse processo ritualizando todas as ações realizadas, contando com apoio de companheiros embrionários que nos colocam em contato com as forças da Terra.

Esse corpo-tese se manifesta com a intenção de compartilhar outros caminhos possíveis para concebermos novas percepções, gestar pensamentos e parir ações no campo educacional. Ações paridas, que denominamos de pari-ções. Abrimos essa passagem pois temos o interesse em reativar a vida dos processos educacionais e de pesquisa em educação. Temos o interesse em resgatar o encantamento em aprender e pesquisar. Interessa-nos com isso reativar a vida do corpo-pesquisador dos adultos e/ou, não desativá-la, principalmente no caso do corpo-pesquisador das crianças que ainda preservam o seu potencial aprendente vibrante.

Assim abrimos esse cenário mitopoético para realizar um processo de pesquisa como movimentos de um parto, entrelaçado com concepções e gestações que se manifestam para além das formas pré-existentes das metodologias de pesquisa e por isso encontra-se com a pesquisa-criação. Os movimentos das manifestações são guiados pela vontade de parir e pela necessidade de assumir uma postura de “tornar-se passagem” para a manifestação da plena vontade do corpo-pesquisador de se des-envolver dos processos colonizadores do pensamento.

Essas manifestações dizem de um estado pleno de abertura ao descobrimento de si e do seu entorno. Em uma condição que torna possível viver os partos como processos em que expressamos aquilo que nos afeta e os liberamos por meio da materialização de experimentações e intervenções artísticas, que necessariamente atravessam o corpo e deixam marcas.

Ou seja, o caminho que conduz aos partos, presente na estrutura dos capítulos, é aqui apresentado a partir do modo como a mãe pesquisadora foi se abrindo para viver as relações que envolveram a dinâmica do pesquisar. E, nesse envolver-se, associações e movimentos de pensamento se entrecruzam no serpentear das suas experiências vividas com partos (como doula e parturiente), como mãe e educadora e como pessoa autista. Assim, ao compartilhar essas experiências, ela abre possibilidades para produções coletivas de subjetivações entre mães e pessoas interessadas nos temas parto e educação.

Por isso, é na vivência de uma mãe que se vê em processo de (de) formação desde a chegada de seus filhos que a pesquisadora encontra maior ressonância e interesse em movimentar-se rumo a um desconhecido processo pesquisador. Tendo

que des-cobrir constantemente modos de se relacionar com os filhos e com os processos educacionais que a relação entre eles demanda, cria-se um processo singular de pesquisa junto de outras mães, no formato de grupo-pesquisador.

Dessa forma, a estrutura do corpo-tese, (de) formado a partir das metamorfoses do corpo-pesquisa se configura em seis capítulos. **No capítulo um: “Relação: Um convite desde o dispositivo relacional mãe-filho à atmosfera do parto”** percorro a problemática da relação entre modos de existência que são considerados individuais, mas que, a partir de um olhar mais próximo e sensível, percebe-se que são coletivos.

Ou seja, a tese começa a partir do convite a nos percebermos como corpos coletivos, múltiplos e expandidos, em contato próximo e integrado junto ao corpo da Terra. Contato que nos coloca em constante processo de gestação e parto uns dos outros, em um estado de passagem que não tem início nem fim, junto dos processos da Terra. Tal estado passa então a configurar também os modos de fazer e de pensar as aprendizagens e as demais questões educacionais. Esse modo é guiado por uma ritualística de movimentos pesquisadores serpentinos, e suas expressões de pari-ções. Trata-se de um caminho sinuoso, que passa rente à terra, aos acontecimentos e suas reverberações. Nesse caminho ora visitamos os mundos subterrâneos, fazendo aparecer as emoções e sentimentos, ora mergulhamos em águas de forte correnteza e nos deixamos ir com elas, ora andamos rastejando no chão.

As pari-ções, ações paridas como atos de criação, nos levam a entrarmos em contato com movimentos de parto e modos de parir as ações do corpo-pesquisa. Assim, ao vivermos os partos como resgate da potência vital do próprio corpo e possibilidade de dar espaço para a manifestação da potência vital de quem nasce, abrimos espaço para a manifestação de saberes ancestrais. Essas vivências e suas aprendizagens guiam o pensar da relação que aqui se estabelece entre parto, educação e pesquisa.

Seguimos nas dobras e redobras desta relação e apresentamos o **capítulo dois intitulado “Concepção: encontro entre os saberes de parteria e diferentes modos de fazer pesquisa em educação.”** Nele apresentamos os primeiros movimentos de abertura da pesquisadora para a construção coletiva da pesquisa. O capítulo trata de encontros realizados de forma online com parteiras e pesquisadoras que investigaram questões relacionadas com a parteria e com educadoras que estão desenvolvendo trabalhos associados a perspectivas vitalistas. Nessa etapa da

pesquisa, a pesquisadora compartilha o modo como foi criando uma relação com a pesquisa e convida a participar dessa relação e contribuir com a cocriação da pesquisa. Dessa forma, busca-se, a partir do envolvimento nessa relação com a temática parto e educação abrir espaços para que as questões problemáticas possam se apresentar, conjuntamente com a (de) formação da pesquisa.

Como tornar-se passagem para a criação de uma tese em educação alinhada com saberes descolonizantes? Como criar uma forma de pesquisar inspirada na relação mãe-filho e seus processos perinatais?

Essas questões moventes da pesquisa foram identificadas ao longo do pesquisar, porém estavam presentes desde os movimentos iniciais. A pesquisa, as questões e a sua estrutura foram sendo realizadas em processos de parto, ou seja, a partir da materialização possível das expressões da pesquisa. Esses movimentos são considerados muito importantes para que seja possível entender alguns processos que o parto pode abrir e com isso apoiar a criação de um caminho guiado por essa perspectiva. O apoio pode acontecer vindo de quem se dispõe a parir junto ou de quem deseja apoiar por meio da doulagem e/ou do partejar. Outras formas de apoio também são bem-vindas.

Esses encontros eram também como convites à participação desse parto como uma presença curativa e/ou ativadora, como uma planta medicinal, um chá, um rezo, um rebozo, um óleo essencial. A relação no grupo era sempre no sentido de dizer: ‘manifeste-se como melhor conseguir e desejar. Com objetos e ações de limpeza, com uma defumação de ervas e incensos naturais. Pois essas participações ajudarão a curar e a limpar as energias do ambiente, e elas são tão importantes quanto o fazer da doula que massageia a gestante, no momento das dores do parto.

Outros modos de apoio como um baforar da fumaça de um cachimbo entre outros apoios. Portanto, você pode aqui se perceber como cachimbo, manifestando o equilíbrio entre as energias masculinas e femininas ou como o tabaco, trazendo sua fumaça realinhadora de pensamentos. Se quiser ser fogueira, música, canto e dança, seu apoio também será importante. Afinal, em um parto não podemos prever completamente as ações que serão necessárias, mas, podemos preparar o ambiente conforme queremos e desejamos receber quem nasce ou ainda conforme a necessidade de que os nascimentos nos pedem.

**O capítulo três chamado “Gestação: modos de aprender e pesquisar com mulheres e mães”** é a oportunidade de experimentar a ampliação da entrega para o

fluxo da cocriação, contando com a participação de um grupo-pesquisador formado por mulheres e mães. Elas ouvem o chamado e adentram na atmosfera de parto juntamente com a pesquisadora e, ao formarem um grupo, realizam um movimento sensível, que convida a uma escuta profunda de si e do coletivo. Durante um percurso de doze encontros, ocorreram partilhas de experiências e diálogos realizados sobre as temáticas que envolvem as mudanças trazidas pela chegada de um filho na vida de cada mulher. A partir desse contexto registramos algumas reflexões e pensamentos que foram organizados como pensamentos que deram origem a estrutura do corpo-pesquisa.

Após este capítulo há um **Intervalo**, chamado “**Pródromos**.” Trata-se das primeiras anunciações do parto. A matéria que constitui o intervalo são as imagens nascentes. Temos aqui uma abertura no espaço-tempo do corpo-tese criado para dar passagem ao movimento de desconstrução e des-envolvimento que começa a acontecer neste trabalho. Nesse intervalo encontramos imagens que trazem o registro de um processo de criação realizado com cascas e folhas de árvore do gênero *Pinus*. As imagens feitas por mim estão intercaladas com palavras vindas de autoras e autores que a tese, no decurso do seu tempo, fez aliança. Elas dizem sobre o pensamento que abrimos por aqui e talvez do ponto que atingimos com o processo dessa pesquisa-criação. É também uma ação ritualizada na força do orixá Obaluaê, senhor das passagens.

O capítulo quatro chamado “**Parto: Fluir das águas**” é um acompanhamento do trabalho do grupo-pesquisador. Nesse movimento foram criadas pari-ções que se transformam em experimentações e intervenções artísticas ritualísticas. E, apesar de já ter sido anunciada acima, é a partir desse momento da pesquisa que surge a mitopoética que guia a forma da tese: um ritual de iniciação a um outro modo de fazer pesquisa e educação, guiado pela imagem da serpente e pelas artes de parir. Nesse capítulo encontramos um movimento mais descritivo sobre as práticas realizadas e os diálogos que perpassa por elas. As práticas do grupo-pesquisador seguem a tônica da ritualização e se firmam nessa perspectiva juntamente com apoio dos arcanos maiores, do tarot de Marselha.

Esses movimentos ritualísticos dizem de um processo de cura e limpeza, que se fez e se faz buscando liberar o *carrego colonial*<sup>1</sup> imposto ao corpo-pesquisador

---

<sup>1</sup> Termo de Rufino (2019)

durante a sua formação. Ele se manifesta aqui por meio de movimentos artísticos ritualísticos que foram pedindo passagem durante o processo pesquisador. Eles foram sendo identificados como movimentos de cura ao longo de suas passagens. Esses processos se apresentam por meio de imagens fotográficas, vídeos e sons, que contam algumas etapas do processo ritualístico realizado pelo corpo-pesquisador em sua iniciação a um outro modo de fazer pesquisa e educação. As experimentações artísticas que foram realizadas visitaram criações e colagens digitais, desenhos, esculturas, experimentações corporais e produções de máscaras com ossos de animais. Todas elas realizadas em um fluxo de abertura e passagem para a inspiração, sem planejamento prévio, por parte da pesquisadora, sobre as etapas ou sequências dos movimentos.

Ainda em processo de nascimento, realizamos outro **Intervalo, chamado de “Entrega”**. Essa outra abertura no espaço-tempo do corpo-tese se faz presente para anunciar que um novo modo de se relacionar com a pesquisa começa a nascer. A todo tempo a vida segue e nasce. Trata-se de um movimento em direção à confiança plena no processo e entrega para os aprendizados com as múltiplas formas de expressão que se apresentaram na pesquisa.

O capítulo **cinco** intitulado **“Companheiros embrionários: sobre a sustentação da (de)formação”** apresentando aprendizados sobre a medicina da placenta e sobre a função das estruturas embrionárias que acompanham e sustentam o desenvolvimento do embrião/feto durante a gestação. Apresentamos os companheiros embrionários que são as forças da natureza identificadas como orixás e plantas sagradas que guiam e dão o suporte energético, físico e espiritual para os movimentos realizados pela pesquisadora. Após, abrimos uma partilha de trechos de diário pessoal para explicitar e compartilhar os desafios e perturbações existentes no meio em que a pesquisadora e a pesquisa estiveram juntos no período cronológico da realização deste trabalho. Com esses trechos avulsos de um diário pessoal apresento e afirmo que uma pesquisa se faz no meio do tempo-espaço que habitamos, misturada ao que nos acontece. Habitar um problema, seguir um problema, ou seja, “ficar com o problema” de uma pesquisa requer a sabedoria de saber que ele está no meio que nos atravessa.

Por fim, o **capítulo seis**, apresentamos as **“Considerações finais: Tornar-se passagem.”** Nele realizamos uma recapitulação dos principais processos movedores do pensamento educacional e abrimos uma reflexão junto aos percursos

que tomaram rumos e vias diferentes daquelas que esperávamos, além de visitar os caminhos que se mantiveram firmes desde o princípio do processo pesquisador. Nesse momento identificamos as possíveis contribuições que a pesquisa e a tese podem abrir no campo educacional na atualidade.

A presente pesquisa atinge um ponto importante para pensar o corpo nos processos educacionais, pois ele pode tornar-se passagem para a criação de saberes desalinhados aos saberes colonizantes. É no corpo e com o corpo que se pode produzir e praticar uma educação descolonizada, uma educação que não mais se componha com os saberes da informação. **APRENDIZAGENS VITALISTAS OU DA VONTADE DE PARIR: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE UMA MÃE EM (DE) FORMAÇÃO** é um título, um problema, é o ponto aonde essa pesquisa chega, é também uma possibilidade de encontrarmos saídas para o problema, ou seja, são movimentos desta pesquisadora no seu problema de pesquisa, mas não é a salvação da educação nem a completa descolonização do seu modo de fazer educação, apenas um caminho em direção à isso.

Cabe dizer que estes movimentos são mínimos, podem nem aparecer no cenário de movimentos maiores, mas eles têm a importância de desfazer e refazer uma pesquisadora dando a ela um chão para sustentar algo que vagava sem chão. Uma porção (uma quantidade) de chão são necessários para alguém ou alguma coisa nascer. E eu tive dois aliados para isso: Ana e Sebastian. Com eles pude dar existência ao que chamo de 'minha tese'. Isso tudo é ainda bastante frágil, vocês perceberão, mas não tanto como era antes disso, ou seja, trata-se de uma tese frágil que carrega a força da vulnerabilidade de quem gesta e pari um novo ser.

A tese é um processo experimentado em meio a tudo que se agitava, como mostro no capítulo 5, no corpo desta mãe pesquisadora. No entanto, ele pode ser entendido como o estudo de um detalhe de uma mãe pesquisadora em seus processos de subjetivação. Como detalhe, essa tese tem sua proposição potente à educação. Como força que provém da fragilidade é, antes de tudo, a força de um processo e não propriamente de um resultado. Podemos dizer que seu resultado é a explicitação e a afirmação de um processo, nesse caso, o processo de envolvimento com a pesquisa e com a produção de uma tese.

E, finalizamos esse corpo-tese com os anexos, compartilhando alguns registros do movimento realizado junto do grupo pesquisador, como ficha de participação e uma breve apresentação individual de cada co-pesquisadora. Aqui



encontraremos também os links que dão acesso às playlists do canal do youtube onde estão salvas as conversas com as parteiras e com as educadoras-pesquisadoras, além de uma seleção de músicas criada pelo grupo-pesquisador. Fechamos esse trabalho, abrindo um espaço para honrar os saberes ancestrais e os movimentos vitalistas trazidos pelas experiências de parir e acompanhar partos.

Esperamos que esse convite encontre você com saúde, disposição e ousadia, pois desejamos que aceite se envolver conosco.

*Há-braços, pernas, pés, cabeças, ventres...  
Corpos inteiros dispostos a esse envolvimento!*

**1. RELAÇÃO: UM CONVITE DESDE O DISPOSITIVO RELACIONAL MÃE-FILHO  
À ATMOSFERA DE PARTO**



A invenção de novos seres demanda romper com os efeitos operacionais do colonialismo no que tange à formação das mentalidades, às práticas sociais e suas interações (Rufino, 2019, p.29).

Reconhecemos a relação mãe-filho como uma relação importante para pensar educação e para pensar a construção dessa pesquisa. Defendemos uma postura que afirma a relação de maternagem por meio do vínculo e do cuidado permanentes e comprometidos, sem objeções de ganhos ou recompensas. Ainda que possamos considerar como mãe a pessoa que não gestou e pariu o seu filho, mas exerce o cuidado e comprometimento com a criança, para fins da relação evocada nesse trabalho, iremos trabalhar com a imagem da mãe genitora. Isso porque nos importa trabalhar, a partir dessa relação, com os processos que envolvem o ciclo gravídico puerperal.

Assim sendo, primeiramente, nos posicionamos de modo afirmativo com relação à importância, em termos educacionais, da relação com a pessoa que nos concebeu, nos gestou e permitiu o nosso nascimento, seja ela denominada por nós de mãe, genitora, ou qualquer outro modo. Isso pois consideramos que com ela vivemos nossa primeira experiência corporal relacional. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p.12) “a criança cria seu espaço psíquico como seu espaço relacional ao viver na intimidade e em contato corporal com sua mãe”. Nesse processo, ela aprende o emocional e a dinâmica relacional fundamentais, que constituirão o espaço relacional que ela gerará em sua vida.

Assim, partimos primeiro do reconhecimento dessa relação como importante para pensarmos educação e para pensarmos os modos de fazer pesquisa em educação. Por isso, iremos problematizar como essa relação se estabelece em nossa cultura patriarcal, capitalista euro-falocêntrica. Entendemos que essa relação, em que estamos compondo a carne de nossa mãe e que ela compõe a nossa, é a relação que nos trouxe ao mundo, com todas as belezas, prazeres, desencantos, e dores que isso possa acarretar. Reconhecer essa primeira relação, afirmar a sua importância, e incluí-la na problemática educacional é um caminho potente para repensarmos as

relações que criamos em educação, tanto nas práticas pedagógicas quanto na pesquisa em educação.

Assim como fez Wiedemann (2021), em sua tese de doutoramento, onde a abertura para o pensamento em educação também se faz por meio de uma perspectiva vitalista e uma pesquisa-criação, aqui também abrimos questões sobre como permitir que outros mundos e territórios educacionais possam nascer por outros meios, diferentes dos meios já postos. Territórios impensados e mundos que permitam o pensamento se estruturar tendo como premissa a integração de nosso corpo como parte do corpo da Terra, e, por isso, excluindo as possibilidades de que um aprendizado, pensamento e pesquisa possam ser concretizados individualmente, e, percebendo esses modos de ação como diz Wiedemann (2021, p. 43) sendo “gestos-dobra, que introduzem o impensado no pensamento”. Posteriormente ele acrescenta “o pensar com e como gesto é se recusar ao isolamento das componentes, é nutrir e se perder em meio a uma matilha de pensamentos que é simultaneamente estilo, técnica, corpo, espírito...” (Wiedemann, 2021, p. 43).

Pensar a educação e pensar o fazer dessa pesquisa a partir da relação mãe-filho, durante os processos de gestação, parto e puerpério nos convidam a pensar a partir do cuidado como *modo-de-ser* (Boff, 2014). Pois, segundo o Boff (2014), assumir o cuidado como *modo-de-ser-no-mundo* nos coloca em uma relação que não é de domínio *sobre*, mas de com-vivência; relação que não é de intervenção, mas de comunhão. “Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolher, respeitá-las” (Boff, 2014, p.109).

Semelhante a esse conceito é o modo cultural matrístico, apresentado por Maturana e Verden-Zöller (2004), baseado no amor como expressão biológica que guia a nossa constituição humana, enquanto seres biológicos-culturais. Ou seja, para Maturana e Verden-Zöller (2004), o modo de viver da cultura patriarcal nega a nossa biologia, e, portanto, nega também a capacidade de convivermos em sociedade respeitando as nossas necessidades vitais. Isso pois, segundo ele, o modo como nos convivemos uns com os outros e conosco mesmos é guiado pelo nosso emocionar. Se agimos sob um emocionar onde a dominação e a competição são imperantes, será esse emocionar que guiará as nossas interações, que, por sua vez, serão de não aceitação e eliminação do outro, sob a premissa de dominá-lo e vencê-lo.

O modo como vivemos as relações, na nossa cultura ocidental, patriarcal e capitalista, faz com que tenhamos dificuldades e problemas com o cuidado. O que

implica em sérios riscos à nossa própria existência pois, segundo Boff (2014) e Maturana e Verden-Zöller (2004), nós, enquanto espécie humana, nos constituímos pelo amor e pelo cuidado. Isso significa que, independentemente de como estabelecemos os nossos modos de viver, vivemos na e em relação.

O modo de viver patriarcal é denominado por Boff (2014) de modo-de-ser-trabalho, onde a produção e o resultado do fazer importam mais do que o como e quem faz. Trata-se de um modo-de-ser e de fazer onde a razão e a objetividade imperam, e, portanto, essa “objetividade impõe um certo distanciamento da realidade, a fim de estudá-la como um objeto para acumular experiências e dela assenhorear-se” (Boff, 2014, p.107). Dessa forma, o autor argumenta que ao perceber os “outros” como objetos, não se percebe que eles são sujeitos que tem história, que acumulam e trocam informações e pertencem à comunidade cósmica e terrenal.

Porém, Boff (2014) argumenta que o nosso desafio não está na escolha de um modo de ser: cuidado x trabalho. Não temos como nos desvincular das necessidades impostas em nossa sociedade relacionadas ao trabalho, e, a ideia da problematização não é essa. A questão que está sendo levantada está em como podemos desenvolver nossos trabalhos sob uma outra dinâmica, a dinâmica do cuidado. Aqui, nesse trabalho, nos desafiamos ainda a pensar na pesquisa e na construção da tese considerando um modo específico de cuidado: o cuidado necessário para garantir uma gestação saudável, permitir que o parto aconteça de forma natural e, garantir os primeiros cuidados com quem nasceu e quem pariu. Trata-se do cuidado perinatal. Esse modo de cuidar não se refere à um cuidador externo, ao cuidado da doula ou da parteira, mas ao cuidado que existe na relação mãe-filho em fase perinatal.

Esse fazer cuidadoso refere-se também ao cuidado que precisamos ter com as idealizações e culpabilizações em relação ao que foi feito, entendendo que há sempre o ideal e o possível de acontecer e fazer em cada momento e cada fase vivida. Esse é um aprendizado importante que a maternagem nos traz: a aceitação dos nossos erros como parte do processo da vida e a consciência de que, por mais que tenhamos estudado tudo sobre gestar, parir e cuidar de filhos, vamos nos equivocar, vamos errar, vamos ser incoerentes, e, acima de tudo isso, só vamos aprender e nos tornarmos mães na relação com os filhos, e a única certeza que podemos ter dessa maternagem é que ela não será perfeita. E, nessa imperfeição, vamos aprender aquilo que nos importa, aquilo que precisamos, aquilo que a nossa

relação com cada filho, que é única e incomparável, nos apresenta. Trata-se de tomarmos “consciência do nosso inacabamento” (Freire, 2007, p. 59) e de assumirmos com isso uma postura mais respeitosa com os nossos processos de aprendizagem e com os processos do outro.

Outro ponto importante de ser compreendido pelo modo de fazer escolhido aqui é que, um corpo em gestação está constantemente em acolhimento e transformação para que uma nova vida seja gerada dentro dele. Ou seja, em nossa proposta, o fazer da pesquisa está se desenvolvendo em nós, pouco a pouco, de modo compartilhado, a partir de um ventre-lugar criado pela pesquisadora e pelas pessoas participantes dessa criação. E, partindo dessa criação coletiva, caminhamos rumo ao parto, que se expressa pela materialização das ações da pesquisa e das aprendizagens produzidas nela.

Assim, a partir dos saberes e experiências vividas com partos, abrimos passagem para a manifestação de potencialidades diversas no trabalho, incluindo expressões artísticas, com o propósito de nos tornarmos passagem para as forças que nos atravessavam no momento. O parto também se expressa em cada movimento de abertura ao compartilhar do fazer da pesquisa. Dessa forma, entendemos que essa tese nasce a partir de uma (de) formação do corpo-pesquisa e do corpo-pesquisadora, pois aqui trabalhamos sob uma perspectiva que segue uma proposta descolonizadora de educação e de pesquisa.

Portanto, esses corpos passam por um des-envolvimento dos padrões que nos condicionam a pensar a pesquisa e o processos educacional somente pelos caminhos já conhecidos. Assim, essa é uma tese que tem como objetivo tornar-se uma passagem para que saberes oriundos de experiências não acadêmicas e saberes trazidos por culturas ancestrais possam atuar no campo educacional permitindo que modos outros de aprender e de pesquisar sejam inventados. E, além disso, ela se faz também como expressão do que e como foi feito o trabalho dessa pesquisa, sem a intenção de afirmar como uma pesquisa ou um processo educacional deve ser feito. Por isso, as formas não são o nosso foco, mas sim, o desafio de transitar por elas e transpor suas limitações.

Com isso, temos duas principais questões movedoras da pesquisa: Como tornar-se passagem para a criação de uma tese em educação alinhada com saberes descolonizantes? Como criar uma forma de pesquisar inspirada na relação mãe-filho e seus processos perinatais? Tais problematizações estão também alinhadas com a

necessidade de criarmos outros meios de viver em nosso planeta, tendo em vista a já evidente crise climática e a decadência do nosso sistema econômico/social. Por isso, entendemos que se queremos mudar os nossos hábitos de vida, buscando maneiras de “pisar mais leve sobre a terra” (Krenak, 2020)<sup>2</sup> precisamos também mudar a forma como fazemos educação e fazemos nossas pesquisas em educação. Isso porque sabemos que a educação é a base para todo e qualquer projeto que pretenda mudanças efetivas no modo de viver de uma sociedade.

Dessa forma, buscamos dar espaço para movimentos vivos e inventivos no modo de fazer pesquisa, alinhados com noção de *aprendizagem inventiva* (Kastrup, 2019) que nos convida a compreender a aprendizagem como invenção de problemas. Essa concepção difere das concepções psicológicas de aprendizagem comumente conhecidas pelo cognitivismo, behaviorismo ou mesmo no construtivismo. Isso porque elas partem de um entendimento do processo de aprendizado por uma cognição que é guiada pela solução de problemas, por estímulos externos ao organismo e, tal processo cognitivo pode ser classificado em etapas de desenvolvimento fixas.

O entendimento da aprendizagem como invenção (Kastrup, 2019) se apoia nas pesquisas de Maturana e Varela. Ela explica, a partir deles, que a cognição tal como era entendida até então só existe a partir da análise de um observador, externo ao processo cognitivo. Isso porque, se entendemos o sistema vivo como autopoietico, ele não seria determinado pelos estímulos externos, mas sim receberia apenas perturbações desse meio e com ele se modifica. Mas, podemos ainda ir um pouco além da autopoiese, e entender esse processo a partir da expressão “simpoiese” (Haraway, 2023). Ela explica que não estamos separados uns dos outros e, por isso, não podemos afirmar que os organismos são formados de modo autônomo. “Os seres da Terra nunca estão sós, nada se faz por si só” (Haraway, 2023, p. 111), por isso, a palavra simpoiese é trazida para expandir e desdobrar a noção da autopoiese.

Nessa perspectiva, tanto meio quanto o organismo estariam se modificando conjuntamente, pois a relação entre eles preexiste à ambos. Ou seja, meio e organismos vivos se cocriam e se constituem no fazer cotidiano de suas existências.

Por isso, nesse contexto de uma aprendizagem inventiva a simpoiese, pela visão de Haraway (2023) convida-nos a ampliar o pensamento a partir de uma

---

<sup>2</sup> Trecho se refere ao documentário disponível na plataforma de streaming Globoplay intitulado “Pisar suavemente sobre a Terra” (2020).



aprendizagem que compreende a “responsividade, a complexidade, as dinâmicas e a localização aterrada” dos processos que se colocam em curso. Dessa forma, o aprender está como uma capacidade de inventar problemas, em conjunto com o meio e com outros que coabitam conosco o meio, e não como simples resposta desenvolvida a problemas criados pelo meio ou por alguém externo ao organismo. E, situando o aprender no meio/contexto que estamos vivendo, não somente precisamos perceber que temos essa capacidade de inventar problemas, mas, necessitamos disso para conseguirmos inventar novos mundos possíveis, diante das ruínas do mundo que criamos enquanto sociedade ocidental globalizada.

Dessa maneira, pensando a partir desse entendimento de aprendizagem, buscamos aqui compartilhar os modos como essa pesquisa foi feita. Tendo em vista que foi o abrir-se para compartilhar cada fazer da pesquisa que foi abrindo caminho para os próximos fazeres. E, as proposições sobre formação da estrutura dela foram aparecendo durante o pesquisar. Ou seja, o corpo-pesquisa foi sendo formado com os dispositivos produzidos por ela, dispositivos que funcionam como passagens de uma ação para os outras.

Dessa forma, entendemos que o texto da tese não representa o modo como a pesquisa em si foi feita, ela apresenta aquilo que é possível de ser transcrito do fazer com a pesquisa. A tese, nesse sentido, não é somente a apresentação do resultado da pesquisa, mas uma etapa da criação dela. O escrever e a disposição de cada elemento do pesquisar foram se envolvendo no ato de criação da tese. Fomos experimentando a escrita, a disposição dela com os outros elementos produzidos, e, desse envolvimento fomos percebendo quais os padrões que deles foram surgindo e como esses padrões poderiam se organizar na formação da estrutura da tese.

Por isso, o fazer dessa pesquisa também é uma forma possível de compartilhar a percepção de que estamos gestando uns aos outros constantemente e estamos também parindo, uns aos outros. E, conseqüentemente, concebendo, gestando e parindo mundos e pensamentos. A cada mudança de perspectiva do olhar sobre o outro podemos liberar o outro de ser aquilo que meu antigo olhar via nele, e vice-versa. Principalmente se esse outro é um ser em formação (criança ou adolescente).

Esse “liberar” está aqui para o movimento de parir. Ou seja, ao mesmo tempo que estamos constantemente nos criando e criando o mundo a nossa volta, precisamos aprender a parir essas criações, ou seja, nos libertarmos do apego a

formas e aos modos considerados certos de fazer. Por isso, o convite de irmos desde o dispositivo mãe-filho até o parto é esse: criarmos nós mesmos e novos mundos sim, mas também renunciarmos à ideia de posse e controle dessa criação. Por isso, pensar com e a partir desse dispositivo “mãe-filho em fase gravídico-puerperal” é também um modo responsivo de localizar o pensamento da aprendizagem inventiva e simpoiética.

Essa *responsividade* (Haraway, 2021) expressa pelo cuidado com o modo como vemos e agimos frente ao que vemos diz de uma postura onde assumimos a nossa constituição enquanto seres que são rede, são *signo e carne*, conforme a autora acima citada. Assumimos que vivemos, humanos e não humanos, como parte do corpo da terra, de forma a estabelecermos relações coconstitutivas “em que nenhum dos parceiros preexiste à relação, e entendendo que essa relação nunca será acabada.” (Haraway, 2021, p. 20).

Por isso, o modo de ver o processo de aprendizado que aqui ocorre é atravessado pelo modo como vejo a mim e ao mundo. E, esse modo é apresentado aqui de forma misturada, ou seja, não fixada em uma identidade. Trata-se de um modo que considera a potência de ser múltipla, ser mulher e neurodivergente e mãe atípica e doula e educadora e pesquisadora e....

Dessa forma, nessa relação, entramos no envolvimento a partir desse lugar: da instabilidade, da incerteza e da inconstância da forma. Mas também a partir do lugar de acolhimento, entrega e confiança ao aprender no e com o processo, para além de esperar e projetar resultados. Por isso, dizemos também que essa pesquisa se faz como *educação menor* (Gallo, 2002).

O menor é a força que flui no interstício, que desata a sua integridade estrutural, que problematiza seus padrões normativos [...] seus ritmos não são controlados por nenhuma estrutura preexistente, mas estão abertos ao fluxo. O menor está em mudança indeterminadamente. (Manning, 2019, p. 12)

Dessa forma, na manifestação desse envolvimento com movimentos educativos menores é que o corpo-pesquisadora vai se (de) formando e vai permitindo que a pesquisa se (des) envolva dos modos-de-fazer e ser-trabalho (Boff, 2014) já conhecidos. Com isso, passa a assumir o desafio de alinhar-se com modos-de-ser cuidado, ou, a modos matrísticos de existir e resistir. E esse desafio é encarado

aqui como um ritual de passagem e de iniciação. Por isso, afirmamos também que essa tese é uma tese-ritual.

Assim, como um ritual de passagem e iniciação, o trabalho de construção da tese conduz o corpo-pesquisadora a conceber, gestar e parir um outro modo de fazer pesquisa. Trata-se de uma iniciação a uma outra postura educacional, a outras práticas de pensar/fazer educação e pesquisa em educação. Esse ritual utiliza de escrita, imagens e composições sonoras que estão dispostos na tese para deixar ver/sentir aquilo que normalmente é invisibilizado nos trabalhos de pesquisa e nas aprendizagens: o processo, o contexto e as forças que atuam nele e com ele.

Com isso, tornamos visível o aprendizado com o corpo inteiro, o envolvimento com seres para além de humanos, o processo de coaprendizagens e suas dinâmicas coletivas, as forças que garantem a nutrição, firmeza, proteção e equilíbrio para o processo pesquisador e, firmamos ponto no campo da educação descolonizadora de conhecimentos e saberes.

Todas essas “invisibilidades” se manifestam aqui não somente na forma de escrita, mas também deixa alguns rastros do ver/sentir do corpo-pesquisadora por meio de ações ritualísticas artísticas denominadas de *pari-ções*. Elas são modos de re-existir do corpo-pesquisadora, tendo em vista que sua existência está vinculada ao colonialismo. Essa re-existência não pretende ser movimentada apenas como uma barreira às práticas patriarcais colonizantes, mas também como uma reativação da vida no processo de aprender e pesquisar.

Isso pois, como afirma Rufino (2021, p. 36 - 37), “descolonizar é um ato educativo que parte da capacidade de lutar incansavelmente pela dignidade existencial dos viventes, pela diversidade, e pelo caráter inconcluso das coisas”. A permissão dada ao (des) envolvimento e (de) formação dessa pesquisa se faz conjuntamente com o processo constante de (de) formação e (des) envolvimento do corpo-pesquisadora, como um processo de cura proporcionado pela relação com a pesquisa. Tendo em vista que o (des) envolvimento da pesquisa se faz no entre do desvencilhar das amarras patriarcais colonizantes e da *reativação* (Stengers, 2017) da vida soterrada por esses condicionamentos.

“Reativar”, termo adotado a partir de Stengers (2017, p. 8), se encontra na busca de “aprender o que é necessário para habitar novamente o que foi destruído”. O reativar como necessidade primeira de cura para acessar e tornar disponíveis as potências de vida necessárias para que uma nova relação com o processo

educacional possa surgir. Pois, como afirma Rufino (2021), a cura do carregamento imposto aos corpos e pensamentos é a principal tarefa da educação.

A tarefa curativa da educação está no soprar em nós os póis feitos de corpos que bailam nas voltas do tempo e são capazes de alcançar as profundezas de nossos silêncios, nossas dores e forças; tocar na dimensão do sensível de nossas presenças, convocando os diferentes “eus” que nos habitam, dentro ou fora, para confluir e rememorar que somos força criativa e geradora desde os tempos imemoriais. (Rufino, 2021, p.37)

Com isso, reconhecendo a tarefa curativa da educação, compreendemos que o reativar de Stengers (2017) começa pelo reconhecimento do poder que o meio tem de contaminar, e assim assumir a responsabilidade de contaminação que o meio apresenta. Uma responsabilidade que vem de um entendimento de que não existem meios e organismos de forma separada. Assim, o meio que se quer descontaminar é a nossa subjetividade colonizada, transformada em “subjetividade capitalística” (Guattari; Rolnik, 2011), e nossas práticas condicionadas ao funil imposto pela educação patriarcal/colonial que recebemos.

Um reativar que diz de uma conexão entre magia e espiritualidade com transformação social e política, tendo em vista que Stengers (2017) traz o termo a partir da relação com bruxas neopagãs contemporâneas e outros ativistas dos Estados Unidos. Ela declara que “não se trata de restaurar uma situação do passado, mas, de “sentir a fumaça” das fogueiras da inquisição que ainda paira em nossas narinas e que se manifesta em nosso cotidiano, e, com isso, responsabilizar-se por continuar a liberá-la ou não” (Stengers, 2017, p. 9).

Com isso, denominamos tanto o agente pesquisador quanto à pesquisa de corpo pois, segundo Lapoujade, (2017, p.31) “um corpo não se define em primeiro lugar por suas características orgânicas ou físicas, mas sim pelas obrigações permanentes às quais submete o psiquismo. O corpo é, antes de tudo, uma coerção”. Esse trabalho, portanto, contempla a relação corpo-pesquisadora e corpo-pesquisa, em fase de (de) formação, e, é essa relação que colocamos em paralelo com a relação mãe-filho em fase gravídico-puerperal.

Ao estabelecermos esse paralelo chamamos a atenção para o fato de que fazemos isso para encontrar um caminho que nos remete ao caminho de chegada da vida humana na Terra, e, por isso, a corporeidade e a materialidade são manifestadas como essenciais. Por isso, ao evocar aqui o ciclo gravídico-puerperal humano, estamos dando ênfase para uma importante questão: esse caminho de chegada à

vida material, que aparentemente é feito pelo nosso corpo físico, também pode ser desenvolvido pelos outros corpos que fazem parte dele: psíquico, emocional, energético e espiritual. Não somente pode mas deveria ser trilhado em nossos estudos e em nossa educação, num sentido da necessidade que temos de colocarmos nossos saberes e conhecimentos a serviço dos fazeres terrenos. Ou seja, nos colocarmos na responsividade diante desses fazeres, destacando o quanto importa a forma como eles são conduzidos em nossas práticas.

Dessa forma, esse trabalho é também uma parte responsiva das práticas que venho realizando no campo da educação e da parteria e doulagem. Ele se expressa aqui, no corpo da tese, como um ritual que começa com o convite à escuta do movimento do próprio corpo e da abertura desse para sentir e escutar outros corpos, outros movimentos.

Aqui, uma tese-experimentação onde damos passagem às forças que atravessam o processo de criação da pesquisa e tornamos as mesmas visíveis para que o ato de se tornar passagem seja uma prática a ser exercitada e aprendida. Tornar-se morada temporária de nossas criações e passagem para que elas encontrem caminho de manifestação terrena. Para que sejam mais que boas teorias e ideias revolucionárias, mas, que encontrem chão e terra para se materializarem. Tornando-se matéria, que nossos aprendizados possam contribuir para a criação de um outro modo de sermos e estarmos junto da Terra. Um modo mais respeitoso e amoroso. Com isso, que possamos dar espaço a múltiplas formas e múltiplos modos de aprender e de pesquisar.

Conceber essa pesquisa, integrando metodologias e promovendo uma ecologia nos modos de fazer pesquisa e educação fez com que a pesquisa não se formasse, mas se (de) formasse, juntamente com o corpo-pesquisadora, que é um corpo múltiplo, expandido e relacional. Esse corpo relacional, múltiplo e expandido se expressa para além do corpo físico da pesquisadora. Fazem parte dele seus filhos, sua casa, a comunidade com quem convive e coabita; os lugares que frequenta e o entorno deles, respingando nas relações globais e planetárias, uma vez que o corpo-pesquisadora faz parte do corpo da terra.

Isso significa dizer que, entendemos que essas etapas, enquanto dinâmicas do vivo, podem se repetir em outros níveis de nosso corpo, como, por exemplo, no processo de aprendizagem de algo novo. Mesmo não sendo vividas inúmeras vezes por nós, em sua literalidade enquanto caminho de passagem para a chegada de um

outro ser humano, por meio de nosso corpo, essas dinâmicas podem continuar acontecendo em outros aspectos do nosso corpo, no seu aspecto múltiplo (físico, psíquico, emocional, energético e espiritual). Além disso, pode também se repetir no aspecto de corpo expandido (espaços físicos que habitamos e seres outros que entramos em contato relacional).

Entender essas etapas como dinâmicas corresponde a seguinte relação: concepção vista como um processo que conduz a uma dinâmica de integração, assim como o ato de integração de um alimento ao nosso corpo e integração do ar que respiramos. Do mesmo modo, a gestação é vista como uma dinâmica de metamorfose, que pode ser vista também na digestão, e na transformação dos gases que entram em nosso corpo na respiração. O parto, é visto aqui como uma dinâmica de liberação, da mesma forma também ocorrendo na fase final da digestão e da respiração. Ou seja, percebemos que, enquanto dinâmicas, essas etapas se repetem na formação e na manutenção da vida do nosso corpo físico. Essa percepção correspondeu a intenção firmada de criar modos de fazer pesquisa e educação conectados com a vida.

Assim sendo, a escolha de ter o parto como guia para o modo de fazer a pesquisa também surge de uma vontade de fazer uma pesquisa viva que encontre caminhos de expressão e materialização. Entendendo que um fazer vivo é diferente de um modo de fazer que esteja à serviço da vida. Por isso, dizemos que um fazer baseado em modos de produção não representam um fazer vivo, mas podem ser um fazer à serviço da vida. Um modo de produção, é, na melhor das hipóteses, pensado e esquematizado para contribuir com os sistemas vivos. Um movimento vivo simplesmente é o que é, ele não é pensado, planejado nem esquematizado. Ele não tem função nem utilidade, pois, como nos diz Krenak (2020), “a vida não é útil”.

Nesse campo das encruzilhadas dos saberes e das temáticas que convocamos para a relação, um ponto importante de ser destacado é a presença ativa do corpo, em sua expressão singular, durante o processo em questão. Falamos de um corpo encarnado e encantado, que carrega consigo o brilho de produzir algo novo, de ser passagem para a diferença e a singularidade do inesperado. E, produzido por esse corpo, também surge um saber incorporado e encantado, “uma educação comprometida com a circulação de axé - energia vital.” (Rufino, 2019, p.95)

Por isso, no contexto do parto, falamos de um parto ativo (Balaskas, 2015), onde a parturiente tem a autonomia de movimentação e de realização das atividades

que ela sente serem importantes, dentro do considerado seguro pela equipe de parto. Ou seja, parteira e doulas podem sugerir movimentos, exercícios, manobras, mas, no momento do trabalho de parto, prioritariamente o que se busca é a conexão máxima dessa mulher com o seu próprio processo, com a relação que existe entre os seus movimentos e os movimentos do bebê.

Para trazer essa “atmosfera de parto” para essa pesquisa foi necessário criar um campo onde não é o pensamento da racionalidade ocidental o que impera, onde possamos, temporariamente, suspender as bases que sustentam o pensamento racional. “É necessário reduzir as atividades do intelecto (ação neocortical) para o parto acontecer.” (Odent, 2000, p.31) e que “é necessário também ter segurança para reduzir as atividades do intelecto” (Odent, 2000, p.35).

Nesse sentido, entendemos que dar espaço para que a pesquisa-criação aconteça pode contribuir para o processo de acessar um modo de operação que converse com os estados de parir. Tendo em vista que nesse modo estaremos dando espaço mais intensamente para a manifestação de expressões artísticas. Assim, as imagens que até então focavam apenas nos ambientes, passaram a registrar alguns movimentos corporais que vinha realizando<sup>3</sup>.

Escrever dançando, também!

A espontaneidade do movimento da dança expressiva quer dizer que houve uma entrega ao desconhecido. Sem que se saiba “como” e nem “por que” um movimento novo surgiu, uma tensão foi liberada, algo novo aconteceu, mas não há como se descrever esse momento. O mistério permanece. (Almeida, 2009, p.145)

No contexto das expressões produzidas na (de) formação da pesquisa, o movimento expressivo é realizado para dar passagem para as sensações-sentimentos vividos durante o processo pesquisador. Sabendo, a partir de Lowen (2018, p. 85), que “o sentimento é a vida do corpo, assim como o pensamento é a vida da mente”, entendemos que para reativar ou ativar a vida do corpo-pesquisadora precisamos unir as expressões dos sentimentos e dos pensamentos.

Por isso, trazer registros de movimentos expressivos realizados para compor o corpo da tese se faz necessário pois, os primeiros movimentos pesquisadores

---

<sup>3</sup> Durante a pandemia de COVID-19 participei de aulas online de dança butoh, dança ritualística e expansão da consciência corporal por meio da antiginástica. Movimentos que foram fundamentais para manter o equilíbrio entre doutorado-família-trabalho online-saúde mental.

realizados dizem de uma expressão espontânea do corpo-pesquisadora. Entendemos que o movimento do corpo não está dissociado do movimento do pensamento. O contato com o movimento expressivo nos levou a considerar as expressões corporais como práticas possíveis nesse processo de pensar a realização da pesquisa como um processo de parto.

Nessas associações, o pensar não se deu previamente às expressões, e sim, à abertura para as expressões manifestadas que convidou o pensar para compor com elas. O encontro com o movimento expressivo, de Almeida (2009), possibilitou perceber a relação profunda que pode existir entre os movimentos de um corpo e as energias dos elementos da natureza, e, a associação dessas energias com o movimento do pensamento.

Permitir que os movimentos artísticos acontecessem dessa maneira, valorizando primeiramente as expressões, e posteriormente refletindo e racionalizando com elas, fez muito sentido aqui pois, como nos lembra Odent (2000) “para parir precisamos deixar o neocórtex em estado de “repouso” ”. Esse fator, extremamente importante para a dinâmica do parto, trouxe uma constatação: o modo de fazer desta tese pode estar amparado pela arte, incluindo as ações que envolvam o corpo, mas não somente elas.

O ponto chave para acessar um modo de fazer que requer uma outra racionalidade foi o encontro com a arte e com os saberes ancestrais. Arte em sua expressão ritual pois diz de um movimento estético e expressivo que não visa aprendizados ligados a profissionalização do artista, mas visam alcançar um modo de fazer mais próximo possível de uma criação.

Sendo assim encontraremos ao longo da tese esses movimentos de arte-ritual que denominamos de pari-ções, como gestos de escuta das forças atuantes na e com a pesquisa. Gestos que não buscam representar imagens, mas estão dispostos a apresentar forças para além de humanas que se envolvem nesse trabalho instaurando novos caminhos para o pensar educação e pesquisa.

Dessa forma, apresentamos a primeira pari-ção, realizada para dar início ao ritual de iniciação dessa tese é a evocação ao Orixá Exu. Nesse momento de entrega ao desconhecido, nos apoiamos nas referências trazidas por Rufino (2019; 2021) e suas estratégias para vencer as demandas impostas pela educação colonizada e colonizadora para afirmar um encontro com a encruzilhada. Por isso, abro um espaço para reverenciar Exu, cuja força guia todo início de trabalho.



Meu contato com o orixá Exu se deu em terreiro de Umbanda, por isso, a produção ritualística aqui realizada traz o entendimento e o vibrar dessa energia por meio dessa linha. Na umbanda temos diferenciações no contato com Exu, sendo ele Orixá, também manifestado nos médiuns por meio de entidades que atuam nessa linha orixá. Nessa linha, ele representa o anjo da guarda de cada pessoa, a entidade espiritual da qual temos mais fácil acesso e contato, em nosso cotidiano. Expressa a força da vitalidade, em sua expressão em entidades masculinas, e, a força do desejo, em sua expressão nas entidades femininas, conhecidas como pombagiras.

O orixá Exu, em sua manifestação como entidade guardiã, seja ela pelo aspecto feminino ou masculino, nos permite acessar a proteção para os caminhos materiais, assim como, nos permite acessar as nossas mais profundas sombras, nos caminhos espirituais. Por isso, talvez, ele foi associado à figura católica de demônio, ou anjo caído, anjo que povoa os aspectos sombrios da existência.

Devido a seu aspecto protetor e companheiro que nos leva até as nossas sombras mais profundas, o contato com Exu é também relacionado ao contato com a nossa face feminina, com os nossos instintos, com as emoções mais selvagens de nossa existência. Ou seja, ao encontrarmos com Exu, inevitavelmente nos encontramos com nossa mãe. “Eu sou a sombra que pariu a luz, sou o equilíbrio que a tudo conduz”, diz um ponto cantado de pombagira.

As vivências como médium de umbanda foram os primeiros contatos que tive com a experiência de “tornar-se passagem”, anos antes de pensar em tornar-me mãe. No terreiro de umbanda o trabalho de caridade é feito por meio da incorporação de entidades espirituais, que auxiliam as pessoas que ali procuram por curas físicas, espirituais e por orientações e aconselhamentos.

Esses relatos são aqui apresentados para que possamos melhor explicar de onde chega essa perspectiva de “tornar-se passagem”, necessária para viver um parto, e, passível de ser assumida como uma postura epistemológica, como modo de existência em educação. Não se trata de um método ou orientação para práticas pedagógicas. Pois, tudo isso nos leva sempre ao direcionamento de uma ação. E, aqui, a necessidade é outra. Antes da ação é necessário permissão, entrega, vulnerabilização. Antes da ação, o vazio, o silêncio.

Entendemos o parto como um processo que é passagem para o nascimento e/ou para a morte. Um processo biológico-cultural que nos coloca frente a

possibilidade de, como seres humanos, nos reconectarmos com os movimentos da vida. Ele nos convida a reconhecer o princípio maternal que garante a vida, com a força e a vulnerabilidade que nos acompanha. Nos mostra que é somente com entrega e confiança que podemos permitir que a vida flua através de nós e possamos assim ocupar espaços-tempos outros.

Os modos de existência são ocupações de espaço-tempo, e, cada modo de existência cria o espaço-tempo que ocupa. O espaço tempo dos fenômenos não é o mesmo das coisas, e o das coisas não é o mesmo dos seres imaginários, etc. (LAPOUJADE, 2017, p. 20)

“Exu é poema que enigmatiza a vida, o caos necessário a toda e qualquer invenção” (Rufino, 2019, p. 21). Ele antecede todos os movimentos, é reverenciado nas aberturas ritualísticas pois, “ele é o princípio comunicativo, a substância que fundamenta as existências, a linguagem como um todo”. (Rufino, 2019, p. 23)

Bertherat, Bertherat e Brung (1997, p. 34) explicam que “o hipotálamo é senhor da fome, da sede e do sexo, e também por excelência o senhor do nascimento.” Ele está em ligação constante com a boca, com os olhos, ouvidos, narinas, com a pele, ou seja, com os receptores que fazem fronteira no nosso corpo - que fazem nossa ligação do interno com o externo. Ele é que está em ação para promover a atração de dois seres, masculino e feminino, faz a fusão dessas duas células, amadurece o fruto, e, auxilia para que esse fruto se desprenda quando maduro (por meio da ação dos hormônios que ele produz).

Seria Exu, no nosso corpo, o hipotálamo em ação? Chamar por Exu é também construir bases para apoiar a expansão e alinhamento da visão pesquisadora com as dinâmicas da vida. Para mim, que iniciei o percurso espiritual no terreiro de umbanda, trata-se de um rito necessário para a abertura de qualquer trabalho, assim como para a finalização.

Recorro também a ele, o senhor do desejo, da vontade e da potência criadora, para pedir que quando o tão costumeiro desejo de posse e controle se encostar nesse trabalho, seja direcionado para alimentar a vontade de apossar-se do direito de viver as experiências plenamente, sem excluir o corpo e sem deixar de incluir a alma. Peço também para ter a firmeza de apossar-me desse corpo-pesquisador que aprende da mesma forma que respira e, produzir pensamento, reflexão e aprendizados como uma serpente que se move pela terra, tendo os movimentos guiados pelo ventre.

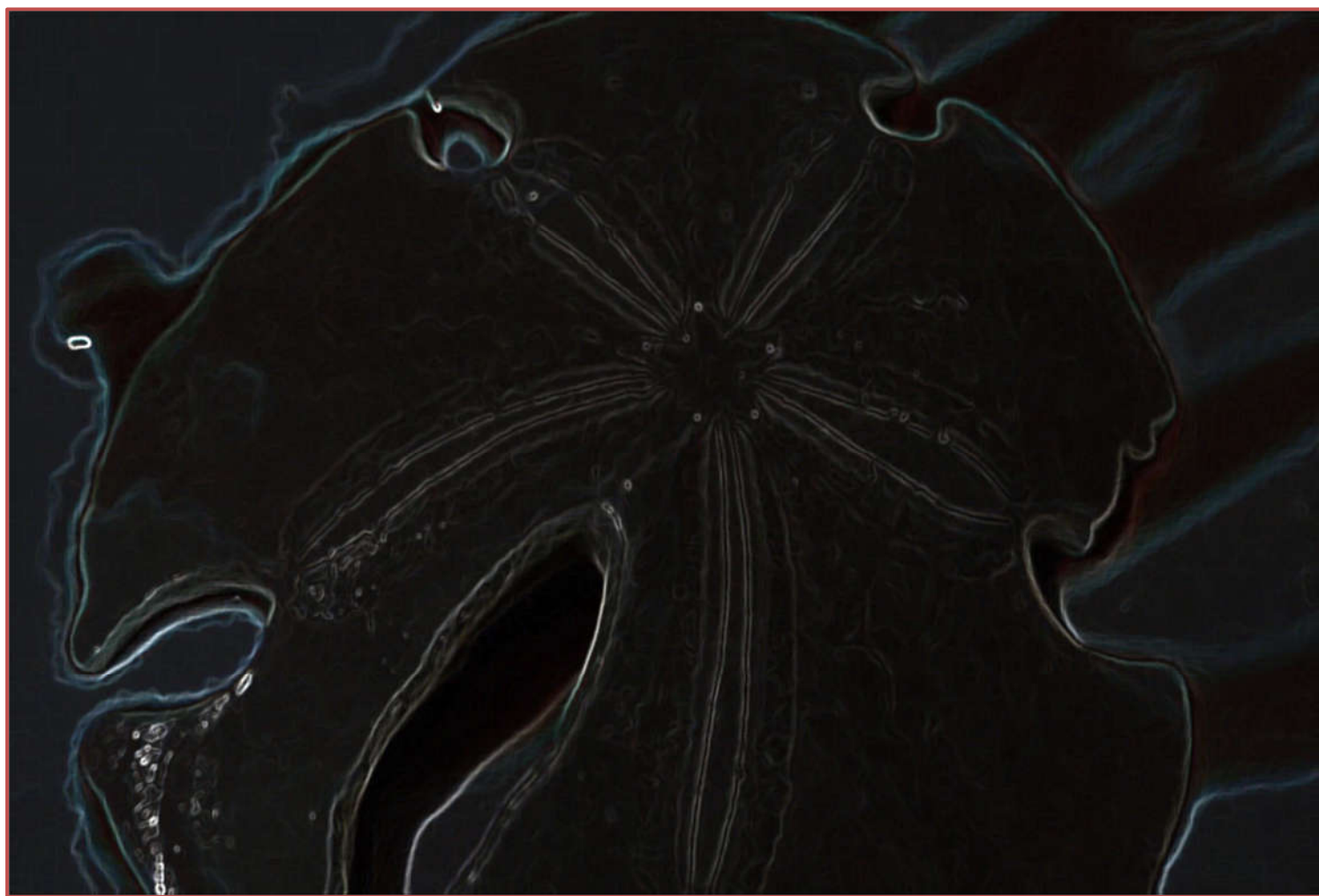


Laroyê, Exu Mojuba!

Com duração de 5min. e 59 seg., segue o movimento de saudação à Exu e de abertura desse trabalho:

[\[https://youtu.be/KPcMNWhPJ1E\]](https://youtu.be/KPcMNWhPJ1E)

## **2. CONCEPÇÃO: ENCONTRO ENTRE OS SABERES DE PARTERIA E DIFERENTES MODOS DE FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO**



Tudo vem de outros corpos, outros lugares, de outros tempos. Os seres vivos estão incessantemente trocando matéria, ideias, formas, e bricolando com seus corpos e espíritos a partir dos corpos e espíritos de outros. Tudo pertencia a uma outra vida, tudo já viveu várias vezes sob várias formas, tudo foi readaptado, reordenado, reformado (Coccia, 2020, p. 129).

Após abrir espaço para que uma relação entre parto e educação começasse a acontecer, começamos a intencional encontros que nos trouxessem mais elementos para enraizar essa relação, tal qual uma célula ovo que começa a se enraizar no útero.

O ovo é o paradoxo de um corpo cujo primeiro objetivo é o de ligar o indivíduo de maneira indissolúvel ao seu entorno. Em todo o ovo, de fato, o ser vivo se fecha com uma porção de 'não sim mesmo' (grifo do autor), uma porção de mundo com a qual ele poderá nutrir-se (Coccia, 2020, p.81).

Conceber significa aqui abrir-se para que uma parte conhecida de nós mesmos se encontre com algo diferente e inicie a partir desse encontro um processo de transformação. Esse diferente não necessariamente é um outro corpo, mas, um outro de nós mesmos, uma outra forma de ver, sentir e tocar o mundo que nos rodeia. Esse mundo, no momento que é visto, sentido e tocado por esse outro-eu que se diferenciou, passa também a se diferenciar do mundo que era. Poderíamos dizer também, a partir de Kastrup (2019), que essa concepção é um modo de *invenção de si e do mundo*.

Ou seja, que esse trabalho opera pelo entendimento de que os processos de aprendizagem que se encontram em curso se fazem pela via da *cognição inventiva*, que, segundo Kastrup (2019, p. 62) “é definida pela abertura para o novo, para o inesperado, para o inantecipável”. Esse novo que nasce a todo instante, é ativado pela corporeidade, pelo contato com a matéria, mas ainda assim, ele não assume uma forma pré-definida. “Trata-se de algo amorfo, pré-objetivo e pré-subjetivo. Matéria de experimentações, que dizem da condição de constituição tanto do sujeito cognitivo quanto do mundo conhecido” (Kastrup, 2019, p. 62). Essas experimentações, seguindo o pensamento de cognição e aprendizagem inventiva de Kastrup (2019), se dão a partir da perspectiva de que sujeito e objeto são formações experimentais, inventadas. Por isso, não tivemos aqui a priori, no início desse pesquisar, uma definição e localização de sujeito e objeto da pesquisa. Dessa forma, essa concepção começa pela criação de oportunidades de ampliar a visão que tinha sobre o parto, por meio da escuta e diálogo com parteiras e pesquisadoras que já conhecia que

estudaram a temática. Trata-se de revisitar lugares já conhecidos com a intenção de ver, escutar, sentir sob uma outra ótica, agora como pesquisadora.

Inicialmente comecei essa exploração do como acompanhar essa pesquisa com a busca de pistas nas leituras, livros e encontros de estudo. Com apoio de Preve, (2010) busquei inspirações metodológicas na cartografia intensiva. Junto do grupo de pesquisa Atlas: Geografias, Imagens e Educação, da UDESC, encontrei outras perspectivas cartográficas importantes que foram afetando o modo como essa pesquisa foi sendo acompanhada: a cartografia sentimental (Rolnik, 2007), pistas encontradas em Passos, Kastrup e Tedesco (2016) e Passos, Kastrup e Escócia (2009) fui seguindo um caminho metodológico amparado pela cartografia.

Assim, um modo de pesquisar processual e relacional foi amparando o envolvimento com a pesquisa. Escolhemos valorizar as experiências entre as pessoas no encontro. Mas, como o método da cartografia abre espaço também para que outros dispositivos entrem em campo, aqui abrimos espaço para dispositivos da pesquisa-criação de Manning (2019) e Wiedemann (2021), com experimentações artísticas e da sociopoética de Gauthier (2012), com o trabalho do grupo-pesquisador. Isso porque essas perspectivas de pesquisa também conversam com a cartografia.

Desse modo, o corpo-pesquisa se (de) forma no acompanhar de seu des-envolvimento e no des-envolvimento do corpo-pesquisadora, abrindo espaço para o envolvimento com modos outros de fazer pesquisa e educação. E, nesse processo, abri-me para encontrar pessoas ligadas à temática da pesquisa, como parteiras e educadoras, produzimos coletivamente experimentações artísticas, oficinas, textos, como o próprio exercício de fazer junto. “Fazer com” como principal propósito, com objetivo de aprender a fazer uma pesquisa aberta às afetações e não apenas como meio de produzir e publicar dados e resultados coletados para pesquisa. Nesse movimento, a pesquisa acontece como meio de aprender com o ato dos encontros e com as reverberações deles.

Nesse modo, os tempos, singularidades e ritualizações trazidas pela expressão da vida e seus fluxos contemplam o modo de fazer a pesquisa e o modo de produção da tese, levando adiante uma parte de nós, de todos e todas que se envolveram com ela. Tendo em vista que a visão de parto, aprendida com as parteiras tradicionais, é um ritual de passagem e de iniciação para a mulher que está parindo e para o bebê que está nascendo, trazemos essa perspectiva aqui também para o modo de fazer dessa tese. Porém, esse ritual difere-se dos modos ritualísticos fechados, em



que a sequência e repetição das ações se apresenta como características comuns. Trata-se de um ritual onde a presença e conexão com o acontecimento e com as forças que amparam e atravessam ele é a característica principal.

Por isso, nessa etapa ritualística, evocamos a força da escuta e da palavra falada, dos saberes ancestrais que conduzem e conduziram até aqui os encontros e os caminhos que se seguiram a partir deles. Faço isso amparada pelas linhas dos conhecimentos xamânicos e pelos ensinamentos dos mestres espirituais da umbanda: caboclos e caboclas, pretos e pretas velhas, exus e pombagiras e ciganos e ciganas, que trabalham na linha dos orixás. Mas, nesse momento, é na força de Oxóssi que me amparo, pedindo firmeza e abertura dos caminhos dos conhecimentos e saberes ancestrais. Para tanto, abro dois pontos cantados, na linha do Orixá Oxóssi, que, na perspectiva da umbanda, rege os conhecimentos e saberes das matas (o local de força de todos os saberes), para dar início à partilha das afetações e rastros que os encontros com as parteiras e pesquisadoras deixaram para compor a (de) formação da pesquisa:

*Tava na beira do rio sem poder atravessar,  
chamei pelo caboclo, caboclo tupinambá...  
Tupinambá eu chamei, chamei e tornei a chamar e á...*

-----

*Caboclo não tem caminho para caminhar...  
caboclo não tem caminho para caminhar...  
caminha por cima das folhas,  
por baixo das folhas,  
em qualquer lugar...*

## 2.1 MAPEANDO CAMINHOS PARA A (DE) FORMAÇÃO DO CORPO-PESQUISA

Minha caminhada pelos saberes do parto iniciou antes de decidir engravidar do meu primeiro filho, pouco mais de oito anos atrás. Na época, conhecendo já algumas parteiras e mulheres que tinham parido seus filhos com parteiras, decidi dedicar-me aos aprendizados sobre essa temática procurando cursos e formações na área de parteria e doulagem tradicional. Nessa jornada entrei em contato com parteiras brasileiras e mexicanas, que atuam em diferentes regiões do Brasil e em outros países da América Latina, no apoio de mulheres e famílias em período de gestação e parto, utilizando saberes ancestrais aliados aos saberes da medicina ocidental.

Por isso, a escolha por abrir diálogos e oportunidades de escuta foram pautadas nos aprendizados que provêm da linha de parteria e doulagem que aprendi, conectada com a oralidade e com os saberes ancestrais. Dialoguei com quatro parteiras, sem uma estrutura prévia para o diálogo, queria que a conversa acontecesse de modo natural e não como uma entrevista. Apenas contextualizei a intenção que me movia: criar um elo e caminhos possíveis para pensar/fazer educação a partir dos aprendizados provenientes do contato com as *artes do parto*<sup>4</sup>.

Convidei inicialmente quatro parteiras que conheci e trabalhei com maior proximidade para apoiarem-me no desafio posto nessa pesquisa: integrar os aprendizados do caminho da parteria e da doulagem com o pensar/fazer educação, em especial, pensar fazer uma pesquisa em educação. Queria ouvi-las agora de um outro lugar, não mais como uma aprendiz ou como uma parturiente, mas como uma pesquisadora que busca pistas para traçar o caminho de sua pesquisa. Então, confirmei as datas com cada uma delas e divulgamos os encontros nas redes sociais com pelo menos uma semana de antecipação. As conversas aconteceram no formato online, ao vivo, por um canal do Youtube criado para compartilhar as ações da pesquisa<sup>5</sup>.

Esse gesto de escuta e partilha a partir de diálogos foi dando os primeiros direcionamentos para os próximos passos da pesquisa. Barros e Kastrup (Passos; Kastrup; Escossia, 2020, p. 57) dizem que é esperado do cartógrafo uma postura de

---

<sup>4</sup> Termo utilizado a partir de uma de minhas mestras parteiras, Naolí Vinaver, com quem fiz o curso “A arte do parto”.

<sup>5</sup> Link do canal do Youtube onde a maioria das conversas foi divulgada: <https://www.youtube.com/@ventrequevibra5666>

abertura para o encontro com o campo coletivo das forças que fazem parte da pesquisa. “Do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para ‘dar língua aos afetos que pedem passagem’ (Rolnik, 2007, p. 23, *apud* Barros; Kastrup, 2020)”. Assim, busquei a atenção concentrada, porém, sem focalização em nenhuma pergunta ou resposta esperada. Para tanto, abro uma breve apresentação de cada uma delas, seguida das partilhas dos pontos do diálogo que mais me tocaram e convidaram a pensar modos de fazer em educação. Algumas partilhas me conduziram a conexões com memórias e experiências vividas anteriormente ao início da pesquisa, que também compartilho aqui.

Antes de começar a partilha dos diálogos, é importante destacar que a escolha por esse modo de iniciar a abertura dos encontros com a problemática da pesquisa ter sido online se deu influenciada pela pandemia do COVID-19. Estávamos em um período que ainda exigia restrições de encontros presenciais. Período em que o pesquisar foi atravessado também por diversas situações que provocavam dúvidas, medos e anseios sobre os passos que seriam possíveis de serem dados pela pesquisa.

No âmbito pessoal, estava passando por um momento em que estava saindo de uma licença saúde e recomeçando o trabalho remoto junto da instituição em que trabalho atualmente, o IFRS. Tudo isso provocava muitas angústias, pois, além de movimentar a pesquisa, estava com os dois filhos pequenos direto em casa, sem suporte de escola, contando apenas com a dinâmica possível que eu e meu companheiro criamos para seguir os trabalhos e cuidar das crianças. Dessa forma, o momento solicitava a adaptação ao modo remoto de trabalho, adaptação às formas possíveis de acompanhar a pesquisa e, criação de um modo possível de conviver com o momento pandêmico. Por isso, e com isso, iniciamos os diálogos primeiramente pelo Instagram, e, no decorrer do percurso descobri como fazer o movimento utilizando o youtube. A utilização dessas ferramentas para fazer lives e gravar vídeos eram para mim movimentos novos e desconhecidos até então. Explicado isso, dou início a partilha das conversas.

A primeira parteira com quem conversei foi a primeira das quatro que conheci. Ela é uma mulher branca, de 48 anos, mãe de três filhos, natural do Rio Grande do Sul, mas reside atualmente em Garopaba/SC. A conheci na ecovila Arca Verde, em São Francisco de Paula/RS, comunidade intencional guiada pelos princípios da permacultura, onde também fui moradora por dois anos e meio. Ela foi uma das

fundadoras da comunidade e lá, nesse território, iniciou sua atuação como parteira e acompanhou mais de dez partos.

Ela compartilhou brevemente a sua trajetória, trazendo informações sobre como iniciou o caminho da parteria e como ela percebia o encontro desses conhecimentos com o campo da educação. Abordou a sua perspectiva de educação, que tem como visão o educar a partir do ventre, entendendo que já estamos aprendendo com nossa mãe ainda antes de nascer e aprendemos muito com ela também no parto, que é o nosso primeiro trabalho. Anotei no meu caderno uma fala dela: “Antes de nascer estamos aprendendo principalmente o seu ritmo, as suas emoções e sentimentos. E, o trabalho de parto, como nosso primeiro trabalho ao nascer, é feito de forma colaborativa, com nossa mãe e com quem a apoia em nosso nascimento”.

Ela afirmou acreditar que o caminho para a cura (pois entende esse modo como um modo doente de se viver) do modo de vida individualista e competitivo de nossa sociedade precisa passar pela abertura de novos caminhos no campo da educação e da forma de nascer. Nesse contexto, comentou sobre a obra de Michel Odent (1982), “A gênese do homem ecológico”, trazendo a seguinte frase: “para mudar o mundo é preciso mudar a forma de nascer”.

A conversa trouxe à tona memórias e histórias de alguns partos que ela sentiu vontade de compartilhar. Enfatizando a importância de permitirmos que a mulher realize os movimentos que ela julga necessários no momento do parto, ainda que pareçam estranhos. Como, um momento em que acompanhou uma mulher em trabalho de parto no quintal de sua casa. Observava que, apesar de terem planejado um espaço com água para auxiliar no trabalho de parto, a mulher sentiu a necessidade de buscar o apoio junto da terra. Preferiu passar muito tempo no quintal, sentindo e tocando a terra. Colocava a sua cabeça junto da terra, em uma posição quase invertida, posição que ficou por alguns minutos. A parteira lembra que esse movimento não consciente da parturiente certamente a ajudou a ajustar a posição do bebê no nascimento, sem a necessidade de que ela e sua equipe utilizassem de alguma manobra de apoio para isso.

Ela fez parte da equipe de uma escola de parteria chamada ESCTA – Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral, ONG CAIS (Centro Ativo de Integração do Ser) do Parto, fundada em Olinda-PE, sendo uma das primeiras parteiras do RS a

atuar por essa escola. A escola hoje funciona como uma rede<sup>6</sup>, tendo sede em diversos países além do Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Argentina, México, Itália, Espanha e França. As outras parteiras que conversei, também fizeram suas formações nessa mesma escola.

Com elas conheci o caminho da doulagem e da parteria e fiz formações nessa escola, onde tive a oportunidade de conhecer pela primeira vez parteiras tradicionais anciãs. Algumas delas hoje atuam de forma autônoma, ligadas a redes de apoio que foram se formando em seus territórios, com outras parteiras e doulas que também atuam como autônomas, sem vínculo atual com a escola.

Da conversa com essa primeira parteira surgiram muitas reflexões sobre a importância de respeitarmos o saber e a singularidade de cada corpo, também no contexto da educação. Falamos sobre o respeito com que as mulheres e bebês são recebidos nesse contexto de parto, e, isso trouxe à tona um importante apontamento para a proposta de fazer educação nessa pesquisa: um olhar atento para criar possibilidades para o descondicional dos corpos e para a expressão e respeito às suas singularidades.

Ou seja, permitir que os corpos aprendentes estejam plenos de presença, expressando a sua potência de vida. Que o aprender não seja considerado como um fazer cognitivo desconectado da expressão da corporeidade, dos sentimentos, emoções e ações que são manifestados por ela. E que o lugar do aprendizado pela corporeidade seja compreendido para além da visão de condicionamento e desenvolvimento físico, voltado principalmente para ações funcionais e dirigidas por alguém externo à pessoa. Trata-se, sobretudo, de um lugar para o corpo expressivo e suas manifestações no fazer de seu processo de aprendizado.

A segunda parteira que dialoguei foi minha parteira-professora nas experiências que tive como doula, junto de sua equipe e parteira que me apoiou nos meus momentos com parturiente. Ela é uma mulher branca, de 47 anos, natural do Rio Grande do Sul e residente em São Leopoldo/RS. Mãe de três filhos nascidos e três não nascidos. Possui graduação em Enfermagem, mas nunca atuou em hospitais. É terapeuta sistêmica, floral e, assim como as outras parteiras com quem conversei, realiza seu trabalho em comunhão com a sabedoria das ervas e tinturas. Na conversa com ela, despertou uma pista importante: Percebi uma informação que se repetiu na

---

<sup>6</sup> Link da rede social: <https://www.instagram.com/esctacaisinternacional/>

fala da primeira parteira: “A parteira que existe em mim nasceu junto do meu primeiro parto domiciliar, quando pude assumir o meu próprio parto”.

Ao escutar novamente essa frase, com pequenas diferenças de contexto, percebi uma importante questão: a parteira nasce ao viver o parto junto de seu (sua) filho (a), feito por outra parteira. Logo pensei: E a (o) educadora (r) em nós, nasce quando? Pensei em como as nossas experiências como educandas (os) (como estudantes) estão moldando o nosso ser educador, muito antes de pensarmos e chegarmos perto de um curso superior de formação de professores. Todas essas parteiras, assim como eu, fizemos aulas, participamos de encontros com outras parteiras, ouvimos histórias de partos, dicas e recomendações sobre diversas situações que podem aparecer em um parto, mas, esses momentos de aprendizados intelectuais, mentais, não ativaram o nascimento da parteira. Algumas delas já haviam sentido esse chamado antes de irem para a escola de parteria, na vivência com seus partos, outras, o despertar aconteceu depois. Mas nenhuma relatou que foi o curso de formação que a fez tornar-se parteira.

Em meio a esses pensamentos e reflexões sobre a formação de parteria, lembrei de uma reflexão bem importante que tive sobre educação, durante a formação, na cidade de Caruaru/PE. Estava na casa de uma parteira tradicional referência na cidade e região. Ela era tão conhecida pelos seus feitos na comunidade que se tornou vereadora do município sem fazer nenhuma campanha eleitoral. Simplesmente se candidatou por incentivo da comunidade e foi eleita.

Naquele momento, sentada no chão junto de minhas colegas de formação, escutando as histórias de parto contadas por ela e outras duas parteiras anciãs que foram convidadas para o encontro, ficamos cerca de duas horas. Durante essa escuta percebi em mim uma alegria imensa em poder estar ouvindo aquelas mulheres. E, tão logo percebi-me alegre e grata por estar vivendo aquela experiência pensei: nossa, que coisa estranha: eu nunca fiquei alegre assim em nenhuma aula ou palestra que assisti na escola ou na universidade, ainda que o tema me interessasse.

Ficar muito tempo parada apenas escutando alguém era e ainda é para mim um grande sofrimento. Meu corpo geralmente se inquieta, dói, e tenho que ficar me movimentando, mexendo em algum objeto, rabiscando algo no papel ou saindo algumas vezes do lugar e voltando, muitas vezes usando da desculpa de tomar água ou ir ao banheiro. Mas, o que havia de ter acontecido de diferente naquele encontro era diferente. Eu estava atenta, além de curiosa com as histórias, e ainda que o chão

não fosse confortável, podia também me mexer quando quisesse, o ambiente era acolhedor e relaxado.

Ouvíamos histórias de parto, histórias de vida, não eram ensinamentos de como devíamos proceder quando fossemos atuar nos partos. Eram ensinamentos sim, mas carregados de seus contextos vividos e contados com emoção, de modo que era possível se imaginar junto, naqueles partos. O modo como elas contavam suas histórias era muito inspirador e instigava os pensamentos sobre modos possíveis de afetar e ser afetado por saberes que temos interesse.

As parteiras de Caruarú contavam sobre as dádivas e os sofrimentos do seu ofício. Seus feitos eram compartilhados sem excluir os momentos ruins, os erros, as dores e as mortes. E cativavam com a alegria expressa no brilho dos seus olhos e no movimento de suas mãos, quando falavam da emoção de receber cada criança que chegava no mundo com ajuda de suas mãos. Elas estavam me mostrando como ensinar e estimular alguém a aprender apenas vivendo e compartilhando histórias de vida.

Ali, naquele contexto, estávamos reunidas para aprender sobre parto, mas, não se trata de aprender e ensinar algo abstrato, não falavam de teorias, conceitos, ainda que compartilhassem, do seu, modo, ao contar as histórias, algumas técnicas que realizavam. Com isso, logo pensei na aproximação dessa experiência com a perspectiva de uma educação viva. Ao escutarmos algo que foi vivido, experienciado e experimentado é como se fossemos transportados para esse campo do saber da experiência que o outro viveu e, sentíssemos o gosto, o cheiro e a atmosfera dela. Talvez tenha sido isso: o sentir do gosto da experiência do outro, senti-me motivada a provar e experimentar alguma experiência similar. Além de escutar as histórias dessas parteiras durante a formação, escutei muitas vezes outras histórias de partos contadas por parteiras e parturientes, e todas as vezes que isso acontecia, despertava-se em mim um desejo imenso de saber mais sobre as artes de parir e partejar.

Fecho então essa brecha de memória trazida pelo encontro com a segunda parteira para seguir compartilhando as afetações dos outros encontros. Conversei com a terceira parteira. Ela também é uma mulher branca, com mais de quarenta anos, natural e residente em Porto Alegre, RS. Tem um filho nascido de parto hospitalar, com intervenções violentas. Viveu alguns anos após a formação como parteira atuando apenas como doula e depois como parteira auxiliar. Relatou que por

muito tempo sentiu-se insegura na atuação autônoma, sem outra parteira mais experiente, apesar de já ter “pegado um bebê”, como elas dizem, sozinha. Ela contou que esse fato aconteceu, ter trabalhado em um parto sozinha, porque a parteira que “assumiu” a responsabilidade do parto teve um imprevisto grave no dia e não conseguiu estar presente junto dela, que atuaria apenas como auxiliar ou doula. Assim, ela foi “pega de surpresa” e teve que acompanhar o parto sozinha.

A conversa com ela foi ao encontro das partilhas sobre o que ela observava ser importante para cada mulher/família no momento do parto. Sobre o respeito aos ritos e práticas de cada família, sobre a importância de se respeitar as manifestações de sagrado de cada família e cada mulher. Afirmou que por entender isso, e acolher as manifestações religiosas e espirituais de cada mulher/família, aprendeu muito sobre outras crenças, outras orações e ritualísticas. Mas frequentemente atendia famílias que compartilhavam com ela das mesmas crenças espirituais, inclusive famílias que frequentavam a mesma corrente espiritual que ela (participa de uma corrente de Santo Daime). Isso a fazia perceber que há também a dificuldade de encontrar acolhida nesse aspecto, com profissionais que atuavam especificamente na área médica/técnica na doulagem e no parto.

A conversa com essa terceira parteira despertou-me para uma importante reflexão sobre como dar um lugar de consideração e respeito para as manifestações religiosas e espirituais que trazemos, tendo em vista que elas muitas vezes são um grande suporte para nosso fazer. Sobre o quanto essa postura de acolher a pessoa em sua inteireza, permitindo que ela expresse seus ritos, orações e práticas religiosas a faz sentir-se respeitada e pertencente ao seu próprio processo de parto. Na sequência desta reflexão, também pensei em como abrir espaço para esse aspecto também nas práticas e na escrita dessa pesquisa?<sup>7</sup>

Após essa conversa ficou muito evidente que era necessário abrir um espaço no fazer dessa pesquisa para que o envolvimento com as forças do espírito pudesse ser visível, tendo em vista que assim é o movimento dessa pesquisa, integrado com os movimentos do espírito. E assim, consegui definir mais um ponto importante na (de) formação da pesquisa: tornar visível que estamos trabalhando conjuntamente com forças para além de humanas. Cada movimento aqui realizado também está

---

<sup>7</sup> Algo que aqui já parece desde o início, foi despertado mais ativamente a partir dessa conversa e, com isso, incluí as manifestações ritualísticas aqui no corpo da tese.



recebendo influência da caminhada espiritual da pesquisadora junto das forças orixás e das medicinas da floresta. E assim, percebendo as afetações produzidas por cada conversa e destacando os pontos que considerei importante para o traçar das linhas dessa pesquisa, seguimos os encontros.

A última parteira com quem conversei trouxe de forma mais direta o encontro com as artes do parto e com a educação. Parteira e educadora, mulher branca, de 38 anos, mãe de três filhos, graduada em História e estudante de pedagogia, natural do Rio Grande do Sul, residente na cidade de Caçapava do Sul/RS. Ela atua como parteira e doula, mas atualmente tem se dedicado mais intensamente ao trabalho da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, fundada por ela, seu companheiro e um grupo de pessoas interessadas em desenvolver um trabalho com o ensino fundamental da rede pública de Caçapava do Sul.

Primeiramente, ela conseguia perceber as linhas que me levaram a conduzir as experiências com os partos para o cenário da educação. Descreveu emocionada como ela percebia as crianças da comunidade de aprendizagem ativas no seu processo de aprendizagem, ao pesquisar temas que eram do seu interesse e compartilharem seus aprendizados de forma espontânea, sem pressão avaliativa ou algo que as obrigasse a mostrar resultados prontos. Ela compartilhou o quanto isso informava a ela sobre a diferença de “parir aprendizagens” e de “fazer nascer um produto de uma ensinagem”. Ela conseguiu entender que a postura que ela tinha, como parteira e doula, era muito semelhante à postura necessária para atuar como educadora em uma proposta onde o foco não estaria em ensinar, mas sim, em acompanhar processos de aprendizagem.

Após a conversa fiquei intensamente alegre com a possibilidade de aproximar-se de uma pessoa que tivesse um contato profundo com as artes do parto e com a educação. Fiquei muito motivada em acompanhar, ainda naquele momento à distância, os processos de constituição da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta. Com isso, passei a acompanhá-los mais ativamente, em suas reuniões semanais, que aconteciam no formato online, e decidi realizar uma experiência presencial junto desta comunidade de aprendizagem, assim que as atividades presenciais retornassem, pois estávamos ainda sob efeito de isolamentos pandêmicos. Esse encontro, portanto, também foi definidor para os próximos passos da (de) formação da pesquisa.

Desse modo, após os quatro encontros, que ocorreram em um período de pouco mais de um mês, percebi que apareceram as primeiras coordenadas para os passos seguintes da pesquisa. Do primeiro encontro destaquei a importância de considerar a questão das potencialidades do corpo e de seu livre movimento, conectado com o processo em curso. Do segundo, percebi a potência das histórias de vida e de dar um bom lugar a elas nesse percurso pesquisador. Do terceiro, apontei a necessidade de tornar visível que essa pesquisa também acontecia conectada com as forças do espírito, e que isso era um aspecto importante do corpo-pesquisadora. E, do encontro com a quarta parteira, surgiu a vontade de acompanhar o movimento da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, de modo a potencializar as reflexões e práticas que pudessem trazer o encontro das artes de parir no campo da educação.

Durante essas conversas também surgiu, por proposição da segunda parteira, a ideia de convidar duas pesquisadoras que conhecíamos e que se envolveram nas temáticas do parto em suas pesquisas, para também dialogarem nesses mesmos moldes. Assim, os encontros, que pensei que se encerrariam com as parteiras, continuaram. A primeira pesquisadora, uma mulher branca, com quase trinta anos, natural da Argentina. Ela desenvolveu sua pesquisa de mestrado investigando as histórias de parteiras anciãs da região central do RS, da qual eu tive a oportunidade de participar da fase das visitas às parteiras, tendo em vista que sua proposta era fazer um “resgate coletivo” das memórias dessas parteiras.

Por meio de sua pesquisa formamos um grupo de mulheres para realizar as visitas às parteiras. Ouvir novamente a pesquisadora e saber um pouco mais desse processo de pesquisa que tive a oportunidade de participar foi muito interessante para acessar outros ângulos desse trabalho. Na época eu não estava por dentro dos detalhes de sua pesquisa, apenas recebi o convite para fazer parte e acompanhar esse movimento de visitas com as parteiras, algo que já era do meu interesse por estar na jornada de estudos de doulagem e partejar. Mas, lembrar aquele movimento e ouvir ela contar de seu processo como pesquisadora, das reverberações de seus estudos, da criação do livro a partir da sua dissertação, me despertou fortemente a vontade de realizar mais etapas de minha pesquisa junto de outras mulheres.

Algo parecido aconteceu ao ouvir a segunda pesquisadora e sua partilha sobre o processo de construção de sua tese. Ela, uma mulher branca, com pouco

mais de trinta anos, natural do Rio Grande do Sul, e residente atualmente na região metropolitana de Florianópolis/SC, realizou um trabalho de doutorado em educação tendo o acompanhamento da roda de gestantes e casais grávidos, guiada por parteiras e doulas em Porto Alegre, RS, como objeto de estudo. Na época eu participei da roda como gestante e conversei brevemente com ela em um dos encontros de sua pesquisa. Mas, escutá-la agora, no lugar de pesquisadora, me ajudou bastante a perceber a importância da sua pesquisa para o campo da educação. E, conseqüentemente, de abordar as temáticas de gestação e parto no campo educacional.

Das escutas com as mulheres pesquisadoras, senti muito forte o chamado para estabelecer a continuidade de um movimento pesquisador coletivo, dando seguimento a esse envolvimento com as temáticas do parto associadas à pesquisa acadêmica. Nesses dois encontros, um sentimento principal foi despertado: a vontade de criar dispositivos que oportunizassem uma criação coletiva, principalmente com grupos de mulheres. Percebi que além de caminhar ritualisticamente, eu queria caminhar junto com outras mulheres, ao fazer a pesquisa. Entendi que isso já estava acontecendo, mas, que deveria criar meios para que continuasse a acolher as vozes de outras mulheres.

Fiz alguns apontamentos importantes sobre a visão de parto que todas elas trouxeram e quais os pontos dessa visão poderiam estar presentes na pesquisa. Percebi a importância de demarcar que essa pesquisa acontece em um campo em que os movimentos pesquisadores poderiam ser considerados ritos que compõem um ritual, que seria a tese, pois assim aprendi com as parteiras a ver e experienciar os partos, como rituais. Esses direcionamentos foram essenciais para pensar em como caminhar durante o pesquisar.

Após o encontro com a última parteira, também surgiu a vontade de conversar com uma educadora integrante da rede de educação viva e consciente, que estava a manifestar uma escola nessa linha no município de Florianópolis. Senti que era possível trazer algumas perspectivas das práticas educacionais alinhadas à vida, difundidas por essa visão de educação. A perspectiva da educação viva e consciente provém de um movimento criado pela educadora uruguaia Ivana Jauregui, a quem tive a oportunidade de conhecer a mais de dez anos atrás, quando visitei a escola Inkiri (hoje Escola Almar), da comunidade de Piracanga, na península de Maraú/BA, durante minhas buscas por modos outros de fazer educação.

Atualmente Ivana dirige um espaço educacional em Serra Grande/BA e a perspectiva de educação que ela desenvolveu junto da ecovila de Piracanga se ampliou e muitos outros espaços educacionais foram criados no Brasil e na América Latina seguindo essa perspectiva. Atualmente, na ecovila, a escola é guiada por uma comunidade de aprendizagem chamada Almar.

A Educação Viva e Consciente tem como base apoiar a livre expressão das crianças e acompanhá-las nesse desenvolvimento. Um desenvolvimento que acontece de dentro para fora e tem no ambiente seguro e preparado o chão para desabrochar. É uma educação que acontece a partir do encontro humano. Um encontro horizontal que tem como base a criação de vínculos afetivos reais que possibilitam que as crianças desenvolvam a confiança que necessitam para a sua evolução. Para que isso seja possível o atuar do educador permeia pilares muito importantes e que sustentam a prática do encontro do adulto com as crianças. (Informações do blog da rede<sup>8</sup>)

Essa perspectiva de educação tem os seguintes pilares. O primeiro sendo a “Observação e não diretividade”, os educadores apostam em uma postura de observadores das crianças e de seu modo de interagir com o espaço, fazendo intervenções pedagógicas junto delas quando necessário, registrando e acompanhando o processo de aprendizagem que acontece. Da mesma forma, é a partir dessa observação atenta que surgem as intervenções também no espaço, de modo a favorecer a aprendizagem das crianças, com uma movimentação e criação do ambiente a partir das circunstâncias que possam ser favoráveis a elas. E o segundo sendo o “Cuidado”, um pilar importante para que a partir da observação as intervenções possam acontecer livres de julgamentos e comparações entre as crianças. Entendendo que os julgamentos sempre surgem quando estamos na relação com as crianças, mas que na medida que eles aparecem possamos aproveitar e escutar os julgamentos que surgem no encontro com a criança e encará-los como um grande e libertador exercício de autoconhecimento para nós, adultos. E, o cuidado com qualitativos e comparações entre as crianças também é importante para evitar um ambiente de competição e capacitismo. Além disso, preza-se também pelo cuidado na comunicação, apostando em uma comunicação simples e não violenta e na possibilidade de abertura para formas variadas de comunicação para além da linguagem falada e escrita.

---

<sup>8</sup> Link de acesso: <https://www.educacaovivaconsciente.com.br/as-bases>

Dessa forma, a partir dessa primeira abertura para encontros possíveis, pontos importantes para o caminho da pesquisa foram definidos: a descolonização dos saberes; Consagração e ritualização dos atos de pesquisa; Coletivização da pesquisa por meio do caminhar junto com outras mulheres e, abrir-se para conhecer e criar possibilidades para pensar/fazer educação com crianças.

Assim, os primeiros direcionamentos dos caminhos da pesquisa foram se desenhando pelas afetações produzidas nos encontros. E, promover encontros passou a ser uma prática definidora de direções. Encontros entre mulheres, encontros com os ambientes à volta, encontros com tudo que comunicava algo referente à temática da pesquisa. Encontros como um alargamento *da experiência*, como diz Rufino (2021), encontros que juntos possam realizar uma “gira descolonial”.

Não basta catar a folha, é preciso saber cantá-la”, é preciso despertar a espiritualidade que reside nela, pois o problema da descolonização não é apenas epistêmico. A questão do conhecimento precisa estar imbricada no caráter ontológico e cosmogônico, já que todo saber se manifesta por meio de um corpo e fala desde um mundo que lhe é próprio (Rufino, 2021, p. 54 - 55).

Entendendo isso e recebendo a guiança da pesquisa a partir das afetações produzidas pelos encontros, passei a dar um lugar para as práticas de arte-ritual, denominadas aqui de pari-ções. Na composição dessas práticas, que foram sendo realizadas por mim e pelas pessoas envolvidas no grupo-pesquisador, permitimos que os movimentos inesperados da vida, como mudanças de rotina, de residência, cidade, mudanças climáticas radicais, entre outras mudanças que atravessaram os planejamentos pudessem se expressar nas pari-ções, por meio de movimentos artísticos e corporais. Todas as pari-ções seguiram a movimentação de um questionamento principal: “O que, neste corpo-lugar-território pede passagem neste momento?”

Essa questão nos convida a pensar a partir de uma concepção de corpo expandido, que o corpo que pesquisa e o corpo da pesquisa estão constantemente sendo afetados e afetando o meio a sua volta. Isso implica dizer que além de pensarmos com a proposição das imagens de um corpo gravídico, pensamos nisso também a partir de uma problemática ambiental. Em um contexto em que corpo e ambiente se misturam e aquilo que toca o corpo-pesquisadora, afeta o corpo-pesquisa, e ambos expressam afetações dos acontecimentos cotidianos, pessoais e globais.

Dessa forma, em muitos momentos, se fez necessário acessar modos de dizer que não são expressos apenas em palavras, na tentativa de compartilhar um pouco, ou os rastros possíveis, dessas afetações. É com a partilha delas que encerramos esse capítulo e essa etapa ritualística.

Na incompreensão, na ausência de respostas, o sentimento de insegurança chega, e com ele, refugio-me para junto do mar. Procuro junto de Iemanjá, orixá da renovação, o respiro e a calma nos dias mais difíceis. Ouço o silêncio e o rumor das ondas do mar. Ora afago e acalento, ora alimento para a turbulência interna que insiste em ir e vir, dançando com as ondas. Busco na integração com o mar e com o resquício dos seus seres alguma lembrança de quem um dia fui, lembranças dos outros corpos que nunca deixaram de ser meus.

Entrego a ela meu sangue, residual de uma quase outra vida, entrego agora ao mar uma parte de mim. E assim, misturando-me com aqueles que ali um dia viveram, consigo acalmar a aceleração de minha mente. Converso com as caboclas da beira-mar e elas me convidam a dançar. À Iemanjá, digo, com o movimento do meu corpo, que alguma parte de mim ainda se recorda da vida maior que um dia compartilhei com todos que coabitam com ela, na calunga grande.

Canto no seu berço de nascimento e renascimento:

“Eu sou a onda, faz de mim o mar, faz de mim o mar, faz de mim o maaaar”

Odoyá, mamãe Iemanjá!”

“Cartografias do Parir”, video-dança de duração de 5 min e 50 Seg.:

[\[https://youtu.be/txqeJuZsyrQ\]](https://youtu.be/txqeJuZsyrQ)

Essa composição visual foi feita a partir de outra criação de video-dança que fez parte de um trabalho apresentado no VI Colóquio Internacional "A educação pelas imagens e suas geografias"<sup>9</sup>, e, uma variação dele foi apresentada no 17º Seminário Internacional Concepções Contemporâneas em Dança: "Estudos interdisciplinares em dança, a transversalidade em cena"<sup>10</sup>, promovido pela UFMG.

<sup>9</sup> Link do trabalho audiovisual apresentado no referido evento: [\[https://youtu.be/ONhJ4AvHlac\]](https://youtu.be/ONhJ4AvHlac)

<sup>10</sup> Link do trabalho audiovisual apresentado no referido evento: [\[https://youtu.be/ZVyeWS7x94k\]](https://youtu.be/ZVyeWS7x94k)

Ele foi produzido com a intenção de escrever o mapa que tinha se desenhado até o momento para essa pesquisa. Um mapa desenhado por imagens moventes, pensamentos moventes, para expressar uma pesquisa movente. Para escreVER de outra forma, e afirmar que o movente é vivo. Se vivo esta, se move. O vídeo que aqui está disposto foi modificado, não é mais o mesmo material que foi apresentado nos eventos. Essas modificações foram feitas com a intenção de concentrar-se nas forças que embalam essa fase da pesquisa, que se encontra ainda no escuro. Expressar a potência do vivo que age no escuro, que age em todos os seres que ainda não nasceram.

Se vivo está, está em dança. A dança cósmica da vida que se faz em todos os corpos. Os movimentos de parir, partir, ir, se fazem presentes quando o corpo consente. Quando não consente, apenas se nasce. Nascer não é um apenas, nascer é também movimento, é talvez o principal movimento que já realizamos, mas, ele continua a acontecer. Aqui, escrevo um texto, e, ele se apresenta como um com-texto, um movimento de imagens e textos, ativados pela vontade de nascer de uma pesquisa.

Portanto, danço e compartilho minha dança para permitir que em mim possam ser criados ambientes de educação e pesquisa em que a vida encontra um meio para se expressar para além das palavras escritas e faladas. Permissão para reativar o desejo visceral de aprender com o processo que acontece quando a vida acontece, em que a vida encontra um meio e algo muda, se adapta, migra...pela necessidade de continuar se des-envolvendo de onde partiu inicialmente. Seja da água para a terra, seja do pensamento para as letras, um parto pode acontecer quando nos tornamos passagem para que o movimento da vida possa se expressar.

Ofereço essa dança como parte da iniciação desse ritual, como um desenho dos movimentos possíveis de serem acompanhados nesta pesquisa. Como mapa que não se interpreta com as noções da razão apenas. Mapa que convida a seguirmos caminhos da sensação, da emoção e da entrega para os movimentos que a vida apresenta. Movimentos que convidam à cura do corpo condicionado, do pensamento limitado e do fazer aprisionado às palavras escritas e faladas.

Escutar então o apetite dos corpos e promover que eles inventem o valor do gosto daquilo que os nutre e afirma existencialmente. Em outras palavras, cultivar uma escuta dérmica, de contato, de contágio, um corpo a corpo... E para que exista um corpo a corpo tem que se compor um comum de vulnerabilidade, fragilidade, exposição e incertezas... um risco, uma vertigem

compartilhada de quem sabe que o corpo esta sempre por se fazer. Uma simetria que escapa ao perigo das abstrações do macro e do micro e se faz meso, se faz meio e pelo meio (WIEDEMANN, 2021, p.44).

Danço para escutar o corpo, essa linguagem é a mais acessível em alguns momentos em que os pensamentos acumulam e pesam. Talvez seja a única forma encontrada de dizer sobre o sentir daqueles momentos. Dizer sobretudo daquilo que não compreendo, daquilo que habita os múltiplos planos do parto e da educação. Dizer sobre o que aprendi com as parteiras que conheci, com as mulheres que me confiaram a mão enquanto estavam parindo seus filhos, com os filhos que me confiaram a vida e morte enquanto estavam nascendo.

Assim, traço um primeiro desenho do mapa dessa pesquisa. E me coloco atenta a observar os direcionamentos que se apresentam pelo caminho. Escutei pessoas, mas também escutei o que o vento dizia, o que o mar anunciava, o que o rio declarava...e nada disso foi possível de ser traduzido em palavras, então apenas tento integrar essas mensagens em meu corpo e produzir imagens a partir delas. E, nutrida por esses encontros, também me disponho a observar como falam as crianças (em especial, meus filhos) e tento aprender com elas a dizer algo que possa expressar para além dos pensamentos.



### **3. GESTAÇÃO: MODOS DE APRENDER E PESQUISAR COM MULHERES E MÃES**





Nunca seremos homogêneos, transparentes, perfeitamente reconhecíveis. A metamorfose não é simplesmente a sucessão de suas diferenças, ela é a impossibilidade de substituir a outra, a coexistência paradoxal dos possíveis mais afastados em uma única e mesma vida (Coccia, 2020, p.53).

A gestação, sob a ótica de um observador externo, pode ser apenas um abrigo de um ou mais corpos, no seu próprio corpo. Mas, vista por quem está gestando, pode ser talvez a maior de todas as transformações que tenhamos lembrança, tendo em vista que esquecemos que todos vivemos essa transformação, como embriões e fetos. Além de carregar e nutrir uma vida com o nosso próprio corpo, produzimos dentro de nós um habitat aquático, onde a história do início da vida animal na Terra pode ser revisitada. Nesse ambiente, que nos tornamos, dia após dia, presenciamos o início da vida acontecendo, até o momento em que as águas pedem passagem para cumprir o seu ciclo.

A gestação é uma etapa de nossas vidas que experimentamos ser um corpo que é ao mesmo tempo individual e coletivo. Quando uma mulher recebe um embrião em seu ventre, o seu corpo passa a se modificar profundamente para criar condições de que esse (s) outro (s) corpo (s) se forme (m). Por isso, apresento aqui a gestação como uma aproximação ao processo de metamorfose. Coccia (2021, p. 74) diz que na metamorfose “uma única vida divide-se entre dois corpos, dois mundos”.

A metamorfose – em todas as formas que analisamos – é a mais poderosa objeção a qualquer teoria que pretenda enumerar tantas vidas quanto corpos existentes e afirmar uma descontinuidade do ser vivo que corresponde perfeitamente à forma das espécies e dos indivíduos. Trata-se de uma teoria da continuidade da vida entre os corpos, de uma doutrina da natureza originalmente multiespecífica e transcorporal do eu e da vida (Coccia, 2021, p.124).

Entendemos que a gestação, como um processo que se assemelha a metamorfose, se apresenta para quem está gestando e para quem está sendo gestado. Trata-se de uma transformação que acontece de dentro para fora, e que não cessa quando nascemos ou parimos. Continuamos sendo gestados pelos ambientes e pessoas à nossa volta, nossa formação continua, assim como a nossa busca por ir além dos limites impostos pelos meios onde estamos, quando eles já não mais garantem a continuidade do nosso processo de formação e (de)formação.

Por isso, para pensar e criar meios para que essa pesquisa pudesse acontecer pelas vias do trajeto da vida, seguindo o percurso da passagem que o novo solicita para chegar ao mundo, entendemos ser necessário dar espaço para que a

multiplicidade que se apresenta no processo de formação dela. Caminho que já começou a ser sinalizado pelos encontros realizados anteriormente com mulheres, parteiras, pesquisadoras e educadoras, sob inspiração da cartografia intensiva (Preve, 2010). E nesse momento do percurso pesquisador, a pesquisa encontra vias de manifestação por meio da formação de um grupo-pesquisador, por inspiração na sociopoética (Gauthier, 2012). Assim, o acompanhamento da (de) formação da pesquisa segue, acolhendo as multiplicidades e necessidades que se apresentaram no decorrer dos acontecimentos do cotidiano.

### 3.1 GRUPO-PESQUISADOR “VENTRE QUE VIBRA”

Não é apenas o que compartilhamos organicamente que pode nos conectar, mas o que passamos a ter em comum porque desempenhamos o trabalho de criar comunidade, a unidade dentro da diversidade, que exige solidariedade dentro de uma estrutura de valores, crenças, e desejos que sempre transcendem o corpo, desejos que estão relacionados a um espírito universal (Hooks, 2021, p.178 - 179).

Como etapa coletiva desse rito de passagem do corpo-pesquisadora e rito de iniciação do corpo-pesquisa, foi criado um grupo-pesquisador, que denominamos de “ventre que vibra”. Com a intenção de aproximar as experiências vividas entre o período de gestação, parto, puerpério e o pensar educação, o grupo foi criado. O movimento de formação desse grupo começou em encontros e partilhas cotidianas com mães integrantes da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta<sup>11</sup>, de Caçapava do Sul/RS. Aproximei-me dessa comunidade, por convite de uma das mães, que é também educadora e parteira<sup>12</sup>, uma das coordenadoras do projeto, com intuito de acompanhar os trabalhos que o grupo vinha realizando junto com uma escola pública municipal.

Vivíamos uma rotina de encontros semanais para compartilhar os períodos de cuidado com as crianças, em momentos em que eles não estavam na escola, e encontros sobre o trabalho que a comunidade de aprendizagem estava realizando junto da escola. Mas, a intenção inicial associada à pesquisa, ao aproximar-me dessa comunidade de aprendizagem era acompanhar o processo de trabalho pedagógico

---

<sup>11</sup> Nesse link encontra-se um vídeo de apresentação do projeto da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, com duração de 1min. e 02 seg.: <https://www.youtube.com/watch?v=1VpK1EjpeAk>

<sup>12</sup> Essa mãe, educadora e parteira é uma das mulheres que participou dos encontros de conversas online que realizamos.

dessa comunidade. Porém, em virtude de atravessamentos vindos do contexto pessoal familiar, precisei reorientar a rota de trabalho. Nessa reorientação, aproximei-me mais do cotidiano familiar das mães do que do cotidiano pedagógico em que elas estavam inseridas.

Dessa forma, é nesse contexto que o grupo-pesquisador surge. Entre um cotidiano de readaptações de rotinas de maternagem pessoal, buscas de apoio para lidar com os processos pessoais e familiares que emergiam e adequações às rotinas das mães que inicialmente se colocaram disponíveis para compor o grupo. Assim, abrimos a proposição para outras mães que tínhamos contato via grupo da comunidade, que é formada em sua maioria por mulheres mães. Algumas mães demonstraram interesse inicial na proposta, mas sinalizaram questões importantes sobre a viabilidade de iniciarmos naquele momento um movimento presencial. Por isso, optamos pelo formato online para a maioria dos encontros. Porém, mesmo em formato online, apenas três mães da comunidade decidiram acompanhar os encontros, e, por isso, abrimos o convite online para outras mulheres que quisessem participar.

A criação do grupo-pesquisador se apresentou como um ventre-lugar que se fez como um convite para olharmos para a matriz dos pensamentos, para o ventre das coisas, dos fazeres, para o modo como nos relacionamos com esses fazeres. Assim, o grupo-pesquisador toma a forma de ventre-lugar da pesquisa, espaço coletivo criado para (de)formar a pesquisa por meios onde a vulnerabilidade e a força dos afetos pudessem se encontrar com os caminhos possíveis de fazer pesquisa. Intencionamos que a força de criação coletiva pudesse ser movimentada a partir dessas possibilidades de manifestação do novo, expresso como um percurso pesquisador singular a ser criado.

Simbolicamente, segundo Leloup (2014, p. 94 - 95), o ventre, para a cultura japonesa, é lugar de maturidade e centramento. Então, no Japão, um ato cotidiano pode ser realizado com o ventre. Por exemplo: servir um chá com o ventre significa fazê-lo de forma centrada, consciente da energia envolvida no ato de servir o chá. Nesse contexto, o ventre pode ser um modo de fazer algo, como “fazer com o ventre”. Ele diz ainda que o ventre, em diversas culturas, simboliza transformação. É o Tanor, recipiente da alquimia, onde o chumbo é transformado em ouro. E, na perspectiva espiritual, é também um lugar sagrado. O ventre é onde acontecem as primeiras e mais intensas relações. Onde o outro é um outro que me habita. Onde posso ser uma

outra de mim, onde podemos experimentar juntos ser dois, três, ou mais, sem limites entre um corpo e outro.

Lugar que acolhe os movimentos do pensamento, que extrapolam os limites da explicação e transbordam para além das palavras, dando espaço para as mais variadas expressões. Bustos (2020) diz que o útero é o órgão central do prazer feminino. Ela afirma que parir com prazer e restabelecer a conexão com o corpo, sentindo os movimentos uterinos, nos permite sentir a vibração dos nossos ventres com prazer. Ela explica que o prazer sentido pela vibração do útero provém da vibração muscular estimulada pelo hormônio da ocitocina, conhecido como hormônio do amor, secretado no parto, na amamentação e no ato sexual.

Dessa forma, o grupo-pesquisador se manifesta aqui como um ventre-lugar, útero de criação da pesquisa. Criado como meio que age com o corpo-pesquisadora, que se coletiviza e se expande no avançar da entrega para as práticas que são realizadas, para (de) formar a pesquisa e dar passagem para a criação da tese. Assim, o convite para a participação no grupo-pesquisador foi lançado com o intuito de olharmos para os processos de concepção, gestação e parto, como dinâmicas que continuam ativas nas relações com as crianças e conosco mesmas, e que estão presentes no modo como as educamos e como agimos em nosso cotidiano.

Esse convite foi feito de forma online, via redes sociais. Compartilhei o convite por todas as redes de onde tive acesso e esperei um tempo de três semanas da publicação para chamar o primeiro encontro. Assim, as pessoas interessadas em participar da pesquisa foram convidadas a entrar em um grupo de uma rede social e ali organizamos uma primeira sala de conversas sobre a proposta. Durante uma semana, após criado o grupo, as mulheres que já faziam parte passaram a convidar outras. Inicialmente entraram trinta e seis mulheres. Dessas, a maioria que saiu nem chegou a participar dos encontros, tinham entrado no grupo sem perceber o aviso do dia da semana e hora que seriam os encontros. Outras, não haviam percebido que seriam doze encontros e saíram, justificando não conseguirem se comprometer em um processo de longo prazo. Tanto as informações sobre o número de encontros quanto do dia e horário constavam no texto que foi publicado no convite.

O grupo se estabilizou com quinze participantes até o primeiro encontro, mas, com participação ativa em todo o processo, foram sete mulheres, mais três que participaram da metade do percurso. Na proposição, planejamos doze encontros, considerando que haveria primeiramente essa ambientação com a proposta, tendo

em vista que precisaremos construir juntas o percurso, que se estenderia por todo o inverno, terminando no início da primavera. O cronograma de encontros foi disponibilizado para todas, quando manifestaram o interesse, assim como um formulário de inscrição (anexo 1), que apresenta a ideia de uma participação como co-pesquisadoras e não apenas participantes que produzirão dados úteis à minha pesquisa.

Inspirei-me em Gauthier (2012) para compor uma proposta de grupo-pesquisador. Ele apresenta a diferença desse formato para um grupo de pesquisa.

O grupo-pesquisador é um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. Costumamos dizer que ele age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido por caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem (Gauthier, 2012, p.78).

Junto da ficha de inscrição foi disponibilizado para as participantes um questionário onde elas puderam descrever brevemente a sua apresentação. Mas, nosso intuito, enquanto grupo-pesquisador, é focar no movimento coletivo e no direcionamento que o trabalho do grupo pode dar para a construção da tese. Por isso, não entraremos em muitos detalhes da apresentação de cada participante. Apresento abaixo apenas uma descrição geral sobre as diversidades e similaridades entre as mulheres que estiveram presentes em todo o percurso ou em mais da metade dele.

Três delas são mães participantes da Comunidade de Aprendizagem Escola da Floresta, uma delas é parteira e educadora da comunidade de aprendizagem. A segunda é educadora voluntária, servidora de uma agência bancária do município de Caçapava do Sul. E a terceira trabalha como artesã, mãe de seis filhos, quatro deles estudantes da comunidade de aprendizagem. Das mulheres que atenderam ao chamado pela possibilidade de participação online, apenas uma delas não é mãe de filhos nascidos vivos. Porém, ela é uma das pesquisadoras do tema da parteria, também participante dos encontros online realizados anteriormente na pesquisa. Das sete mulheres que não participantes da comunidade de aprendizagem, são mães que residem em lugares variados. Duas eram residentes de São Paulo, das cidades de Lorena e Piracaia, uma de São Leopoldo, Porto Alegre e Rolante, no Rio Grande do Sul, uma de Florianópolis, Santa Catarina, e uma da República Dominicana, cidade de São Domingo. De modo geral, a maioria das participantes possuem formação mínima em ensino superior, cinco delas com algum nível de pós-graduação.



Todas são mulheres que buscaram, em alguma fase de sua vida, um olhar mais consciente para o nascimento e cuidado com as crianças, ainda que algumas não tenham vivido o parto e o cuidado com os filhos como gostariam. Quatro delas passaram por situações de violência obstétrica em algum dos partos e quatro também viveram violências domésticas por parte dos ex-companheiros. Uma estava sob proteção da lei Maria da Penha naquele momento. As situações conjugais e financeiras delas eram variadas. Cinco delas estavam casadas ou em união estável, mas dessas, apenas três viviam com os pais dos filhos. Essas cinco se encontravam em situação financeira estável, quatro delas contribuindo financeiramente com a geração de renda da família.

Das outras cinco, três estavam separadas dos pais dos filhos, em situação de dependência financeira parcial de seus próprios pais. Uma vivia com o apoio financeiro escasso dos pais dos filhos e da assistência social do município, e complementava a renda com trabalhos informais. A segunda, possui mestrado, mas não atua na área, teve a filha (naquele momento já adolescente) ainda na adolescência e entregou a guarda da filha para o ex-companheiro, pai da menina, quando ela ainda estava na primeira infância. Ela própria também morava com o seu pai naquele momento, devido a sua situação financeira.

A terceira havia se separado a pouco do companheiro, pai de sua última filha, e morava com os três filhos, com a mãe e a irmã, que também tinha uma filha criança. Ela possui formação superior, mas não atua profissionalmente na área de formação, e estava fazendo pós-graduação. A quarta, vivia com a filha na casa dos pais, onde também morava a avó, porém, seu trabalho garantia o sustento dela e de sua filha. A quinta, que também estava separada do pai do filho, engravidou como plano de uma relação homossexual com outra mulher, mas, naquele momento vivia sozinha com o filho e tinha o principal sustento financeiro do próprio trabalho, desenvolvido na linha em que fez a sua formação superior.

Esse breve relato se faz aqui presente para expressar um pouco dos mundos diversos que cada mulher trouxe para o grupo, ainda que existisse um ponto de congruência que atraiu a todas: interesse por parto e educação. A maioria das mulheres que decidiram ficar no grupo criaram rapidamente um sentimento de pertença e confiança na entrega para o processo que se iniciaria. A seguir apresentamos os principais movimentos que aconteceram nos encontros do grupo-pesquisador. Foram 12 encontros semanais, com início na primeira semana do

inverno e final na última semana dessa estação, que tiveram uma duração média de duas horas.

### 3.2 SOBRE OS ENCONTROS DO GRUPO-PESQUISADOR

Nosso primeiro encontro foi de apresentações. Vieram sete mulheres, dessas, apenas três continuaram até o fim. Outras foram chegando nos encontros seguintes, até que estabilizamos com dez participantes no primeiro mês. Os dois primeiros encontros foram um misto de apresentações das participantes e apresentação do trabalho de pesquisa, das produções que já tinham sido realizadas até o momento. Aquelas que chegaram a partir do terceiro encontro, disponibilizei a gravação dos primeiros para que elas, se quisessem, assistissem para conhecer um pouco mais as demais participantes assim como a explicação detalhada da proposta.

Expliquei a proposta do grupo, informando que criaríamos um percurso pesquisador juntas. Falei que as nossas produções poderiam ser feitas considerando diversas expressões, escrita, cantada, desenhada, entre outras manifestações artísticas, para que pudéssemos acessar modos de expressar os nossos pensamentos, sentimentos e emoções, para além da racionalização e da construção de ideias e conceitos.

Desse modo, as expressões poderiam ser compartilhadas durante os encontros, mas também fora do horário desses, tendo em vista que ficaríamos conectadas por meio do grupo da rede social. Porém, conversaríamos sobre elas durante o momento dos encontros. Os assuntos definidos para cada encontro dariam um direcionamento para os diálogos. Deixei claro também que nenhuma atividade seria obrigatória, porém, que seria importante que elas avaliassem a disponibilidade para participar de, pelo menos, mais da metade do percurso dos doze encontros, pois a participação delas estaria compondo o movimento pesquisador.

A partir do terceiro encontro passamos a utilizar alguns passos indicados por Gauthier (2012) para a condução dos encontros, tais como técnicas de relaxamento (meditação guiada, música guia para abertura dos encontros, meditação sonora) para começar os encontros. Estratégias e exercícios que estimulam o desenvolvimento da consciência corporal e rodadas semanais de partilhas de autoavaliação também foram utilizados no início dos encontros. Nesses momentos as co-pesquisadoras poderiam compartilhar seus registros pessoais oriundos de diários, anotações pessoais,

desenhos, e demais expressões que realizassem como efeito de reverberação dos encontros.

Como estímulo à consciência corporal, disponibilizei áudios com exercícios de antiginástica gravados<sup>13</sup>, lidos da obra “quando o corpo consente”, de Bertherat, Bertherat e Brung (1997). Esses exercícios haviam sido gravados para compartilhamento com uma gestante que estava acompanhando, e, no decorrer dos encontros, resolvi compartilhar com o grupo. As participantes receberam a indicação de um exercício por dia, a ser feito no horário que cada uma quisesse, sem obrigatoriedade de serem feitos.

A partir da inspiração em Gauthier (2012), compartilhei com as co-pesquisadoras que poderíamos escolher técnicas variadas para a produção de dados, chamados pelo autor de “confetos (conceitos + afetos)”. A escolha das técnicas pode ficar a critério do pesquisador-facilitador ou pode ser escolhida conjuntamente com o grupo, a depender do direcionamento que se quer dar para os dados. No nosso caso, conversamos sobre estratégias que permitissem que o acesso ao inconsciente e a manifestação de uma criação artística fossem facilitados.

Dessa forma, além de estabelecermos produções artísticas por meio de sons, imagens e vídeos, escolhemos utilizar regularmente a tiragem de uma carta de tarot (o tarot de Marselha foi o escolhido) por encontro, com a leitura da interpretação da carta feita pela obra “O caminho do tarot” de Jodorowsky e Costa (2016). A utilização de cartas de tarot e outros oráculos é uma das estratégias que Gauthier (2012) utiliza para os trabalhos da sociopoética. Ele indica (ibid., p.81) que independentemente da estratégia escolhida, “o importante é que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem à pesquisa e deixem surgir os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, “melhorar” o que vai surgindo”. Esse é o principal critério para a fase de produção de dados da pesquisa: a entrega para o desconhecido, o impensado, o imprevisível. Temos um tema gerador das problematizações, e, o caminho que elas vão tomar não controlamos.

Nesse contexto, os encontros foram programados inicialmente para atender o seguinte caminho, sendo dois encontros de cada tema: relação, concepção, gestação, parto, maternagem e para organização das intervenções artísticas. Assim,

---

<sup>13</sup> Link da playlist criada para organizar as gravações dos exercícios propostos: <https://youtu.be/mKag1QTOUml?si=DH-45BZoutgGb-nJ>

a proposição inicial foi pensada a partir do caminho de trabalho com grupo-pesquisador indicado por Gauthier (2012). Compreendendo etapas de relaxamento, produção de dados (a partir das técnicas escolhidas), autoavaliação contínua, contra análise e socialização dos dados produzidos.

Já descrevemos acima sobre as técnicas de relaxamento escolhidas. Agora falaremos sobre a produção de dados. Os dois primeiros encontros, guiados pelo tema gerador “Relação” serviram para compartilharmos um pouco sobre a história de vida de cada uma e os agentes motivadores de estarem participando dessa pesquisa. Apesar de disponibilizar um questionário para as participantes responderem, priorizei a escuta ativa das apresentações como fonte de reconhecimento da realidade de cada uma. Assim, cada uma se apresentou e falou um pouco sobre suas vivências do momento e suas experiências com a temática do parto.

É importante destacar aqui que quando damos ênfase para o parto estamos colocando em evidência o processo do nascimento e não o resultado dele. Ou seja, o que nos interessa acompanhar é o caminho que conduz ao nascimento, e, por isso, trouxemos o olhar para as fases que antecedem o parto, como acontecimento em si. E, nesse caso, na contextualização dessa pesquisa dentro da temática educacional, nos interessa primeiramente oportunizar e acompanhar o processo de produção de uma pesquisa que se desenvolva a partir de suas singularidades, alinhada com uma perspectiva criadora de novos caminhos para o fazer/pensar educação.

Assim, para os encontros guiados sob a temática da concepção escolhemos falar sobre processos de integração. Nesse contexto, falamos sobre polarizações entre ideias e conceitos sobre o que é considerado “bom e ruim” nos acontecimentos de partos e nas escolhas de perspectivas educacionais. Partimos das ideias pré-concebidas e dos nossos pré-conceitos com essas experiências. Como, por exemplo, a problematização de que “qual a melhor forma de nascer?”, “a cesariana é boa ou ruim, para a mãe e para o bebê?”, “Qual o melhor lugar para se nascer?”, e, avançando para vivências de maternagem e educação, seguimos essa mesma linha de problematização: “qual a melhor escola?”, “qual a melhor pedagogia?”, “o que é melhor para os processos de amamentação e para desmame?”. Entre outras questões que foram problematizadas.

Iniciamos identificando primeiramente as polaridades que começam a aparecer quando buscamos um caminho de escolhas mais conscientes para o materno e educar. Porém, o intuito de colocar o foco da discussão na integração era

justamente dissolver essas polaridades. Isso porque, independente do que e como fizemos o que foi feito, fizemos e faremos sempre o melhor possível. E, o melhor possível é muito diferente para cada uma. Assim, apesar de termos caminhos sinalizadores de vias mais amorosas e mais atentas às necessidades das mães e dos bebês e crianças, é necessário perceber que os fatores externos às nossas escolhas de uma forma ou de outra também influenciam no resultado possível para cada situação. E, mais ainda, que o processo importa mais que os resultados, e, por isso, sempre importa atentarmos para o “como” queremos conduzir as situações, para além de “onde precisamos chegar”.

Nesse contexto, compartilho algumas falas que chegavam e que nos permitiram trabalhar essas questões<sup>14</sup>:

[1] *Eu já tinha passado dos quarenta anos, em muitos aspectos sabia que estava pronta para ser mãe, mas, temia as limitações de meu corpo. Contratei a melhor equipe de apoio de parto que tive acesso, aluguei um quarto de um hotel na frente do hospital onde iria parir, para poder viver todo o trabalho de parto com minha equipe, mas, não consegui suportar a dor e precisei ir para o hospital e fazer uma cesariana. Sinto-me em luto pelo parto que não vivi.*

[2] *Eu já tinha a experiência de parir dois filhos em casa, já havia acompanhado outros partos como doula e parteira, mas, precisei de muito suporte no meu terceiro parto. Todas as informações de como deveria agir, do que era certo a fazer só me atrapalharam. Demorei para entregar-me, e isso foi o que mais me atrapalhou. Encontrei força para continuar no olhar e na firmeza do meu primeiro filho. Naquele momento ele era um gigante, me apoiando e ajudando a trazer o seu irmão para o mundo.*

[3] *Eu passei por tudo no parto sem reclamar. Sofri e jurei para mim mesma que nunca mais queria ter filho, e pensava como algumas mulheres passam por isso tantas vezes. Até que um dia ouvi alguém falar sobre violência obstétrica, procurei saber mais sobre o assunto e percebi que tudo que eu passei foi violência. Eu fui violentada e achava que era normal, que era assim mesmo.*

---

<sup>14</sup> Falas anotadas no meu caderno de campo durante as vivências com as participantes.

Essas três falas nos permitem ter um breve acesso ao cenário de incertezas e falta de controle sobre o que vai acontecer quando estamos vivendo um parto. E, essa questão se apresentou em muitos outros relatos, inclusive em situação de vivência de perda gestacional. A entrada no mundo da maternagem nos conduz à entrega, apesar de termos o aparente domínio sobre tudo que acontece com a vida está sendo gerada no nosso corpo. A gestação e o parto nos tiram da segurança e do controle de nossas ações, e somos levadas a deixar de lado nossas certezas após um parto.

Esse estado passa a ser uma premissa na maternagem, quando vivemos dia após dia a necessidade de mudança de postura, ritmo e adequação à nova realidade que cada filho traz consigo. Com isso, aquilo que inicialmente parece ser um cenário comum a ser compartilhado, se abre para que as multiplicidades possam aparecer e para que possamos enxergar que não há caminhos certos ou errados, há apenas o caminhar e com ele a possibilidade de ampliar a percepção dos aprendizados em cada experiência vivida.

Com isso, o acesso às memórias e às experiências vividas nessa fase nos faz perceber que os momentos mais intensos de preparação e chegada de uma nova vida nos levam a desafiar nossas certezas e recriar as estratégias e conceitos que antes eram estáveis. Conversar sobre essas experiências trouxe para o grupo um movimento em direção à despolarização de muitas idealizações que ainda insistem em vir quando pensamos nos caminhos educacionais. Revisitar e atualizar o estado de “continuar sendo passagem” nos trouxe possibilidades de problematizações dos caminhos e soluções prontas trazidas também pelas diversas pedagogias que conhecemos.

Nesse sentido, vimos como uma necessidade o olhar atento para o momento presente, para o que cada situação pede e para a singularidade de cada ser que se envolve com ela. Estado que nos coloca em constante transformação e adequação com o movimento que permite com que a mudança de postura, interna e externa, possa acontecer. Ou seja, enquanto ficamos na idealização do que é certo, correto ou ideal a ser feito, não conseguimos dar passagem para a transformação que cada situação nos convida a viver.

Seguimos com essa proposta de integrar polarizações, abrir-se para a transformação que o momento/situação/acontecimento nos traz e revisitar o estado

de “tornar-se passagem” para o novo, o desconhecido, também na ordem dos pensamentos e conceitos prévios. E isso passou a acontecer também com a estrutura previamente criada para a condução dos encontros. Fomos nos abrindo para integrar meios outros de produção de dados e indicadores de sinais para os caminhos da pesquisa. E, nesse percurso, atentas às partilhas que aconteciam a cada início dos encontros, começamos a presenciar a entrada de relatos de sonhos (dormidos), e a possibilidade de eles estarem nos trazendo o campo que sinalizamos como potencial para dar espaço ao desconhecido e ao inconsciente.

Essa proposição aconteceu durante uma das partilhas iniciais, onde uma co-pesquisadora trouxe o sonho da noite anterior para compartilhar. Os sonhos são também portas para condução dos caminhos para muitos povos indígenas, eles são considerados também oráculos, como sinalizadores daquilo que conscientemente não estamos conseguindo ver. Assim, escolhemos fazer anotações dos nossos sonhos dormidos no dia anterior ao encontro. Então definimos que eles poderiam ser uma outra estratégia para trazer direcionamentos para a pesquisa por uma outra via, que não apenas a racionalidade. Estabelecemos que em cada encontro, nos momentos iniciais, abriríamos um tempo para as partilhas de como foram os processos da semana e quais sonhos lembravam e gostariam de compartilhar.

Para amparar a conversa sobre os sonhos compartilhei com o grupo-pesquisador o vídeo “Ciclo dos sonhos – Desenho – Sonho”<sup>15</sup>, que apresenta o diálogo entre Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro. Dessa forma, no quinto encontro dialogamos sobre a perspectiva apresentada no vídeo, também com apoio da obra *Oráculo da Noite*, de Ribeiro (2019). Essa partilha de materiais gerou o interesse do grupo pela criação de uma pasta online para o compartilhar de materiais de leituras e vídeos, e assim foi feito.

A escolha por acolher os sonhos também foi identificada como uma estratégia que nos coloca em proximidade com o estado fisiológico necessário para parir, segundo Odent (2000). Ele indica que o estado de entrega para o sono requer em nós critérios muito semelhantes aos que um corpo em processo de parto necessita: pouca luminosidade, baixa dos estímulos de fala e demais estímulos sensoriais no ambiente, sentimento de segurança e confiança, entre outros critérios que podem ser individuais e singulares de cada pessoa. Mas, de uma maneira geral, ambos os eventos, entrega

---

<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/live/g92X3G832pY?si=9F4LQKTyZ2dw2mC>

para o sono e entrega para parir, requerem um estado de redução da atividade do neocortex. Ou seja, necessitam de um ambiente favorável para que uma reorganização interna aconteça, reorganização que é bem diferente da requisitada para as nossas funções cotidianas, principalmente associadas ao intelecto.

Nesse contexto, Odent (2000, p. 35) utiliza da analogia com o sono para nos convidar a refletir sobre a ideia de necessidade de suporte para parir, ou seja, da necessidade de um condutor ou condutora para guiar o parto, seja profissional médico ou parteira. Ele comenta a seguinte situação: “Imagine que um menino não consegue pegar no sono sem a presença de sua mãe. Nessa situação, não consideramos que a mãe é uma “pessoa suporte” para que ele acesse o sono.” Nesse exemplo, conseguimos perceber mais facilmente que a necessidade presente é de segurança, e não de alguém que o guie para a entrega necessária ao sono. Por isso, em ambos os casos, parto e sono, o que precisamos é sentir segurança para entregar-se ao desconhecido. “É necessário sentir segurança para reduzir as atividades do intelecto” (Odent, 2000, p. 35)

Com isso, dar passagem para os sonhos se apresentou como uma outra possibilidade de abrirmos o caminho de expressões que vem de um lugar onde o intelecto não controla. E, com isso, os sonhos compartilhados nos apresentaram uma possibilidade de trabalhar com matérias que se aproximam daquelas que podem surgir em momentos de parto. Essas matérias, chamadas aqui de pari-ções, tem sido um componente importante para compor com os pensamentos que se envolvem com essa pesquisa. As pari-ções ganharam identificação por meio de expressões artísticas, e, por isso, assim também foi intencionada a presença delas como produção de dados no grupo-pesquisador.

Inicialmente identificadas como estratégias importantes para a produção dos dados, enquanto estava trabalhando individualmente, sem o apoio do grupo-pesquisador, as pari-ções expressam a abertura da via do inconsciente na pesquisa. Dessa forma, identificamos que os sonhos poderiam também ser trabalhados pela linha das produções artísticas. Entendendo essas produções artísticas não como material a ser analisado, seja esteticamente ou conceitualmente, mas, como via e caminho para a manifestação e materialização daquilo que pode passar para ser apresentado na pesquisa.

Dessa forma, seguimos afinando o alinhamento desse caminho nos encontros seguintes. Conversamos sobre como e quais os principais sentidos que poderiam ser



expressos em cada fase das expressões. Iniciamos falando do ambiente uterino, do ventre...e dos sons que escutamos desde esse lugar. Tendo em vista que antes de ver o mundo nós o escutamos, e, tendo em vista também que antes de sentir o movimento do embrião em nosso corpo, nós geralmente o escutamos, por meio das batidas do coração, com apoio dos aparelhos de escuta e nos exames de ultrassonografia. Ao falar sobre os sons que entram e saem do nosso corpo, falamos também sobre as diferenças sutis que podem existir entre limites e contornos. Sobre quando cada uma dessas manifestações, de limite e contorno, são necessárias no nosso cotidiano com as crianças.

Essas reflexões nos convocam a aumentar a nossa consciência sobre as influências que os ambientes e seus sons podem ter diante dos aprendizados de cada pessoa. Do quanto os bebês recém-nascidos, em geral, também estão supersensíveis a todos os sons que chegam até eles, pois estão vivenciando todas essas interações pela primeira vez. O quanto as mães, em fase de puerpério, tendem a equilibrar a sua sensibilidade com a do bebê, ficando também em estado alterado de sensibilidade.

Fazer essa aproximação com os sons também nos convida a pensar e problematizar a noção de limite do nosso corpo físico com relação ao entorno. Isso porque um som não é apenas algo que chega até nós e esbarra no limite material que a pele impõe. Ele entra no nosso corpo, não apenas pelos ouvidos. O som, com sua natureza de onda, nos atravessa, entra em nosso corpo e tem a capacidade de modificar o nosso ritmo interno. Pensar com ele também nos convida a refletir sobre a necessidade de termos uma condução singular diante de cada situação e cada pessoa, tendo em vista que cada um de nós recebe e se organiza ou desorganiza internamente de forma diferente, diante dos sons que chegam até nós.

Nesse momento surgiram partilhas que já nos levaram à fase do puerpério, com relatos de experiências das sensações que essa fase trouxe e a relação delas com o fato de termos que oferecer ao bebê recém-nascido uma experiência de extero-gestação, nos primeiros meses de vida. Porém, o que passa a ficar cada vez mais evidente a cada momento de partilha são as dificuldades enfrentadas por nós, mães, em cada uma dessas fases e o sentimento de incompreensão e falta de apoio para lidar com os próprios processos e ainda necessitar dar apoio aos processos dos filhos recém-nascidos. A partir desse lugar, nos perguntamos: quais foram as estratégias mais potentes encontradas para nutrir a conexão entre mãe-filho diante de todas as

dificuldades encontradas? Nesse contexto, surgem relatos de momentos em que mãe e filhos encontram-se por meio das canções de ninar.

Nesses relatos surgiram lembranças de canções de ninar que eram cantadas aos filhos desde a gestação, e de outras formas de conexão que elas consideravam pertinente de compartilhar. Sobre o quanto percebiam que seus filhos identificavam a voz materna e atentavam para ela de forma diferente quando cantavam canções que já tinham sido cantadas durante a gestação. Durante esse processo, uma de nós compartilhou com o grupo uma canção de ninar que criou junto do filho mais novo (na época ele estava com três anos e meio). A canção é chamada de ‘Mãezinha da Terra’, uma alteração da canção popular conhecida como ‘Mãezinha do céu’.

*Mãezinha da Terra, eu não sei rezar, só sei dizer, quero te amar.*

*Todas as cores é teu manto, todas as cores é teu véu.*

*Mãezinha eu quero te ver aqui na Terra.”<sup>16</sup>*

A partilha dessa canção provocou uma conversa sobre a relação de distanciamento que nos colocamos com relação à Terra. A canção de ninar “mãezinha do céu”, ressignificada pela mãe e seu filho, nos convidaram a entrar na problematização sobre a nossa relação com a Terra. Dedicamos um tempo para essa reflexão e dela surgiram também novas problematizações, associadas ao campo da educação: Como poderia ser pensada uma educação a partir de uma imagem que nos coloca como parte do corpo da Terra? Como seria pensar uma educação que nos conduza à percepção de que a mãe Terra não está inteiramente disponível à todas as nossas necessidades, que possui limitações terrenas, como nós, mães humanas? Como seria pensar uma educação que priorize as necessidades da mãe, para que ela, tendo os seus limites respeitados, pudesse assim garantir o sustento, a nutrição e o cuidado para ela e para os seus filhos?

Assim, quanto escutamos a canção compartilhada problematizamos essas questões e o modo de ver a mãe terrena e a Terra como uma mãe. Questionamentos que nos levaram a problematizar a nossa relação com o planeta Terra, não mais como um lugar a ser habitado apenas, mas, como um corpo do qual fazemos parte.

---

<sup>16</sup> Link da gravação da canção “Mãezinha da Terra”: [<https://youtu.be/ttBrG1XszA8>], com duração de 35 segundos.

A canção recriada, por sua vez, nos convoca a um lugar onde mãe e filho cantam à mãe da Terra, evocando o sagrado presente em todos nós, seres da Terra, e com isso, chamando por um modo de cuidar que todos podemos assumir, uns com os outros. E, ao afirmar que a mãe da Terra é envolta por um manto e véu de todas as cores não excluem ninguém, nem priorizam alguns. Ao contrário da “mãezinha do céu”, da canção popular, que possui manto azul e véu branco, e encontra-se distante de nós, no céu.

Assim, a partir dessas reflexões, fomos nos abrindo caminho para que as expressões da voz das mulheres e mães presentes pudessem ser compartilhadas. Falamos do quanto a expressão da voz pelo canto, sem intenção de performance ou técnica vocal, foi reprimida em nós com a ideia de que cantar é coisa para artista profissional, da mesma forma como aconteceu com o dançar. Falamos do quanto a liberação dessas expressões são necessárias para o desenvolvimento sadio de uma criança e jovem e, o quanto nós, adultos, ao reprimi-las em nós, também tendemos a reprimi-las nas crianças.

Nesse contexto, algumas mães do grupo trouxeram relatos de que essas expressões passaram a ser reativadas no exercício da maternagem, ao cantar para os bebês e dançar com eles. Algo que tinha ficado guardado e fechado desde a infância encontrou um meio de liberação junto do contato com os filhos. Assim, outras partilhas foram acontecendo e canções foram compartilhadas, junto da alegria de lembrá-las.

Assim, pouco a pouco, abrimos caminho para a passagem das expressões por meio da voz, também pela via do canto. Algo que nos aproxima de outras culturas como dos povos indígenas e de grupos afrodescendentes, que trazem o canto como expressão cotidiana, que está disponível a todos, e não apenas aqueles que “sabem cantar”. Um canto como manifestação da expressão e conexão entre as pessoas e como meio de conexão com a Terra e com os fazeres cotidianos.

Uma participante também compartilhou, alguns dias após esse encontro, que, inspirada pelo movimento do grupo-pesquisador, lembrou com o filho, que hoje está com 18 anos, as canções que ela cantava para ele, quando criança. Ela nos encaminhou o áudio<sup>17</sup> com três canções cantadas naquele momento. Essas partilhas

---

<sup>17</sup> Áudio compartilhado, canção de mãe e filho, com duração de 2 min. e 4 seg.: [<https://youtu.be/WPYoNqGgYE4>]

de áudios, assim como as demais produções que aqui compartilhamos foram autorizadas pelas participantes a comporem o texto do trabalho desta tese.

Após o início das partilhas sonoras das canções de ninar, recebemos outra participante no grupo. Ela logo se inteirou dos assuntos e das partilhas, e, também pediu para compartilhar com o grupo um áudio com a leitura de um poema, chamado “cântico negro”. Esse ponto foi bem importante para o grupo pois, de uma forma ou de outra, mesmo estando entre mulheres diferentes, de diferentes locais do Brasil e também de fora dele, existia um fio bem definido em nossas semelhanças: um ideal de compromisso com a importância do resgate da maternagem por parte da comunidade inteira, não somente da mulher, e essa participante trouxe uma proposição mais ampliada sobre essa questão, do quanto é sacrificante para a mulher assumir a maternagem sozinha.

A sua presença ampliou a percepção dos pontos sobre um outro lado da história do maternar: o lado das mães que não suportam assumir esse compromisso imposto pelo patriarcado e, não somente questionam assumir esse papel sozinhas, mas, abdicam dele. Suas experiências de maternagem destoavam da maioria, ainda que tivéssemos uma participante que não havia experimentado essa experiência de ter filhos, ela concordava com as nossas perspectivas. Já essa co-pesquisadora recém-chegada movimentou mais intensamente esse olhar sobre a necessidade de considerarmos os limites reais de uma mãe, e as suas necessidades. Tendo em vista que para que ela tenha condições de cuidar, ela precisa também ser cuidada.

O seu ponto de vista enriqueceu as discussões. As perspectivas vindas de uma mulher que renunciou à maternagem nos possibilitou mobilizarmos várias questões sobre as necessidades de uma mãe para que ela possa maternar. Dessa forma, dialogamos com essa questão numa perspectiva de gênero, considerando o quanto essa postura se diferencia quando o “não querer ou justificar não poder” assumir o cuidado de um filho é assumida por homens e mulheres. De fato, percebemos mais profundamente que a cultura de cuidado é muito distante ainda das nossas práticas cotidianas e que a dificuldade de aceitação social e de autoaceitação, por parte da mãe, quando há recusa em exercer os compromissos de cuidados parentais pesa imensamente mais sobre a mulher do que sobre o homem.

O grupo então assumiu um olhar mais amplo e crítico sobre os processos que estávamos dispostas a construir juntas. E, ter experiências diversas no grupo possibilitou também irmos mais facilmente ao encontro do ponto principal da reflexão

que o tema trazia: os processos de conceber, gestar e parir, com todas as implicações que eles trazem. Viver os processos é justamente isso: assumir o caminho e o que acontece na caminhada como principais, não apenas olhar para os fins ou objetivos do caminhar. E mais uma retornamos à questão da ampliação desse olhar a partir de nossa postura diante dos desafios que temos diante das condições atuais do nosso planeta. E assim, as proposições iniciais e as intenções primeiras sobre o pensar uma educação voltada para o cuidado com as crianças foi se dissipando, e uma nova direção de problematização foi surgindo. Como seria pensar uma educação e uma educação ambiental, a partir do cuidado com a relação mãe-filho, entendendo esses não como indivíduos separados, mas, como seres que coexistem e coabitam um mesmo corpo?

Como pesquisadora, identifico que essas problematizações assumiram um espaço que, para Gauthier (2012), pode ser entendido como contra-análise, e, a partir delas, abrimos outras problematizações seguintes e construímos os confetos da pesquisa, que aqui levam o nome de pari-ções. A produção de confetos não pretende elaborar conceitos nem reflexões puramente racionais, são estratégias onde o principal guia é a mobilização do corpo inteiro como fonte de conhecimento, mexendo ao mesmo tempo com o intelecto e com os afetos.

Assim, toda a estrutura de trabalho do grupo foi criada coletivamente e, no próximo capítulo abrimos espaço para compartilharmos as etapas seguintes em maiores detalhes: Compartilharemos as pari-ções e as problematizações oriundas dessas produções e as intervenções artísticas e as problematizações oriundas delas, expressando aqui, na estrutura criada, o momento de tornar-se passagem para a manifestação do corpo-pesquisa.

Antes de abirmos essa etapa, compartilho um trabalho que foi realizado intuitivamente, um ano antes desse processo do grupo-pesquisador, que entendo que conversa com as problematizações que aqui surgiram. Quando essa experimentação artística foi criada não era possível ainda saber o seu lugar nesse processo pesquisador, mas, a torno novamente visível aqui, no corpo da tese, com modificações realizadas mais recentemente.

A intrusão da Mãe, com duração de 2 min. e 22 seg.:

[\[https://youtu.be/1na41pSZRBw\]](https://youtu.be/1na41pSZRBw)

**INTERVALO:**  
**PRÓDOMOS**





A opção por esse caminho (política inventiva) implica em ter coragem de correr os riscos do exercício de uma prática, mas também de suspender a ação e pensar. É o exercício de uma coragem prudente. É desconfiar das próprias certezas, de todas as formas prontas e supostamente eternas, e portanto inquestionáveis, mas é também buscar saídas, linhas de fuga, novas formas de ação, ou seja, novas práticas cujos efeitos devem ser permanentemente observados, avaliados e reavaliados. Acolher a incerteza será a sua força, e não sua fragilidade (Kastrup, 2019, p.238).







Não há muito tempo uma parteira formidável me contou o que sua experiência lhe ensinou a respeito da dor do parto. Nunca ouvi nada parecido, mas, intuitivamente, acho que está muito certo. Segundo ela, “não é a contração que dói. É a dor que trazemos dentro de nós, oculta” (Bertherat, Bertherat e Brung, 1997).





Compreender algo significa manter uma certa distância em relação a isso. “entrar na espessura do problema” (Expressão de Deleuze) é, ao contrário, tocá-lo de maneira não-representativa, é problematizar-se com ele (Kastrup, 2019, p.94).







Viver e morrer bem na Terra não é um projeto unicamente de e para humanos nem pode sê-lo (Haraway, 2021, p.183).





O corpo cambaleia, busca um novo arranjo, que só é possível na ginga. Há de se incorporar outros sentidos. A encruzilhada é onde se destroem as certezas, é, por excelência, o lugar das frestas e das possibilidades. (Rufino, 2019, p.108)

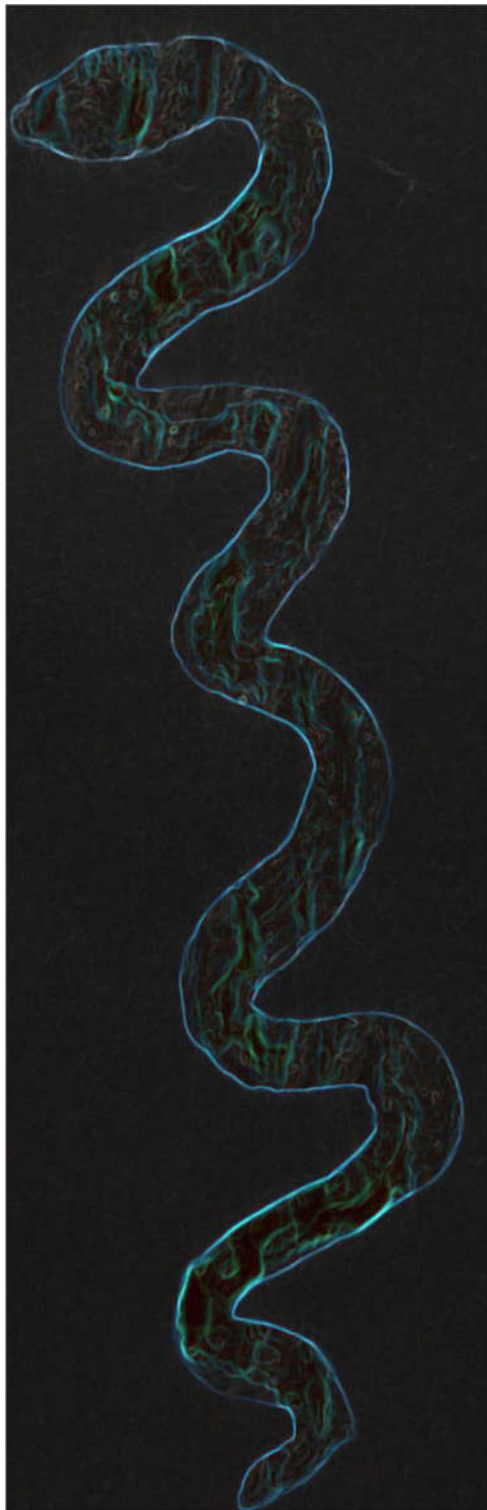






O corpo , o primeiro alvo de ataques do colonialismo, é também a mola propulsora das ações de remontagem e transgressão (Rufino, 2019, p.154)





Os seres vivos estão incessantemente trocando matéria, ideias, formas, e bricolando com seus corpos e espíritos a partir dos corpos e espíritos de outros. Tudo pertencia a uma outra vida, tudo já viveu várias vezes sob várias formas, tudo foi readaptado, reordenado, reformado. É por isso que cada vida já transgrediu as fronteiras entre reinos, espécies, indivíduos, mas também lugares e tempos (Coccia, 2020, p.129).

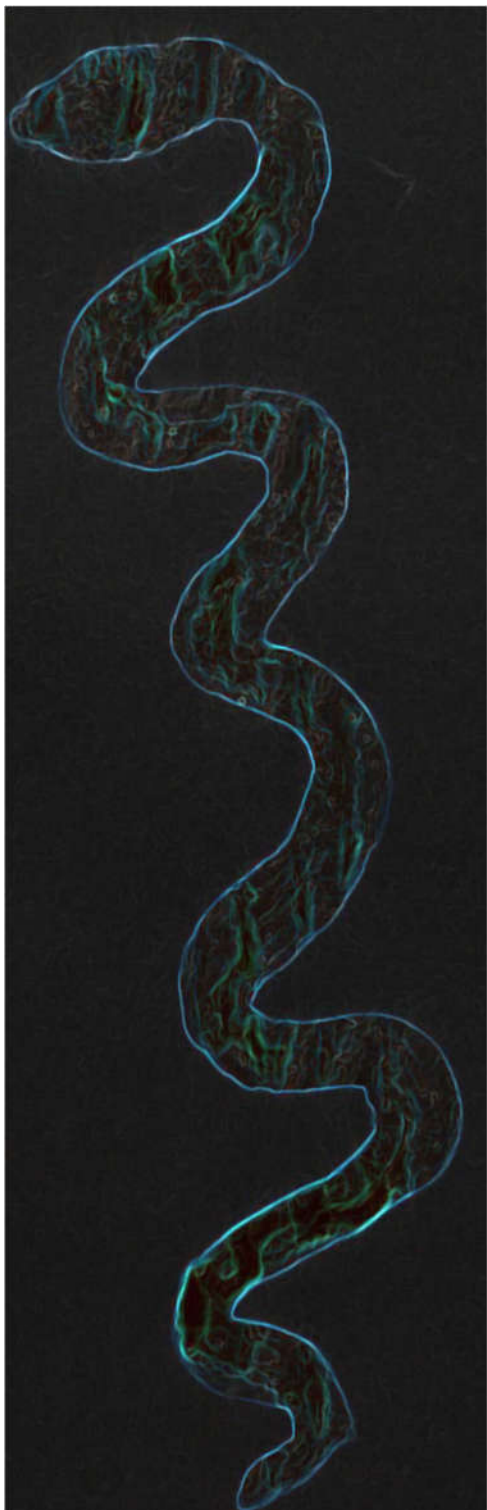






Importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa  
quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa  
quais relações relacionam relações. Importa quais mundos  
mundificam mundos. Importa quais estórias contam estórias  
(Haraway, 2023, p.66).





Como todas e todos, eu esqueci tudo. Ou talvez não tenha esquecido. Talvez esse gosto e esse cheiro, essa luz e todas essas primeiras imagens tenham-se tornado o tecido e a carne de qualquer percepção. Talvez seja graças a essa imagem (do nascimento) que tudo pareça estar dentro do mundo. Talvez seja essa imagem que transforma as coisas em coisas, cores, formas e realidades deste mundo (Coccia, 2020, p.54).



#### **4. PARTO: FLUIR DAS ÁGUAS**



O que é necessário para que um corpo entre em trabalho de parto? Esse momento do parto passa a fazer parte dos nossos pensamentos desde o primeiro instante em que sabemos que estamos grávidas. Por mais que possamos pensar que temos nove meses para preparar nosso corpo para esse momento, dificilmente estaremos preparadas para tudo que acontecerá daí em diante, ainda que tenhamos experiências prévias como parturiente ou como alguém que acompanha partos. Cada parto é um processo único e singular, é uma espécie de dança que acontece entre mãe e bebê. Como dança é guiada pelo movimento vida-morte-vida. Ou seja, não temos garantias de nada em um parto, apesar da vida se apresentar duplamente nessa trindade, não sabemos onde a roda irá parar.

Outras dúvidas se colocam, não sabemos se o parto acontecerá antes do planejado; se o bebê estará pronto e formado quando do início do trabalho de parto. Esse não saber pode nos conduzir apenas a dois caminhos possíveis: medo e desespero. Sentimentos que se apresentam por viver uma ausência total de controle do próprio corpo, da própria vida e da vida do bebê ou, entrega para o inesperado da vida. Se escolhermos o primeiro caminho, certamente viveremos um parto com muito sofrimento e provavelmente precisaremos de intervenções de outras pessoas para que ele aconteça. Se escolhermos o segundo caminho, podemos encontrar o ritmo da dança e dançar com esse ser para trazê-lo ao mundo.

Vamos retornar mais um pouco nessa pergunta inicial: o que é necessário para que um corpo entre em trabalho de parto? Fisiologicamente falando, para um parto começar é necessária uma energia de ativação, proveniente de um processo hormonal-sexual em ambos os corpos que vivem o parto. Essa energia ativadora do parto, também chamada de libido, associada à sexualidade, resumidamente explicada como “descarga de ocitocina” (também chamado de hormônio do amor), é um processo semelhante ao que acontece em um corpo feminino quando está vivendo uma relação sexual e sente o prazer no orgasmo. A ocitocina é o principal hormônio responsável pela ativação do movimento uterino, que desempenha o papel de conduzir o bebê, a placenta e os demais companheiros embrionários (comumente conhecidos como anexos embrionários) para fora do corpo da mãe (Odent, 2000).

Podemos perceber, com isso, que as circunstâncias ambientais que contribuem para que o medo esteja presente no momento do parto fazem com que o corpo da parturiente tenha dificuldade em secretar a ocitocina, e, por consequência, tenha dificuldade em entrar ou manter um trabalho de parto. Essa dinâmica é

explicada por Reich (2012) nos seus estudos sobre orgasmo. Ele identificou que medos da morte e angústias frequentemente estão associadas às repressões sexuais e à dificuldade de entregar-se para viver o prazer do orgasmo. Essa repressão também atua como uma dificuldade de entregar-se para o prazer de viver. Ou seja, para entender isso, ainda que não tenhamos vivido um parto, podemos pensar em como seria impossível, em estados de saúde sexual consideradas normais, entregar-se para viver uma relação sexual e sentir prazer estando com medo, principalmente um medo de morrer ou de que seu bebê morra naquela situação.

Nesse contexto, podemos presumir que as condições importantes para que um corpo entre em trabalho de parto e se mantenha nele são diretamente associadas às condições necessárias para que essa pessoa esteja em pleno estado de confiança e entrega para viver um intenso processo de ativação sexual do seu corpo, sem ser reprimida, condenada ou violentada. Essas condições, infelizmente, não são oportunizadas pela maioria dos hospitais e equipes de atendimento de parto, o que resulta nos inúmeros casos de sofrimento intenso das mulheres e bebês. Mas, sabemos que, ainda sim, mesmo que todas as condições externas sejam garantidas, a garantia de que ocorrerá entrega e confiança para viver esse processo não existe. A entrega para tornar-se passagem, ou, para parir, trata-se de um processo singular e único, que pode ser facilitado pelo ambiente e por quem ampara o processo, mas, não pode ser controlado por esses. O controle, tanto por quem quer apoiar o processo de parto, quanto por quem está parindo, é o principal entrave para que um parto aconteça de forma harmoniosa e bem-sucedida.

O neocórtex tem que cessar sua atividade durante o parto pois, parir não é trabalho para o cérebro do intelecto. Quando nosso neocórtex está em repouso, nos assemelhamos mais com os outros mamíferos. Durante um parto fácil, não medicalizado, há um momento em que a mulher parece estar fora desse mundo, indiferente ao que está acontecendo ao redor dela. Ela tende a esquecer o que leu, o que aprendeu e quais eram seus planos. Às vezes se comporta de um jeito considerado inaceitável para uma mulher civilizada (Odent, 2016, p.162).

Mas, o que essa dinâmica pode nos dizer no contexto educacional? Podemos começar essa conversa a partir do ponto em que a nossa “civildade” e as regras de certo e errado que criamos para pensar e fazer educação não nos permite, na maioria das vezes, ver o que está oculto aos nossos olhos físicos. Nossa herança colonial nos fez reconhecer como válido apenas o processo de construção de conhecimento onde

a desconfiança e a dúvida prevalecem sobre a entrega e confiança. E, nesse movimento, passamos a associar todos os saberes que são acessados por meio da confiança e da entrega, com crenças, e, desqualificá-los.

No contexto da pesquisa sociopoética, metodologia da qual nos inspiramos para construir e guiar o grupo-pesquisador, Gauthier (2012) fala da necessidade de um posicionamento epistêmico, denominado por ele de “posição do xamã”. “Trata-se de uma racionalidade diferente da racionalidade das ciências eurodescendentes, mas não inferior, por ser completa e eficiente” (Gauthier, 2012, p. 35 - 36). O autor denomina essa racionalidade de “mítica corpórea”, onde a configuração do mito-racionalidade-corpo-mistério, atua nas proximidades do que, na ciência eurodescendente se fez com a psicanálise, ou seja, como um arranjo racional criado como dispositivo de cura. Cura epistêmica, cura, expansão e alinhamento do olhar, como tarefa a ser assumida pela educação, segundo Rufino (2021).

Daí a tarefa curativa da educação: soprar em nós os pós feitos de corpos que bailam nas voltas do tempo e são capazes de alcançar as profundezas de nossos silêncios, nossas dores e forças; tocar na dimensão sensível de nossas presenças, convocando os diferentes “eus” que nos habitam, dentro ou fora, para confluir e rememorar que somos força criativa e geradora desde os tempos imemoriais. (Rufino, 2021, p.37)

Cura necessária para que possamos confiar e se entregar a um processo de construção de conhecimentos, aliado aos saberes ancestrais e atento ao processo de aprendizagem manifestado. Tal cura é considerada aqui como o que se espera ao tornar-se passagem de um processo de produção de uma pesquisa e/ou de uma aprendizagem que está vinculada com a vida, e, portanto, com o prazer de aprender.

#### 4.1 SOBRE AS PARI-ÇÕES

As ações que chamamos aqui de pari-ções dizem do momento em que, durante o trabalho com o grupo-pesquisador, abrimos um espaço para que as criações artísticas pudessem ser manifestadas. Todo esse espaço criado para as manifestações de escuta e partilhas de sons nos possibilitaram acessar um lugar sensível, de valorização dos pequenos gestos, das manifestações sutis. Com isso, resolvemos nesta pesquisa dar espaço a esses detalhes, sons e partilhas de sentimentos. Dessa forma, com escuta atenta a cada partilha, fomos criando um lugar (externo e interno) que foi nos permitindo expressar nossas criações, de forma

concreta, seja por meio de palavras, de produções artísticas, de expressão criativa no cotidiano, nos fazeres dos trabalhos diários, desde o preparar um chá, uma comida, ou qualquer outra ação cotidiana. Falar, cantar, deixar a nossa voz sair e escutar a voz e o canto umas das outras gerou um profundo sentimento de pertencimento no grupo.

Nos perguntamos sobre quais os ambientes/lugares que poderiam oferecer condições para que as expressões criativas possam se manifestar conforme cada necessidade. Entendendo como ambiente também o nosso espaço interno, nossa disposição interna para acolher as crianças e acolher-se em cada expressão e modo de ser. E levantamos questionamentos e diálogos sobre as nossas dificuldades de expressão por meio do uso da voz. Desse assunto surgiram as primeiras questões moventes: que sons entram em mim agora? O que eu escuto? Que sons querem sair de mim? O que eu falo?

Decidimos dar movimento para as primeiras parições sonoras guiadas pelas questões descritas acima. Assim, um caminho singular de expressão da pesquisa começou a se apresentar. Por inspiração na imagem da serpente, trazida para o cenário da pesquisa pelos sonhos compartilhados, as co-pesquisadoras foram deixando suas vozes saírem e, da união dos áudios compartilhados, criamos uma produção sonora. A união das falas e sons recebidos configurou na transformação sonora da mulher-serpente.

Como havíamos previamente combinado que faríamos a tiragem de uma carta de tarot (dentre os arcanos maiores) para instigar o processo de criação da produção, assim fizemos a partir dessa, e, saiu a 'Roda da Fortuna'.

Se a roda da fortuna falasse: Aprendi que tudo o que começa termina, e que tudo que termina começa. Aprendi que tudo que sobe desce, e tudo que desce sobe. Aprendi que tudo que circula acaba estagnado, e que tudo que estagna acaba por circular. A miséria se torna riqueza e a riqueza se torna miséria. De uma mutação para outra, eu convido você para se unir à roda da vida, aceitando as mudanças com paciência, docilidade, humildade, até o momento em que nasce a consciência (Jodorowsky, Costa, 2016, p. 203).

As cartas de tarot assumiram aqui um estado de dispositivo pedagógico que abre caminho para o inesperado e para a intuição. Tendo em vista que a cada exercício de criação com as imagens produzidas, uma carta foi tirada. Assim, elas dão lugar para a temática regente do que está sendo apresentada a partir da parição.

Pari-ção sonora coletiva “Mulher serpente”, com duração de 13 min. e 37 seg.:

[\[https://youtu.be/ISqMMrnp8B0\]](https://youtu.be/ISqMMrnp8B0)

A partir dessa primeira pari-ção, que aconteceu entre o quarto e o quinto encontro, criou-se uma estabilidade no grupo pois, todas as mulheres ali presentes estavam plenamente entregues a viverem o processo de liberação de suas expressões. As mulheres que chegaram nessa etapa situaram-se rapidamente de todo o processo já realizado e começaram a participar ativamente dele, inclusive participando dessa primeira pari-ção.

Ao longo da sequência dos encontros seguimos nessa narrativa, expandindo as expressões e criando possibilidades para a manifestação delas, guiadas pelo caminho que se apresentou: a transformação da mulher-serpente. Do sonoro seguimos para as produções visuais. E, após essas produções visuais, seguimos para uma produção que pudesse reunir imagens e vídeos. Essas produções foram construídas juntamente com o grupo, durante os encontros.

Com a primeira pari-ção pude entender que, dentro da proposta ritualística de construção dessa pesquisa, as pari-ções estavam cumprindo um papel de ritos de iniciação a um outro modo de pesquisar. Iniciação é parte de um ritual de passagem. Isso porque um novo corpo-pesquisador está a se formar, uma metamorfose em curso, e, com ele, uma pesquisa que também se (de) forma, em um ventre criado coletivamente.

A união entre mulher e serpente nos levou para um olhar mitológico sobre essa (de) formação, também em curso. Ali, no entre daquelas pari-ções, estávamos percebendo brotar um fio condutor de uma possível cosmologia do gestar e parir um processo pesquisador. Mas, essa cosmologia não se referia ao gestar e parir a pesquisa em si, mas, sobre o nascimento de um outro modo de pesquisar.

Dessa forma, nos encontros que se seguiram o grupo já havia conseguido criar coletivamente a estrutura e roteiro das produções e afetações que estavam dispostas a seguir. Com quatro etapas de produção definidas (sonora, visual, audiovisual e física) distribuímos dois encontros para cada temática e às associamos aos processos de concepção-integração, gestação-metamorfose, parto-liberação e maternagem-cuidado), assim, poderíamos ter também as temáticas guia para cada



tipo de produção. Dessa forma, ficamos imersas em cada processo por dois encontros seguidos. Momentos em que compartilhamos experiências de vivências com esses processos e deixamos as sensações, emoções e demais manifestações aflorarem. Abaixo, compartilho algumas falas registradas em meu caderno de campo das co-pesquisadoras após o processo da primeira pari-ção:

[1] *Após escutar o percurso sonoro que criamos juntas, as imagens já estavam presentes, antes de realizarmos a proposição da próxima pari-ção.*

[2] *Eu não sabia ao certo o que dizer, quais sons que pediam passagem em mim, em meio a tantos pensamentos e sentimentos, mas, quando os primeiros áudios foram chegando no nosso grupo, foi como se as palavras se soltassem da minha boca, sem pensar e soubessem o seu lugar.*

[3] *Senti a transformação da mulher-serpente ao escutar a nossa pari-ção, e com ela uma grande força surgindo, uma vontade de entregar-me mais profundamente para esse processo, trazendo agora o meu corpo para junto dessa construção.*

Durante esse processo tivemos partilhas de algumas outras expressões como desenhos e esculturas. O surgimento dessas manifestações fora para nós sinais de que caminhávamos numa proposta onde as expressões estavam indicando um percurso que nos conduziria dos pensamentos à materialização deles. Essas produções foram feitas de forma individual e compartilhadas no grupo da rede social nos dias intervalares entre o encontro da primeira pari-ção e o encontro da segunda. Reservamos um tempo no início do sexto encontro para quem quisesse comentar sobre as partilhas enviadas.

Esse gesto de abrir espaço para as manifestações demarcava uma importante valorização do processo singular que cada uma estava vivenciando, ainda que todas estivéssemos sob a condução de uma mesma proposta. Essa abertura é considerada muito significativa para a demarcação desse outro modo de acompanhar um processo pesquisador e um processo de aprendizagem, pois entendemos ser necessário firmar essa constância do estado de “tornar-se passagem”. Dessa forma, não apenas eu, enquanto pesquisadora que conduzia o grupo, mas também elas,

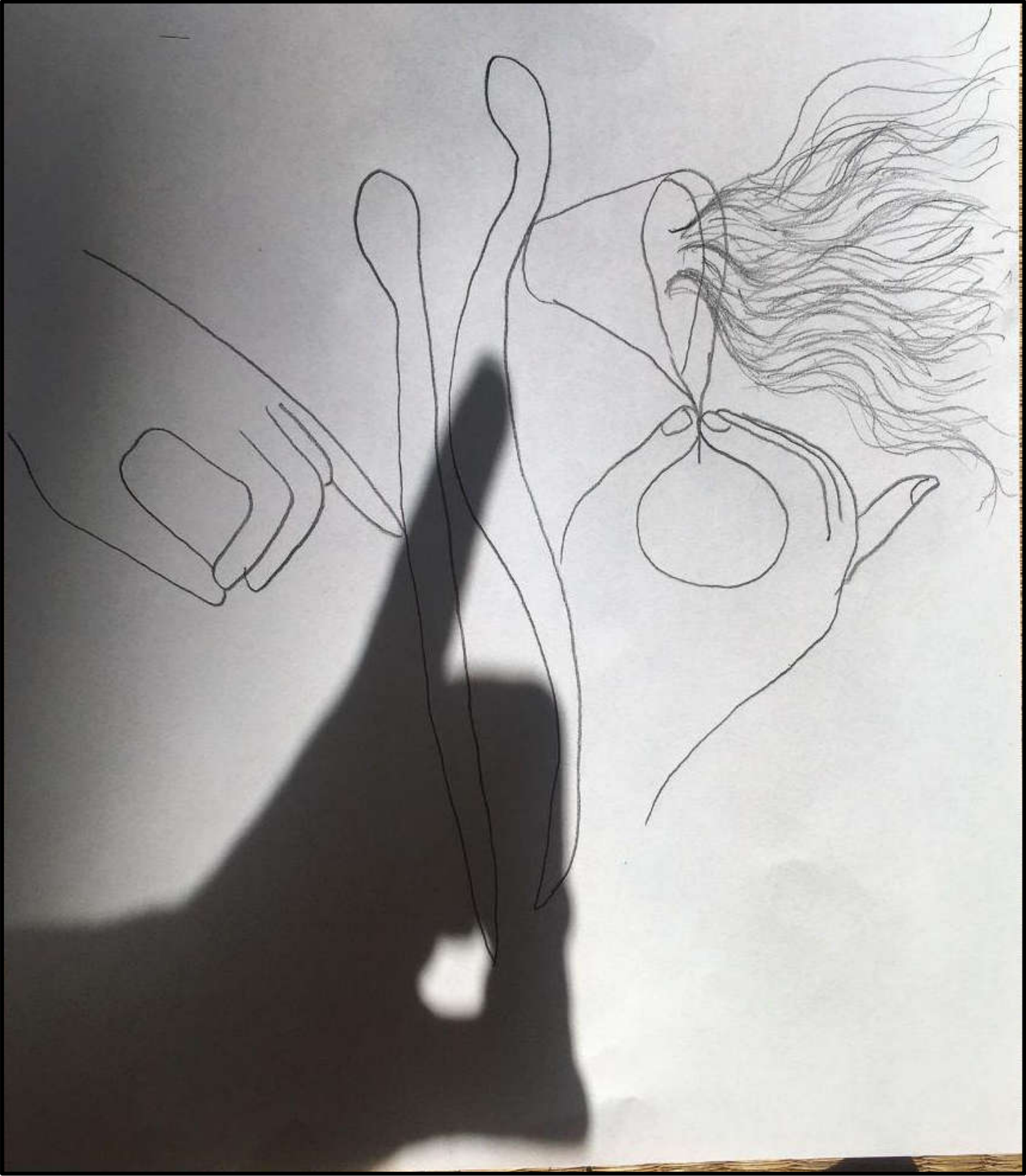


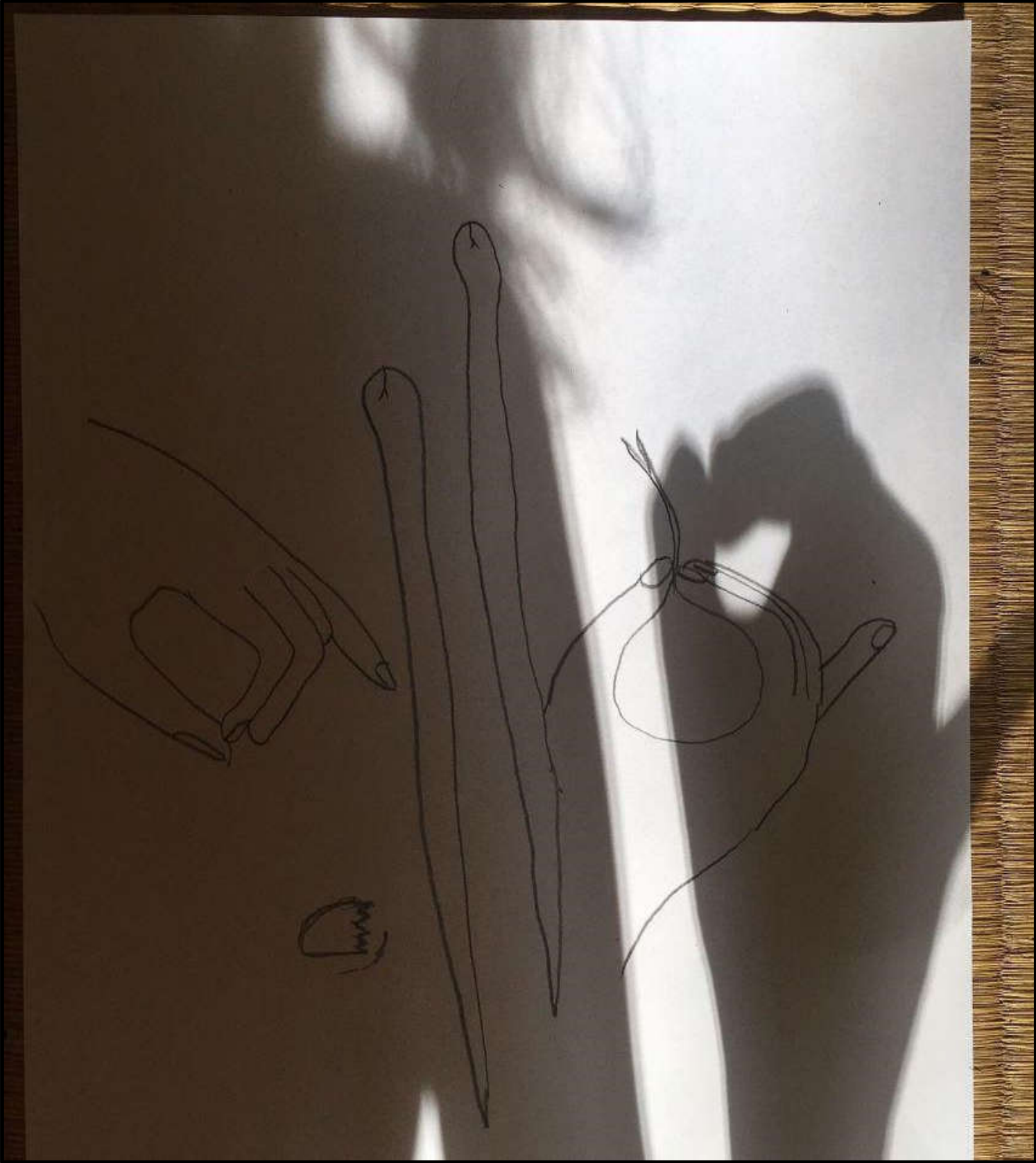
estávamos nos abrindo para que as expressões individuais e coletivas fossem apresentadas e consideradas como válidas. Ainda que essas expressões não estivessem no planejamento das produções que foram elencadas como dados para a pesquisa.

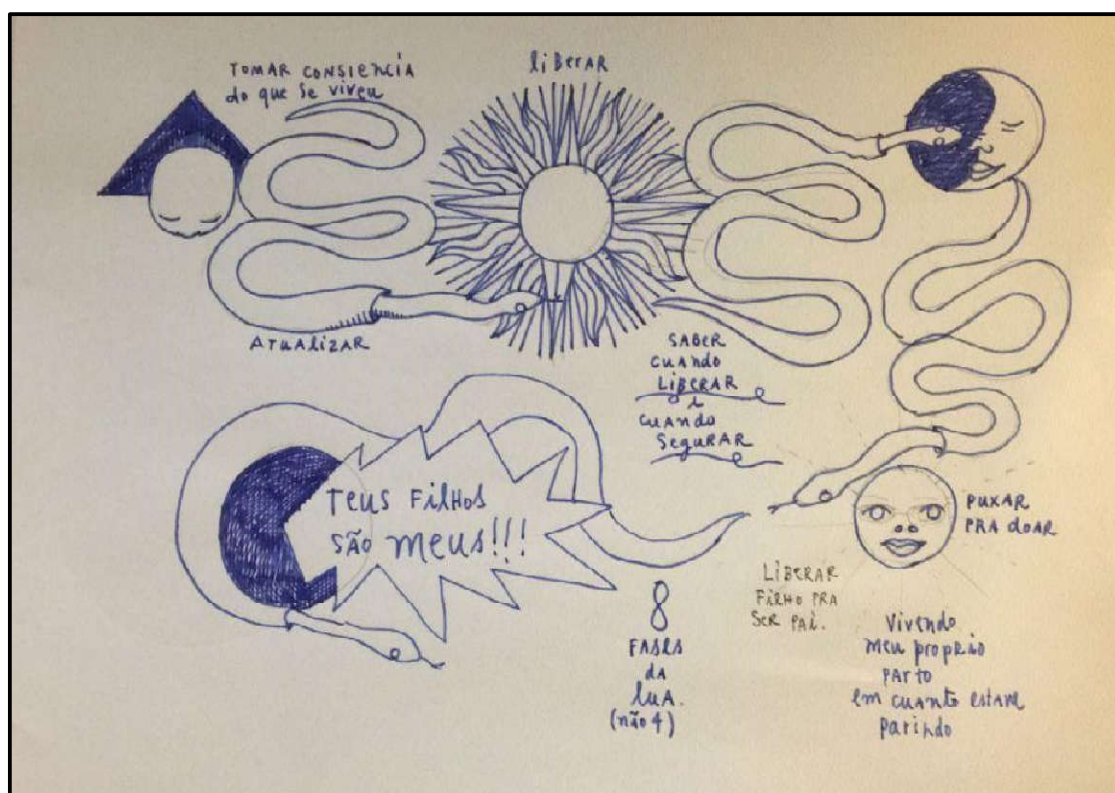
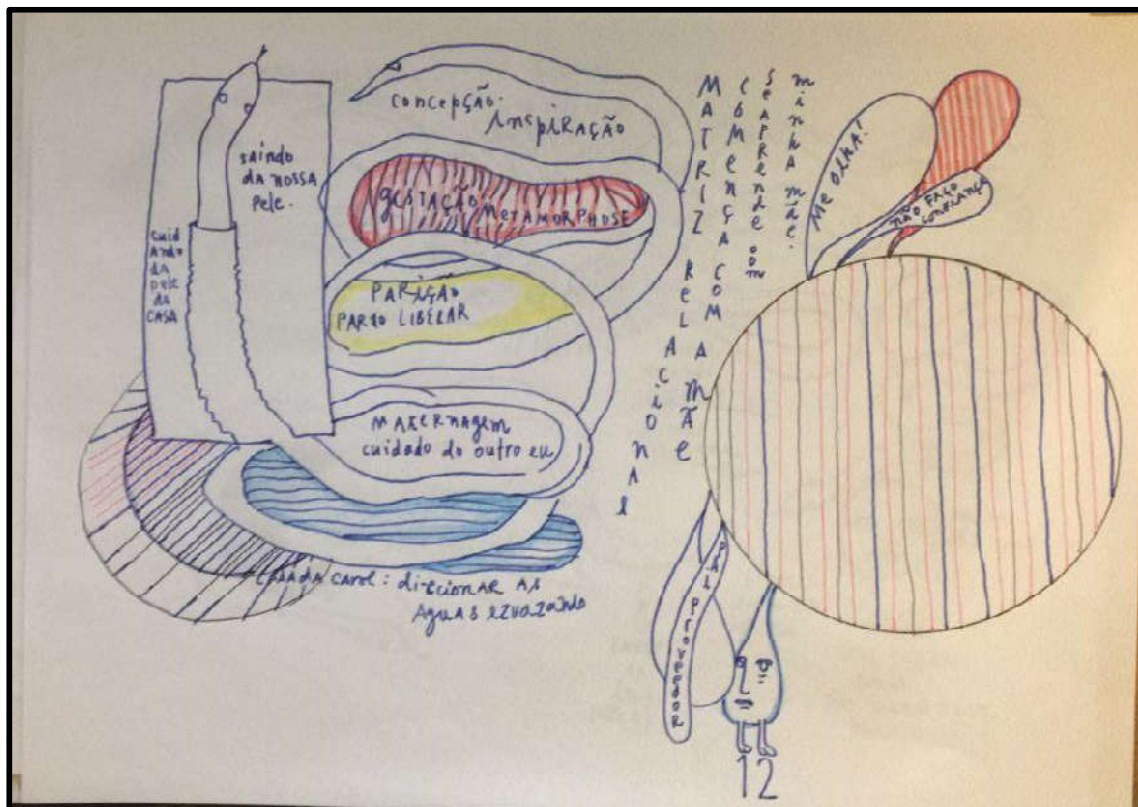
Por isso, abrimos um lugar para o compartilhar dessas expressões carregadas de singularidades e, com isso, mostrar a diversidade como cada uma mergulhou nesse processo de transformação da mulher-serpente. Ainda que, nem todas realizaram esse movimento, tendo em vista que ele se fez sem uma condução dada pelo percurso combinado para as partições.























Tanto os desenhos quanto as esculturas foram entendidas pelo grupo como momentos em que aquilo que estava sendo falado e escutado pedia passagem por outra via, e necessitava se materializar com apoio das mãos, ou seja, como um pedido do corpo para participar do processo. A imagem da serpente, que apareceu primeiramente nos sonhos das co-pesquisadoras, no início dos encontros, agora se apresentava em suas multiplicidades, trazendo diferentes sentidos para o processo vivido de cada uma.

Conversamos sobre o que essas imagens diziam para cada uma de nós e abrimos espaço para partilhas de materiais outros que traziam essa temática. A imagem da serpente está presente em vários mitos de criação em diferentes etnias e religiões, e, para ampliar essa noção assistimos juntas o vídeo: “Flexa 1: A serpente e a canoa”<sup>18</sup>. Junto desse momento compartilhei alguns materiais de apoio para quem quisesse aprofundar um pouco mais. Compartilhei com o grupo alguns trechos do livro “A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber”, de Jeremy Narby (2018), cujo conteúdo fez parte do processo de criação do vídeo assistido.

Eu já havia entrado em contato com esse material logo que o vídeo foi lançado, e, senti-me fortemente ligada a ele, mas, não sabia se esses saberes compartilhados entrariam de alguma forma em minha pesquisa. Por isso, naquele momento, lembrei desses materiais e da conexão que senti quando os conheci. Isso também porque familiarizei-me com a aproximação de um estudo que ampliasse a noção das manifestações da força da serpente nas cerimônias de consagração de ayahuasca. Por coincidência ou não, no dia em que entreguei o texto dessa tese para a banca da qualificação pude participar de uma cerimônia com um pajé Huni kuin, na força da jibóia, em Florianópolis/SC.

Essas obras acima citadas nos conduzem ao entendimento de que os saberes ancestrais sempre tiveram seus modos de explicar o mundo, e que esses meios não são piores, inferiores, nem melhores ou superiores aos nossos conhecimentos eurocentrados. São apenas modos diferentes de entendimento e de concepção do mundo. Porém, esses diferentes modos não se apresentam com o interesse de se sobrepor aos conhecimentos brancos, apesar de eles muitas vezes perceberem os

---

<sup>18</sup> Vídeo produzido pelo canal “Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida”, disponível no link: [\[https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4\]](https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4)

muitos mundos que coabitamos com os outros seres, não humanos, e, estabelecerem comunicações com esses outros seres.

Isso fica perceptível na hipótese levantada por Narby (2018, p.136), de que “o DNA descrito pelos cientistas corresponde às essências animadas, comuns a todas as formas de vida, às quais os xamãs se referem e com as quais se comunicam em transe” (que comumente aparecem nas visões sob a força da ayahuasca sob diferentes formas de serpentes). O autor sugere essa hipótese pois, em seu processo de pesquisa, encontrou correspondências similares na forma e nas descrições das visões serpentinadas durante os transes da ayahuasca com as descrições apresentadas pelos cientistas para a molécula do DNA.

Ou seja, essa forma serpentina, com estrutura semelhante a uma corda dupla, aparece também na forma de uma das plantas (um cipó) utilizadas para a preparação da bebida sagrada, lembrando as cadeias de dupla hélice do DNA. Esse, por sua vez, também é explicado como um grande mestre da transformação, que vive na água, e, ao mesmo tempo que é enorme e comprido, encontra-se manifestado sob uma forma microscópica, dentro de nossas células. Essa explicação se assemelha também com algumas descrições das manifestações da serpente cósmica: é um espírito das águas, que surge nos rios de fora e, ao mesmo tempo de dentro de nós.

Essas reflexões nos convidam aqui, numa perspectiva de uma educação que atenda às necessidades de um mundo em ruínas, ao exercício de uma percepção ampliada para os modos possíveis de coabitarmos o nosso planeta Terra. Ao abrirmos espaços para essas discussões, em uma pesquisa em educação, estamos abrindo também uma passagem para que os saberes ancestrais, manifestados também nas nossas expressões, e que, por muito tempo foram abafados e renegados apareçam em nossos trabalhos e pesquisas.

Esses saberes dizem de uma relação ampliada com aquilo que nos afeta e com os meios onde vivemos. Dizem de um modo mais sensível de acolher a manifestação vinda do nosso inconsciente e entendê-la também como meio e caminho para a produção de conhecimentos. Um caminho que pode ser inspirador para criarmos outros modos de pensar e fazer educação, ou ainda, outros modos para preparar educadoras. Um caminho que entenda que tanto o pensar, o sentir e o aprender não necessariamente estão individualizados e centrados no humano. Um caminho que nos permita perceber que tudo que pensamos, sentimos e aprendemos

pode ser um pensar, sentir e aprender com a Terra e os seres que nela habitam, para além dos humanos.

Ainda, para compor com esse mergulho reflexivo trazido pela transformação serpentina, coloquei na roda o texto “Estender a teia: o parto é uma questão de poder” de Bustos (2020). Neste capítulo, Bustos (2020) aborda a questão do mito católico-cristão da maldição da serpente: “parirás com dor”. E apresenta a presença da serpente como manifestação de poder e força feminina em sociedades pré-patriarcais. A autora questiona o modo como chegamos, socialmente, a um consenso de que o parto é um momento de extremo sofrimento. “Por que o Poder se incomoda com a sexualidade feminina? Por que é preciso que o parto e o nascimento sejam dolorosos, e como conseguiram que fosse assim?” (Bustos, 2020, p.101). Tendo em vista que, se essa foi uma maldição lançada à mulher, segundo esse mito de origem, isso já nos sinaliza que nem sempre foi assim, nem sempre o parto foi visto como acontecimento difícil e doloroso.

Para apoiar a discussão sobre o prazer utilizamos da abordagem bioenergética de Lowen (2020). Para ele, “o prazer é a força criativa da vida, a chave de uma vida criativa” (Lowen, 2020, p.14 - 19). Nessa obra ele explica que o prazer, em sua característica de “laço que une”, une o nosso corpo à materialidade das relações. Ou seja, ele diz que é pelo prazer que nos conectamos com o nosso corpo, com nossos amigos, com nosso trabalho. Afirma que, se sentimos prazer no momento presente que estamos vivendo, não há por que querer escapar dessa presença criando fugas e distrações.

Seguindo essa questão, atentamos para algumas passagens da obra de Bustos (2020), em que ela apresenta argumentos sobre a existência de uma outra consciência sobre o parto antes da dominação do patriarcado. Ela diz que o missionário Bartolomeu de Las Casas, em uma de suas obras<sup>19</sup>, afirmava que as mulheres do Caribe, antes da dominação patriarcal naquela sociedade, relataram que pariam seus filhos sem dor e com prazer (Bustos, 2020). Aponta que a perspectiva patriarcal, diante das dinâmicas e fluxos sociais que advinham do envolvimento das mulheres com seus filhos e com o cuidado de tudo que era necessário para que os fluxos da vida fossem respeitados, se fez como uma maldição, expressada claramente dos textos bíblicos e em outras formas de controle social criadas a partir desses.

---

<sup>19</sup> BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. Historia de las Indias, Fondo de Cultura Económica, México, 1986.

Nessa perspectiva, todas as imagens, geralmente de deusas, que existiam comumente em sociedades pré-patriarcais, contendo a serpente associada a imagens femininas, foram banidas e excluídas. E, não somente eliminada, a serpente assume um papel de inimiga da mulher, causadora de uma ruptura entre a potência de parir e entre a manifestação sadia da sexualidade feminina-materna (apresentando uma imagem de mãe virgem e santa, por sua castidade) e entre a conexão da mulher com o conhecimento. Tendo em vista que o ato que leva a maldição no mito de origem cristão é “comer o fruto da árvore do conhecimento”, essa perspectiva afastou a mulher da manifestação plena de sua sexualidade ao parir e cuidar de seus filhos e de manifestar proximidade com conhecimentos e saberes sociais.

A perspectiva social centrada nos saberes que provêm dos fluxos da vida é trazida por Bustos (2021) como um modo matrístico de organização social. Essa denominação, apresentada primeiro por Maturana e Verden-Zoller (2004), fala que esse modo de viver se diferencia do matriarcado e do patriarcado, pois não centra o foco na dominação e controle dos indivíduos e do grupo, seja essa dominação exercida por mulheres ou por homens. E, ambos os autores argumentam que a matrística, como modo de viver trazido para o entendimento atual, não está cristalizada em uma determinada época da civilização humana, ela é a nossa própria expressão de viver, desprendida dos condicionamentos patriarcais. Falar da matrística não significa evocar os primórdios da civilização humana, mas sim, lembrar que é possível viver sem colocar o controle e a dominação do outro como principal objetivo. Esse viver estaria pautado no “reconhecimento e aceitação do outro como legítimo outro, na sua diferença”, segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 110). Entendendo o outro para além das relações entre humanos, mas, estendendo esse reconhecimento do outro como legítimo a todos os seres com quem coabitamos nesse planeta.

Seguimos com essas discussões sobre o assunto durante um encontro todo, e, uma nova proposição apareceu. Decidimos continuar as produções de expressões artísticas seguindo também a inspiração e intenção de que a imagem serpente estaria, nesse ritual-pesquisa, atuando como guia para uma construção mitopoética de reconexão da mulher com dois aspectos simbólicos da serpente: a sexualidade e o conhecimento e os saberes ancestrais. Nessa construção, intencionamos que essas seriam duas bases importantes para o pensamento que liga parto e educação, tendo

em vista que no cenário do parto o corpo é essencialmente importante e, trata-se de um corpo que necessita de possibilidades para a expressão plena de sua sexualidade.

O aspecto da sexualidade estaria nos trazendo a importância do respeito à singularidade de expressão dos corpos e suas manifestações, assim como a importância de existir o desejo de aprender para que a relação com o conhecimento fosse estabelecida. E, a união desses aspectos poderia expressar o movimento de cura buscado aqui. Uma cura que permite a liberação da manifestação e materialização prazerosa das expressões proveniente dos saberes e conhecimentos produzidos em processos de co-aprendizagens.

Dessa forma, seguimos com a organização das nossas expressões e intervenções artísticas, agora com o objetivo de encontrar um caminho de liberação de nossas expressões com a guiança da imagem da serpente, como manifestação ritualística de liberação das possíveis limitações existentes entre os caminhos do parto e da educação. Assim, essa estratégia acabou guiando o processo das pari-ções, produções artísticas paridas do ventre-lugar da pesquisa. Seguimos para as pari-ções, partindo de proposta de “dar corpo à mulher-serpente”. Trabalhamos no aterramento da transformação serpentina manifestada na pari-ção sonora. As reverberações foram visualizadas no corpo, na casa, na família e na comunidade próxima.

A proposição para a segunda pari-ção coletiva moveu-se com as seguintes questões: - Que imagens vejo quando escuto o áudio coletivo “mulher-serpente”? - É possível apresentar essas imagens com meu corpo? - Como sentir a transformação da mulher-serpente em mim? Como posso expressar isso com meu corpo?

As reverberações do trabalho da transformação em serpente foram visualizadas e resultaram em liberações emocionais intensas. Algumas manifestações somáticas no próprio corpo, no corpo dos filhos, em movimentos com a casa, consertos e limpezas profundas que eram necessárias nas casas e estavam estagnadas passaram a acontecer. Situações trazidas pela comunidade local, como desafios a serem enfrentados no trabalho e nas relações próximas. Todas sentimos de forma profunda esses movimentos e percebemos conexões possíveis entre eles, entendendo que o processo estava atuando nos nossos corpos expandidos. Tivemos um espaço de partilha específica para essa liberação por meio de conversações, compartilho algumas falas abaixo:

[1] *Após o primeiro exercício de transformação da mulher-serpente e concentração para o segundo percebi meu corpo enrijecido em um ponto específico, entre a nuca e a cabeça. Realizei os exercícios de antiginástica indicados para essa área do corpo. Concentrei-me na fontanela, no primeiro ponto visível de nossa cabeça assim que nascemos, no primeiro ponto que foi tocado em nós logo que nascemos. Esse exercício foi liberador. Em poucos minutos de atenção à respiração após o exercício a tensão foi soltando e com ela um choro que lavou minha alma. As lágrimas saíam livres, sem dor e sem retenção, só escorriam dos meus olhos.*

[2] *Percebi uma liberação no âmbito da minha casa, como outras que também relataram aqui, estava com problemas na rede de esgoto. Nesta semana, entre a nossa primeira e segunda pari-ção, conseguimos resolver um problema na rede de esgoto da casa que mudei recentemente, mas que era da minha sogra. Esse problema persistia por muitos anos e ninguém conseguia resolver. Achamos uma fossa escondida no pátio, e limpamos as merdas de gerações, do tanto que tinha...Agora nosso banheiro está funcionando e isso me deixa muito aliviada.*

[3] *Conseguí resolver o problema de um encanamento que vazava água em minha casa. Como moro sozinha com meus filhos, essa questão ia sendo deixada de lado e, nessa semana, chegou um apoio do pai de um deles e conseguimos trocar os canos e uma torneira. Parece pouca coisa, mas eu me incomodava diariamente ao ver aquele cano pingando e não tinha recursos para resolver. Posso dizer com toda certeza que isso fez muita diferença na minha semana e nos dias que virão.*

[4] *Em minha casa também estávamos com vazamento, mas, não sabíamos onde. A conta de água vinha aumentando a dois meses e apenas suspeitávamos de vazamento. Até que nessa semana o filho do dono da casa esteve lá, comentei com ele e ele suspeitou do tanque de fora. Encaminhou um encanador que descobriu um vazamento dentro do chão. Teve que quebrar parte do piso para arrumar e finalmente, ficamos livres do vazamento invisível.”*

[5] *Um ponto que me marcou nessa semana foi o encaminhamento de uma história bem complicada que tínhamos com uma estudante que estava residindo no abrigo da cidade. Ela estava afastada da família por questões de abuso e estávamos*

*tendo muita dificuldade de lidar com ela e com a situação que trazia. Acolhemos de todas as formas possíveis, mas, ela não se sentia bem no abrigo e, durante essa semana foi encaminhada para a casa da avó. Essa mudança fez com que ela tivesse que trocar de escola, sentimos por isso, mas ficamos aliviados que ela foi acolhida por alguém da família.”*

*[6] Minha filha estava passando por um processo de saúde, aparentemente nada de grave, mas, requisitava mais da minha atenção. Ficamos um tempo juntas, consegui dar uma atenção especial para ela nesses dias e percebi o quanto eu também estava precisando desse tempo, dessa parada. Assim, nos recuperamos bem, eu e ela.”*

Dessa forma, mesmo com tantos movimentos diferentes na semana, cada uma gravou algumas imagens ou registrou fotos para a realização da proposição. Algumas compartilharam as manifestações que sentiam ao trazer a serpente para o seu corpo, identificando essas manifestações com a extensão do corpo para outros aspectos, além do próprio corpo físico. Reuni as imagens e vídeos que recebi e organizei duas parições. Essas parições estavam recebendo inspiração da carta do “enforcado” (1) e da “força” (2), também tiradas de forma oracular, como foi na primeira parição:

Estou nessa posição porque quero. Fui eu quem cortou os galhos. Libertei minhas mãos do desejo de segurar, de me apropriar, de reter. Sem abandonar o mundo, eu me retirei dele. Comigo você pode encontrar a vontade de entrar no estado em que não existe mais vontade. Em que as palavras, as emoções, as relações, os desejos, as necessidades já não o predem mais. Para me desligar, cortei todos os vínculos exceto aquele que me liga à consciência (Jodorowsky; Costa, 2016, p. 215)<sup>20</sup>.

Parição serpentina 1, duração de 7min. e 03 seg.

[\[https://youtu.be/ntk-bJOuX6A\]](https://youtu.be/ntk-bJOuX6A)

Eu estava esperando por você. Sou o início do novo ciclo, e depois de tudo aquilo que você realizou, você não poderia mais viver se não me encontrasse.[...] Do centro das profundezas, dos subterrâneos do meu ser, brota a minha energia criadora. Lanço raízes no lodo, naquilo que existe de mais denso, de mais aterrorizante.[...] Deixo circular em meu corpo dos pés

<sup>20</sup> Trecho sobre a carta de tarot “o enforcado”.

à cabeça, como ondas de um mar agitado, o impulso sublime e feroz que o mundo necessita. Sou uma escada pelo qual a energia simultaneamente sobe e desce. Nada me assusta. Sou o início da criação (Jodorowsky; Costa, 2016, p. 209)<sup>21</sup>.

Pari-ção serpentina 2, duração de 2min.30seg.:

[ <https://youtu.be/CmDkt0LyMmU> ]

Após essa pari-ção conversamos. A afirmação da imagem da mulher-serpente se firmou como um personagem que surgiu a partir das produções de dados desse trabalho. Dessa forma, a partir e com essa personagem afirmamos seguir as nossas proposições diante do pensar o fazer em educação. Seguir os movimentos da serpente se apresentou como um convite ao andar rente à terra. Isso implica dizer que, ao andar junto à terra, com e como a serpente, nos colocamos também no compromisso de sermos guardiãs desse espaço onde coabitamos. Andar rente nos faz escutar o que já conseguimos mais. A ação da personagem em nós trouxe também o reconhecimento das necessidades de “trocas de pele” para continuarmos a nossa formação. Isso implica que ela nos convida a pensarmos em um estado constante de renovação e adaptação junto às situações cotidianas. Da mesma forma, a característica serpentina de adaptação às diferentes temperaturas do ambiente externo também nos provocou a pensar que, no contexto educacional, não existem movimentos que devem ser feitos independente do contexto externo e cada “clima” requer um movimento e uma postura próprios.

Ainda que pareça estranho abrir espaço para pensar com as serpentes, em um contexto em que abordamos educação a partir da gestação e do parto, percebemos, no decorrer dos encontros, a necessidade do cuidado das mulheres mães antes das crianças. Ainda que estivéssemos reunidas a partir de uma ideia voltada para pensar educação para os filhos, descobrimos no percurso dos encontros que o foco se voltava para o âmbito de cuidado com as mães. Nesse caso, a serpente aparece como uma força regeneradora das problemáticas que as mulheres enfrentam, ao tornarem-se mães e os desafios de estabelecerem uma vida sexual e conjugal satisfatória, a necessidade de criação de caminhos no campo do trabalho, alinhado com as suas formas de pensar. Isso implica dizer que não se trata apenas de

---

<sup>21</sup> Trecho sobre a carta de tarot “a força”.



reivindicar uma fonte de renda, mas sim, de encontrarem modos de trabalho em que suas formas de pensar e ver o mundo fossem contempladas. Nesse contexto, tivemos partilhas que nos colocaram essa evidência bem clara:

[1] *Precisei abandonar o mestrado pois tornei-me mãe no período em que estava cursando. Estar aqui, fazendo parte dessa pesquisa como co-pesquisadora me alegra muito, sinto como que estivesse recuperando minha pesquisa que ficou para trás.*

[2] *Sou educadora e mãe de três filhos. Estou cursando pedagogia como segunda graduação pois me interessa muito por pensar em outros modos de educar mas, parece que todos eles não conversam com as necessidades que temos e com a visão que desenvolvemos na maternagem. Estar aqui como co-pesquisadora, refletindo sobre os nossos desafios enquanto mães, sobre nossos partos, faz com que eu me sinta integrada, é como se todas essas partes minhas, que antes estavam separadas, pudessem se encontrar.*

[3] *Sou mãe de seis, nunca pensei que pudesse fazer parte de uma pesquisa de doutorado. Estive aqui nos encontros como podia, às vezes escutando e dando a janta para os pequenos, às vezes amamentando e conversando com vocês. Nunca imaginei poder fazer isso, e, nunca pensei que minhas vivências pudessem importar para uma pesquisa de doutorado.*

#### 4.2 AS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS

Após o processo de formação continuamos pensando em como levar o que trabalhamos juntas para um local público, como forma de intervenção artística. Ainda firmadas no andar serpentino, começamos a pensar em como, em cada local onde cada uma se encontrava, poderíamos levar uma intervenção como expressão do que foi mobilizado ao longo dos encontros. Os últimos dois encontros foram destinados a organizar a estrutura das intervenções e parte desta teve que acontecer em períodos extras, pois não podemos esquecer, no âmbito deste trabalho, que estas mulheres-mães vivem um outro tempo no tempo. Juntas tiramos uma nova carta de tarot para guiar as intervenções: “A imperatriz”.

Eu sou a criatividade sem finalidade precisa. Sou uma explosão em uma infinidade de formas. Sou eu, depois do inverno, quem colore de verde a Terra inteira. Sou eu quem enche o céu de pássaros, os oceanos de peixes. Quando digo 'criar', estou falando em transformar: sou eu quem faço com que se abra a semente e brote o germe. Se começo a gerar filhos, posso dar à luz a humanidade inteira. E em se tratando de dar frutos, produzo todos os frutos da natureza. Sou o espírito criativo. Escute-me e deixe-me agir em você, pois eu lhe trago a cura: todo problema, todo sofrimento vem de um eu congelado pela incapacidade de criar. (Jodorowsky; Costa, 2016, p.160)

Inspiradas, preparamos três intervenções: uma em Caçapava do Sul, outra em Porto Alegre/RS e outra em São Domingo, na República Dominicana. Participei presencialmente da intervenção feita em Caçapava do Sul e tivemos junto os pais e quinze crianças dessa comunidade. Criamos uma serpente com tecidos e bambolês, como um canal de nascimento e morte e as representações do nascimento e morte por meio de fantasias e máscaras. As máscaras de nascimento e morte foram feitas com ossos de bovinos, encontradas em um local onde costumava fazer trilha com meus filhos.







Escolhemos as ruínas do forte Dom Pedro II por ser um local com maior concentração de pessoas nas tardes de domingo. Ficamos cerca de três semanas trabalhando na confecção da serpente e das fantasias. Nos reunimos na casa de duas mães e no chalé sede da comunidade de aprendizagem Escola da Floresta. Nossa intenção inicial era de realizar um movimento de arte-ritual de nascimento e morte, por meio da dança e de movimentos de passagens por dentro do corpo da serpente. Inicialmente faríamos entre nós, e abriríamos o convite para as pessoas que estivessem no local, com demarcações de momentos de dança e momentos em que a serpente ficaria disponível para quem quisesse entrar. Mas, o que aconteceu no momento da intervenção foi um pouco diferente.

Nos reunimos uma hora e meia antes do combinado na sede da comunidade de aprendizagem. Nesse momento de organização éramos seis adultos, cinco mulheres e um homem. Ao nosso entorno estavam nossos filhos e logo começaram a chegar mais crianças que moram no entorno e participam da comunidade de aprendizagem, que viram a reunião no chalé e chegaram curiosos. Elas perguntaram

o que aconteceria e respondemos que estávamos celebrando a vida e eles logo disseram que queriam participar da “festa da vida”. Em poucos minutos de início das arrumações, estávamos com quinze crianças à nossa volta que entraram no clima e se pintaram para participar da intervenção. Fomos todos juntos ao local e combinamos um piquenique.

Algumas coisas precisaram ser alteradas na hora, mas estar junto de pessoas interessadas fazia com que cada problema vinculasse todas e todos a intervenção que estava por acontecer. Havíamos planejado algumas danças, escolhido músicas e momentos de movimentação da serpente junto da música, porém, isso não foi possível de acontecer. Ao chegarmos no local os carros que ali estavam pareciam competir com o som. Muitos carros com músicas diferentes em sons muito altos, e isso inviabilizou a nossa proposta junto às músicas escolhidas. Alteramos então nosso roteiro ali, no momento, em conversa breve entre as mulheres que organizaram mudamos o roteiro. Organizamo-nos em círculo com a serpente no centro, fechada. Andamos de mãos dadas até fechar uma volta e então paramos para explicar a proposta da intervenção para as crianças, que já estavam em êxtase, pintadas, enfeitadas, só aguardando o momento mais esperado: entrar na serpente.

Elas ouviram atentas a explicação de que a serpente estaria ali para simbolizar o caminho do nascimento e da morte, e que estávamos com esse movimento expressando as dinâmicas da vida, onde as mortes e nascimentos acontecem o tempo todo, inclusive no nosso corpo. Ao ouvir isso, um dos meninos, que tinha sete anos, falou surpreso: “vocês estão dizendo que a morte faz parte da vida?” A pergunta nos surpreendeu e ao mesmo tempo alegrou, pois eles queriam entender melhor o que tudo aquilo expressava. Afirmamos que sim, que era exatamente isso que ele tinha entendido. Ele e os outros ficaram surpresos. As imagens abaixo apresentam algo do que se passou.





Além desses registros, há um vídeo que retrata alguns movimentos dessa intervenção artística<sup>22</sup> e temos o registro da intervenção realizada por uma co-pesquisadora que estava em Porto Alegre, Rio Grande do Sul<sup>23</sup>. Ela contou que tinha programado um número para apresentar como palhaça Joanete, no parque da redenção. Porém, quando chegou no parque, no dia e hora marcados por todas nós, estava acontecendo no local um festival Hare Krishna, conforme a publicação abaixo<sup>24</sup>. Ela achou curioso que as pessoas formaram uma serpente viva, andando juntas e festejando, então resolveu unir-se aos festejos, mesmo vestida de Joanete. Após festejar junto dos Hare Krishna ela brincou um pouco com crianças e cachorros.

Outra intervenção foi realizada pela co-pesquisadora que estava em São Domingo, na República Dominicana. Ela produziu um jogo de cartas oraculares e elaborou uma proposta de labirinto, onde a pessoa era convidada a entrar e ao longo do caminho entrar em contato com as cartas. Porém, também aconteceram imprevistos no local e ela precisou adaptar a intervenção, deixando apenas as cartas disponíveis aos passantes interessados. Contou que ficou sentada em uma calçada com as cartas dispostas em uma mesa, em um local público, e convidava as pessoas que passavam a tirar uma carta. A primeira pessoa que tirou a carta acabou sendo a única, pois ali elas ficaram conversando por mais de uma hora. Tratava-se de uma mulher que estava no país de passagem, em função de uma cirurgia do pai. E, enquanto ela aguardava notícias do hospital, elas ficaram conversando. Estava preocupada pois a situação do pai era grave e corria sérios riscos de morrer na cirurgia. Ela destacou que era a primeira vez que tirava uma carta. E a propositora entendeu, naquele momento, que a sua intervenção estava conectando com a temática da dança entre vida e morte, presente em nossos encontros e manifestada na intervenção realizada em Caçapava do Sul. Dessa forma, após o término dessa conversa ela sentiu que havia terminado o trabalho da sua intervenção.

---

<sup>22</sup> [https://youtu.be/isX\\_0yxkOJY](https://youtu.be/isX_0yxkOJY)

<sup>23</sup> <https://www.instagram.com/p/Ci-WbhSugF7/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>  
<https://www.instagram.com/p/Ci-VofjOskv/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

<sup>24</sup> <https://www.instagram.com/p/Cjjmi4crQQI/?igshid=MDJmNzVkMjY=>







Após a realização das intervenções nos reunimos para compartilhar as impressões das intervenções. Destacamos o aprendizado que a serpente nos trouxe da necessidade de adaptação ao meio externo, de alterar “a temperatura corpórea” de acordo com a temperatura do ambiente. Destacamos ainda a abertura que as intervenções provocaram nos encontros. As conexões nos possibilitam dialogar sobre a confiança na entrega para o processo da criação artística e confiança na intenção que firmamos de estarmos trabalhando juntas, ainda que distantes geograficamente umas das outras. Tudo aqui foi feito com as mulheres-mães em suas maneiras de trabalhar com o tempo que tinham à disposição e tudo aqui foi pensando junto, esse é o destaque que importa e está na força de um grupo-pesquisador.

**INTERVALO  
ENTREGA**



Para resistir à  
crueldade do mundo

se fez  
uma

Revolução Molecular

UMA METAFÍSICA DA MISTURA

Quando o Corpo Consente

Mudar  
a vida

METAMORFOSES

Conduzem

o nascimento

do

homem  
ecológico

A VIDA SENSÍVEL

Anuncia que

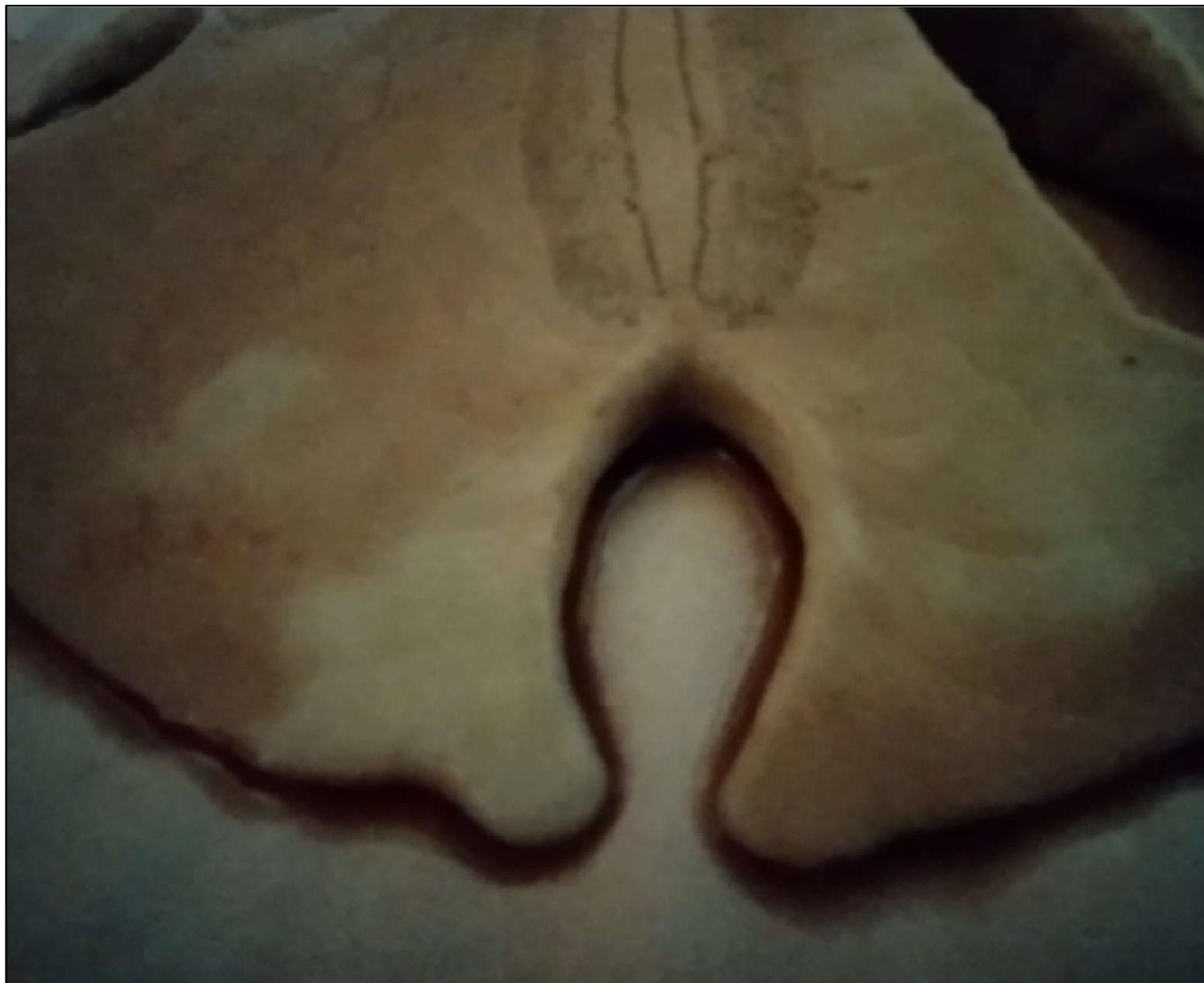
A EDUCAÇÃO PELA ARTE

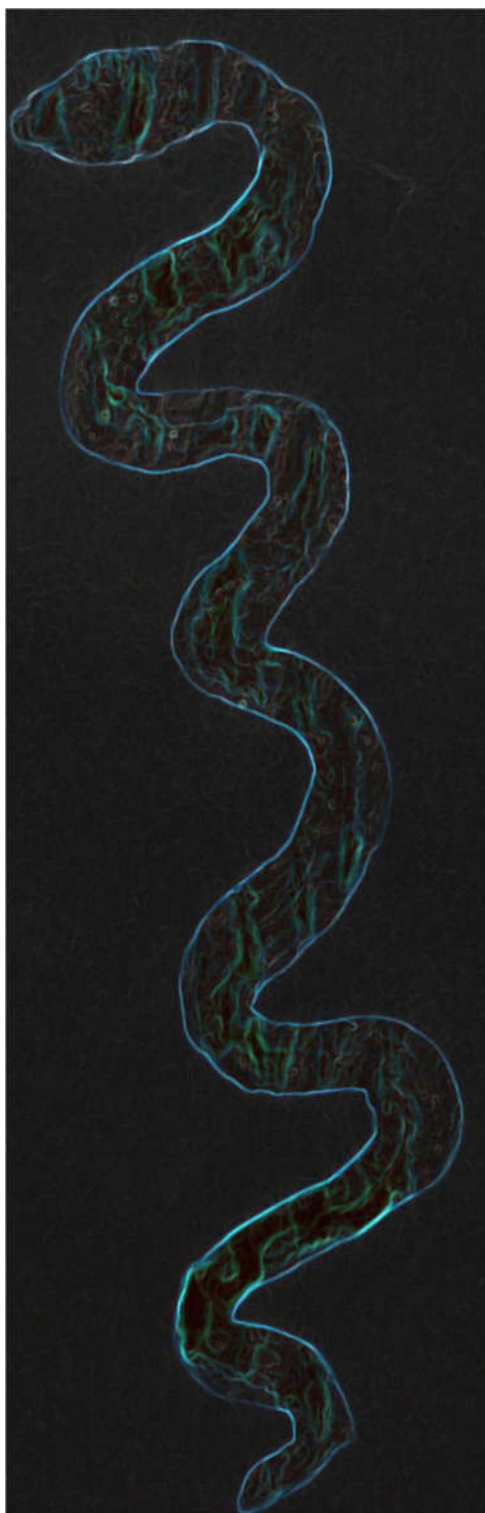
é hora de  
mudarmos de via









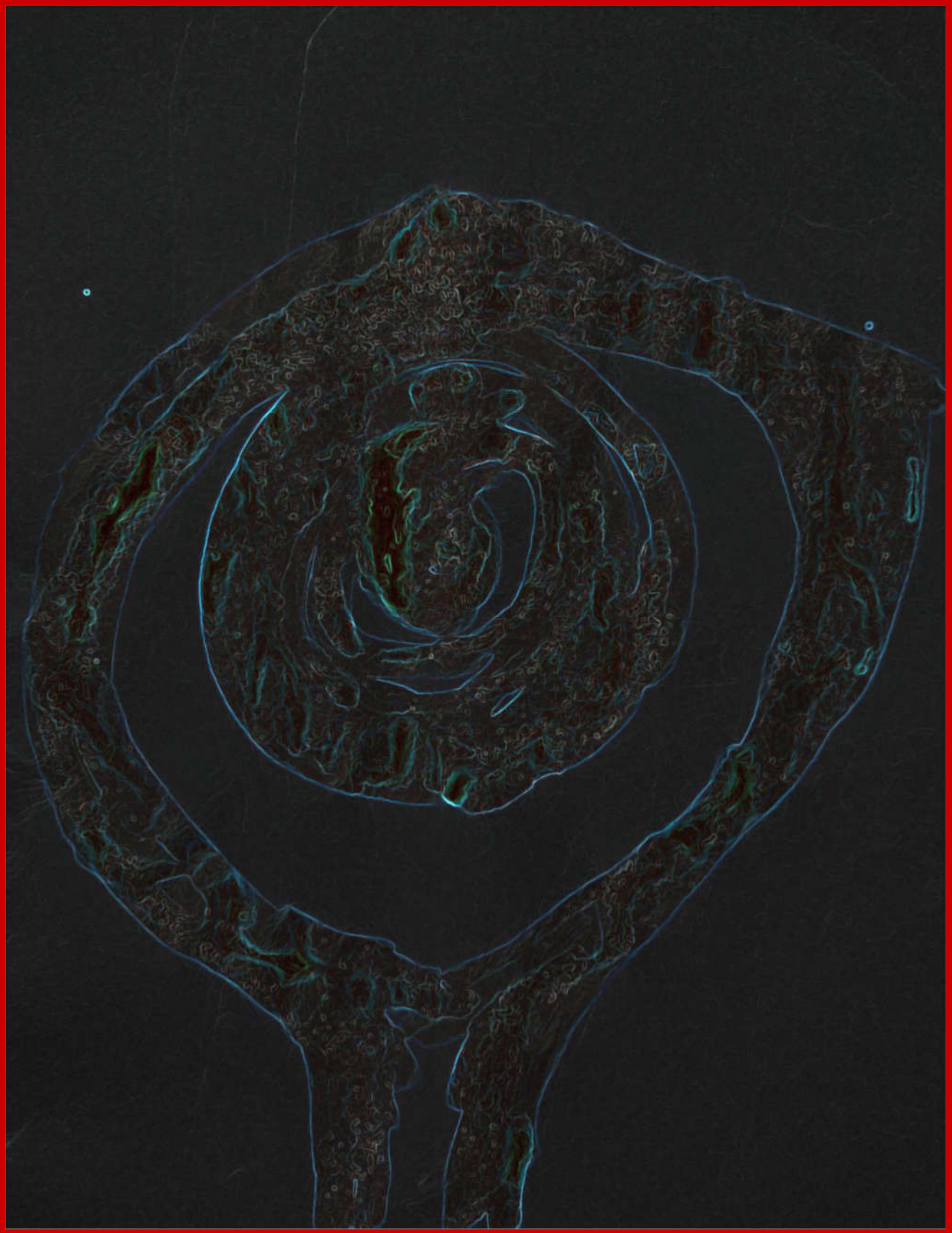


A metamorfose é a condição que obriga um ser vivo a chocar o outro em si, sem jamais poder ser inteiramente ele mesmo e também sem poder confundir-se ou fundir-se inteiramente no outro. Ter nascido significa isso: não ser puro, não ser si mesmo, ter em si alguma coisa que vem de outro lugar, alguma coisa de estranho que nos leva a nos tornarmos cada vez mais estrangeiros a nós mesmos. (Coccia, 2020, p.53)





## **5. COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS: SOBRE A SUSTENTAÇÃO DA (DE)FORMAÇÃO**



Placentas, cordão umbilical e membranas amnióticas protegem e levam a nutrição ao embrião/feto enquanto estão sendo gerados. A proteção acontece no nível físico, no caso das membranas que formam a “bolsa” onde o bebê fica. A nutrição e sustentação acontece no nível molecular, químico, e nesse caso entram em cena cordão umbilical e placenta. Eles levam os nutrientes até o bebê e filtram as impurezas oriundas do meio que é o corpo da mãe e as exposições externas a que ele fica submetido. Por isso, aqui vamos dar uma atenção especial aos “anexos” embrionários, denominando todas essas estruturas de “companheiros embrionários”.

Denominar essas estruturas de companheiras e não de anexos se faz presente aqui como um gesto de olhar para o que está agindo na sustentação da (de)formação da pesquisa e da tese. Como ato de coexistência formativa, inspirado nas contribuições de Haraway (2021) e seu conceito de “espécies companheiras”. Esse gesto também nos convida a olhar para os processos que poderiam ser simplesmente descartados após a conclusão do trabalho. E diz de uma etapa da pesquisa cartográfica que considero importante de ser visibilizada aqui, afinal, nos comprometemos com o processo de acompanhamento da (de)formação da pesquisa e da tese.

Rolnik (1993, p. 2) nos diz que “no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (não só humanos), unidades separáveis e independentes” e, é essa esfera de visível que abrimos quando olhamos para os companheiros embrionários da pesquisa e sua atuação diante à (de)formação dela. Isso porque, quando olhamos para ela, percebemos também algo que está além do visível, algo que, nas palavras da mesma autora, traz “uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições.” (Rolnik, 1993, p. 2). A mesma autora fala sobre o estado de composição das formas, incluindo as marcas das forças que as atravessam:

Essas composições, a partir de um certo limiar ,geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. (Rolnik, 1993, p.2)

Por isso, nessa parte da estrutura do corpo-tese estamos dando um espaço de visibilidade para os movimentos que foram parcialmente “filtrados” pelos companheiros embrionários. Assim como, por meio desse capítulo, iremos apresentar quem atua nesse trabalho como companheiros embrionários, ao modo das espécies companheiras. Mas, antes dessa apresentação e da apresentação dos processos “filtrados”, vou compartilhar o modo de conduzir os companheiros embrionários nos partos, aprendido com parteiras tradicionais. Acho importante destacar aqui que trata-se de um compartilhar de saberes e de uma formulação de pensamento junto com eles, sem a intenção de. Isso pois o modo como essa pesquisa acontece coincide com uma forma de nascer.

#### 5.1 SOBRE OS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS EM UM PARTO E IMPLICAÇÕES DA CONSIDERAÇÃO DA ATUAÇÃO DELES EM NOSSA FORMAÇÃO.

Após o nascimento do bebê o parto ainda não acabou. Muitas vezes, o processo que acontece nesse momento é mais delicado que o nascimento do bebê. Começamos, nesse momento, além de acolher o bebê recém-nascido, a acompanhar os batimentos do cordão umbilical. Entendemos que cada bebê tem um tempo necessário de permanência junto ao cordão. Não seguimos regras de tempo padrão para o corte do cordão, acompanhamos o tempo que o cordão ainda pulsa, e cortamos somente após a pulsação terminar. Esse sinal vital indica que o bebê já recebeu todo o oxigênio e nutrientes que precisava após nascer. Isso porque ele ainda respira pelo cordão, ao mesmo tempo que começa a aprender a respirar pelas narinas e pulmões. Essa prática ajuda a não ter a necessidade de aspirar as vias respiratórias do bebê, nem de ter que dar suporte respiratório assim que nasce. Assim, a secreção das narinas vai saindo naturalmente, contando também com o apoio do movimento que ele faz ao começar a sugar o peito da mãe.

Da mesma forma, ao fazer o movimento de sucção e começar as primeiras mamadas, o bebê apoia a liberação mais intensa do hormônio ocitocina no corpo da mãe, e isso ajuda na liberação da placenta. Ou seja, tudo que precisamos garantir, assim que o bebê nasce (em situações saudáveis) é que ele fique junto da mãe, ainda ligado ao cordão, no tempo que for necessário. Na maioria das vezes, o tempo de corte do cordão se ajusta ao tempo em que o parto da placenta começa. Nesse momento, alguém pode realizar uma avaliação mais detalhada no bebê, como

pesagem, medidas, e procedimentos avaliativos não invasivos, enquanto a parturiente entrega-se ao parto da placenta.

O movimento uterino realizado para a entrega da placenta se equivale ao movimento realizado para o nascimento do bebê, por isso, chamamos de “parto da placenta”. Esse movimento algumas vezes é mais doloroso do que o que promoveu o nascimento do bebê. O tempo em que o útero fica realizando contração e expansão para liberar a placenta pode ser também equivalente ao tempo em que liberou o bebê, por isso, o cuidado para que não ocorra hemorragias ou processos de urgência nesta fase, ainda precisa ser grande. Trata-se de um momento em que, pela primeira vez no acompanhamento do processo perinatal, precisamos atentar para a vida da mãe e do bebê de forma separada.

Dessa forma, após a liberação da placenta, tanto ela quanto o sangue que sai junto desse processo, são acolhidos e reservados, para posterior ritualização. Honramos a placenta e as demais estruturas como entidades que sustentaram o bebê durante o período em que ele esteve junto do corpo da mãe. Dessa forma, o sangue é entregue para a terra, em sinal de agradecimento ao nascimento e as vidas da mãe e do bebê, e a placenta, as membranas e o cordão umbilical são guardados sob refrigeração para a realização do rito da “medicina da placenta” e a preparação da secagem do cordão e das membranas.

Esse rito pode acontecer a partir do dia seguinte ao nascimento. Nele as membranas e o cordão são acomodados em recipientes de vidro refratário e cobertos entre camadas de sal grosso. Esses recipientes precisam ser levados para pegar sol sempre que possível, até que as estruturas sejam desidratadas por completo. E, o feitiço da “medicina da placenta” é feito por meio da acomodação da placenta em um vidro grande, onde junto dela é acrescentado ervas e álcool de cereais ou uma cachaça de boa procedência.

Porém, antes de ser encaminhada para o feitiço da medicina, logo após a sua saída, a placenta pode servir de recurso nutricional para a mãe recém parida. Uma parte dela pode ser dada à mulher em forma de vitamina, batida com frutas de sua preferência, por exemplo, ou mesmo servida pura, com algum tempero, para aquelas que preferirem (o que é mais difícil de acontecer). Tudo isso feito com base no comportamento observado das outras fêmeas mamíferas, que se nutrem no seu parto não somente da placenta mas de outras estruturas embrionárias. Essa estratégia

pode ajudar a recuperar rapidamente a energia despendida no parto e também alguma possível debilidade por perda excessiva de sangue.

Mas, para composição da medicina, unimos placenta, álcool e ervas para compor uma tintura, que ficará enterrada em local escolhido pela família por um ciclo lunar. Após esse ciclo o vidro é desenterrado e a placenta e as ervas são entregues à terra, no mesmo local onde o vidro repousou. O líquido é então guardado e pode servir de remédio. Remédio este que atua principalmente no corpo emocional, tendo, com isso, reverberações no corpo físico tanto para a criança quanto para a mãe. Ele deve ser usado em doses homeopáticas, como um floral, quando sentirem necessidade. E as outras estruturas, já desidratadas, também podem servir de medicina para chás, cura de ferimentos, de doenças de pele, entre outros usos que podem ser indicados pela parteira.

Enterrar a placenta para que debaixo da terra ela se transforme, juntamente com os outros componentes acima citados, em uma medicina, é também um ritual que diz sobre o processo de finalização do parto. Ao cavar um buraco na terra, estamos entrando nas esferas de Omulu, orixá da morte, do fim, e, com isso, honramos o fim de um ciclo para que outro possa ser iniciado. Essa prática é comum no caso de rituais de morte, em que se enterram os corpos, mas, poucas pessoas se perguntam sobre a diferença que pode existir entre enterrar ou simplesmente engavetar um corpo, por exemplo. Se não nos perguntamos sobre isso, ainda que provavelmente já tenhamos participado alguma vez de um enterro, o que resta sobre as perguntas com relação ao destino da placenta, que comumente vira lixo hospitalar.

Isso está disposto aqui como parte deste corpo-tese porque em um parto, quando entramos em contato com a placenta podemos ter ideia, a partir da sua estrutura e estado, do quanto ela trabalhou para “filtrar” e sustentar o bebê durante a gestação. Esse dado é importante pois muitas vezes só conseguimos saber o quanto uma gestação pode ser levada adiante por mais tempo de acordo com o quanto de trabalho que a placenta ainda sustenta. Essa compreensão pode ser acessada atualmente por conta dos exames de imagem, durante a gestação. Contudo, entendemos hoje que é a placenta que indica o tempo de gestação, apesar de termos uma ideia padrão da data provável do parto. É ela que determina quando estamos prontos para nascer e envia sinais para o nosso corpo e o corpo da nossa mãe. Porém, atualmente, o que vemos na grande maioria dos casos é que a data de nascimento dos bebês é determinada pela disponibilidade de agenda do médico.

Por que contar essas histórias importa para esse trabalho? Por que e para quem importa saber sobre o que é feito com as placentas após o parto? Ao me perguntar sobre isso lembro do questionamento de uma conhecida, mãe e professora, sobre a placenta. Ela viu em uma postagem nas redes sociais de uma doula a foto da placenta após o parto e me perguntou se todas as mulheres tinham placenta. Ela disse que desconhecia a presença da placenta antes de ver essa postagem. Ainda afirmou que quando ela viveu seu parto não viu tirarem aquela coisa estranha, só viu o bebê. Imaginem que se ela, uma mulher com escolaridade de nível superior, que viveu uma gestação e parto, não sabia nada sobre quem sustentou o seu bebê durante toda a sua gestação, o que podemos pensar sobre esse conhecimento em outras pessoas?

O que pode mudar quando olhamos para a função, presença e destino das estruturas que nos acompanharam durante toda a nossa gestação? Esse desconhecimento não é surpresa em uma sociedade que se fez a partir de uma visão produtivista, que ignora os processos e valoriza apenas os resultados, a qualquer custo. Por isso, aqui neste trabalho, pensando junto com os aprendizados sobre as estruturas que acompanham um parto, trazemos para a problematização do modo de fazer dos processos educacionais a importância de darmos um lugar para aquilo que sustenta, apoia e protege um processo de aprendizado, que é o que chamamos aqui de companheiros embrionários. Aquilo que cumpre esse papel pode variar muito a depender de quem está envolvido no processo educacional em questão.

Assim, a respeito dessa prática que diz de um modo de parir e reverenciar os companheiros embrionários e não de todo o modo de parir, realizei por ocasião da pesquisa um vídeo para expressar esses aprendizados. Uma *pari-ção* dedicada então aos companheiros embrionários<sup>25</sup>. Essa *pari-ção* se fez como gesto de agradecimento aos companheiros que estiveram comigo durante minha gestação, dos quais nunca tive conhecimento até entrar em contato com as artes de parir e doular.

Evocamos aqui uma reverência, por meio dessa experiência, da força coconstitutiva desses companheiros, tal qual nos coloca Donna Haraway (2021). Isso porque, ao entrar novamente em contato com os companheiros embrionários que apoiaram as gestações dos meus filhos, pude com eles pensar sobre como agimos diante de quem nos apoia em nossas criações e aprendizagens. Reconhecemos que nossas escritas, projetos e trabalhos são cocostituídos de outras existências e forças

---

<sup>25</sup> Duração de 3min. e 4seg: <https://youtu.be/kCExFiU5QZc>



para além do nosso esforço, encarado como individual? Haraway (2021) nos provoca a pensar também na destituição das fronteiras entre o eu e aquilo que nos toca, que nos constitui, que produz o que somos e daquilo que nós produzimos, um pensamento que nos convoca à ideia de multiplicidade. “Ser Um é ser autônomo, ser poderoso, ser Deus; mas ser Um é ser uma ilusão e, portanto, é estar envolvido em uma dialética do apocalipse com o outro. Por outro lado, ser outro é ser múltiplo, sem fronteira clara, esgarçado, insubstancial”. (Haraway, 2023, p. 365). Isso implica dizer que reconhecer a importância daqueles que conosco se formam e que sustentam a nossa formação é um ato que nos coloca em uma posição de destituição das diferenças constitutivas com os demais. Isso porque ainda que possamos identificá-las, passamos a entender, por essa óptica, que somos também o resultado das marcas que nos atravessam e que todos que coabitam conosco nos marcam. Ou seja, podemos ao olhar para o nosso próprio umbigo (expressão utilizada para dizer sobre uma postura individualista), lembrarmos de que ele nada mais é do que uma marca deixada pelo cordão que nos unia a nossa placenta, que nos unia ao corpo de nossa mãe. Assim, podemos ressignificar a própria expressão “olhar para o próprio umbigo” e trazer esse movimento para o lugar de aprendemos a nos destituir da noção de individualidade e de autonomia e passamos a nos perceber como seres múltiplos e coexistentes com os demais.

Pensar com esses companheiros nos convida também a reflexão sobre nossas atitudes diante dos seres cocostituintes da vida em nosso planeta. Como agimos diante daqueles que produzem o ar que respiramos e da água que nos mantém vivos? Como agimos diante da terra que produz o nosso alimento? Como agimos diante da força do sol que aquece nosso planeta na medida certa para a manutenção da vida na Terra, e como agimos diante da camada atmosférica que filtra os raios nocivos do sol? Conseguimos permanecer vivos nesta terra sem água, ar, alimento e sol na medida adequada? A terra, o ar, a água e o sol, os ambientes considerados naturais, atuam em nosso planeta como sustentadores de nossas vidas e, em geral, agimos diante deles com desprezo ou, no máximo, os consideramos como recursos que estão disponíveis em prateleiras para consumirmos. E, da mesma forma que não poderíamos sobreviver e nos formar enquanto embriões, sem a atuação dos companheiros embrionários, não conseguiremos continuar a viver sem esses elementos que estão sustentando a nossa vida na Terra.

Por isso, abrimos esse tema também como convite a aproximação necessária com as dinâmicas da vida e da manutenção dela em nosso planeta. Pois, da mesma forma que alguém que não tem conhecimento e aproximação com as dinâmicas de um parto desconhece a presença e função de uma placenta, as pessoas estão crescendo e aprendendo conhecimentos totalmente desconectados dos processos da vida. Muitas crianças desconhecem de onde vem a água que chega na torneira de suas casas, para onde vai o esgoto que delas sai, de onde vem o alimento, e como, e em que condições ele chega em nossa mesa, de onde vem o ar que respiramos. Tudo que implica os processos que estão agindo para que a nossa vida siga o seu curso. E muitos adultos sequer se perguntam sobre suas ações diante disso e a implicação delas para as cadeias que mantêm a vida na Terra.

O desconhecimento e desconexão com essas forças se manifesta também nos nossos fazeres educacionais quando escolhemos modos de fazer voltados a manutenção de um pensamento linear, produtivista. Ignorar os processos de aprendizagem, a singularidade que eles exigem e as condições para eles aconteçam com qualidade fortalece e contribui para a manutenção desse pensamento desconectado das mundificações que fazem com que a vida circule nos processos. Por isso, abrimos aqui uma brecha também para que as forças que auxiliaram na manutenção da energia vital desse trabalho possam ser apresentadas.

## 5.2 SOBRE OS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS DA PESQUISA E DA TESE

Para dar visibilização a esse processo no âmbito da pesquisa e da estrutura da tese compartilho sobre quem aqui são considerados companheiros embrionários e, na sequência, alguns trechos de anotações pessoais sobre processos que aconteceram no fazer da pesquisa e na construção da tese. Tais anotações indicam, de forma separada, os fatores externos e ambientais que atuaram mais intensamente na (de)formação da pesquisa e da estrutura da tese.

Para poder atravessar esses processos externos sem maiores danos (físicos, emocionais, psicológicos), e, conseqüentemente, para que conseguisse manter a conexão com a pesquisa e com a escrita da tese, contei com os companheiros embrionários denominados de forças orixás e forças das medicinas da floresta. Essas forças se expressam nos ambientes que me deram sustentação nesse período: mar,

rio, lagoa, mata, estrada e ambientes naturais em geral e nas medicinas da floresta que consagro regularmente.

O trabalho espiritual que hoje desenvolvo não se firma mais somente na linha da umbanda. Mas, essa linha me acompanha desde as minhas primeiras iniciações espirituais. Essas forças também se manifestam por meio da aproximação com entidades espirituais que tenho como companheiras. Entidades espirituais de diferentes linhas de trabalho, denominadas de caboclos e caboclas, pretos e pretas-velhas, ciganos e ciganas, exus e pombagiras, e mestres da linha do oriente, entre outros mestres espirituais. Atualmente não sigo especificamente uma religião. Com o firmamento junto ao terreiro, que começou faz quinze anos atrás, fui descobrindo também outros caminhos para o desenvolvimento da espiritualidade. Dentre eles, o que se firmou juntamente com a guia recebida na umbanda foi o xamanismo.

Cheguei a conhecer e consagrar as medicinas da floresta com pajés e lideranças espirituais indígenas, mas, como prática frequente, tenho acesso a grupos que são considerados neoxamânicos para consagrar em rituais coletivos. Porém, sempre que tenho oportunidade, busco junto aprender com pajés e xamãs de povos originários. Essa caminhada me dá suporte e me sustenta para a realização das minhas práticas materiais, incluindo a realização do doutorado. Por isso, trago a firmeza junto das medicinas da floresta (ayahuasca e rapé principalmente) também como companheiras desse processo de pesquisar e aprender com o processo aberto junto dessa pesquisa.

Nesse sentido, entendo que a participação desses companheiros no auxílio desse trabalho se dá como uma aliança multiespécies, nas palavras de Haraway (2016). Aliança que se expressa de modo quase que invisível, e, por assim ser, apresentá-la aqui é um modo de torná-la visível e existente como uma participação importante na (de) formação dessa pesquisa. Esse tipo de participação normalmente fica na esfera das histórias não contadas sobre um processo pesquisador, por isso também assumimos a importância de ela aqui aparecer. O que efetivamente cada medicina contribuiu com esse processo não é possível afirmar, mas, é possível dizer que ele se fez com esse apoio, e, isso com certeza fez a diferença para que chegássemos até aqui da forma como chegamos.

Quando abro o rezo do rapé, faço na forma de consagração por meio do sopro. Quando individual, faço por meio de um instrumento auto aplicador chamado de kuripe, quando feito com outra pessoa, ele é soprado com um instrumento

chamado Tepi ou Tipi. Essa prática me apoiou na concentração e autorregulação para os momentos de escrita e estudos. Junto com o Tabaco, Cumaru, Tsunu, Paricá, Samaúma, Morici, Mulateiro, são algumas das plantas que mais me acompanharam nesse processo. Cada uma traz uma ação medicinal diferente, mas, o rapé, em geral, me ajuda muito na sensação de aterramento, na organização dos pensamentos e no alívio da tensão e ansiedade. Fisicamente percebo efeitos bem diretos na redução das enxaquecas, que me atrapalham muito no processo de estudo.

Nessa consagração, entram em cena algumas plantas, mas, a principal delas é o tabaco. O rapé indígena é um pó de cinzas de tabaco e outras ervas, a depender do tipo escolhido, feito também em cerimônias, em um processo de rezo, assim como acontece com a bebida chamada Ayahuasca. Afirmo que a aplicação do rapé é um processo de consagração porque difere bastante do ato simples de aplicação ou toma de um medicamento. Trata-se de um processo em que se cria um espaço de conexão e respeito com os espíritos dessas plantas e com a sabedoria dos pajés, trazida por essa prática. Por isso, ao trazer a presença do rapé para minha ritualística de preparação para escrita, trago também essas presenças e abro espaço aqui para que os saberes e práticas ancestrais estejam presentes também em um trabalho acadêmico. Já nas cerimônias coletivas, tanto esses companheiros, rapé e tabaco rezado com cachimbo, quanto a bebida ayahuasca, me apoiam no equilíbrio necessário para a realização do trabalho terreno e espiritual.

Presenças, aqui chamadas de companheiros embrionários, apoiaram o (des)envolvimento da pesquisa e a (de)formação da tese. Isso porque, estando essa pesquisa e tese sob a responsabilidade de alguém que está firmado nessas linhas de trabalho, essas presenças também fazem parte da constituição do pensamento que se apresenta por meio da elaboração deste trabalho. Isso porque consideramos que não há separação entre trabalho material e trabalho espiritual, apenas criamos momentos específicos para a dedicação a cada um desses trabalhos, como modo de organização da rotina em nosso cotidiano. Porém, na medida em que vamos nos firmando no trabalho espiritual, ancorado nas forças da Terra, vamos percebendo que o principal objetivo desse trabalho é o bem-viver da Terra e na Terra. Nessa perspectiva não buscamos um caminho espiritual para estabelecer uma comunicação com o céu, com um Deus externo à nós e ao nosso planeta. Buscamos trabalhar para realização de uma integração com as diferentes forças e dimensões presentes na

Terra, e, por isso, entendemos que todo trabalho realizado por nós fora das cerimônias espirituais é também um trabalho espiritual.

Entendendo que as “perturbações” também estão atuando na (de)formação da pesquisa e da tese, por isso as incluo aqui também. Ou seja, trata-se de desafios enfrentados que, mesmo com apoio, marcam profundamente o meu ser. São forças que atravessam a pesquisa e a (de)formação da tese de forma a também marcá-las. Assim, tanto o apoio quanto os desafios se apresentam, estão juntos nessa (de)formação. Eles falam do que acontece nas bordas da construção desta tese.

### 5.3 SOBRE AS ADVERSIDADES ENFRENTADAS COM APOIO DOS COMPANHEIROS EMBRIONÁRIOS

Sei que não é possível compartilhar todos os processos vividos e essa não é a intenção aqui. Por isso, as anotações que aqui seguem se referem às forças que me atravessaram mais intensamente durante o percurso pesquisador: autismo, mudanças de residência e situações ambientais desafiadoras como a pandemia e as fortes enchentes que atingiram a região sul do Brasil. A escolha por esses temas se faz a partir do entendimento de que essas questões foram as maiores adversidades enfrentadas durante o período de realização da pesquisa deste doutorado.

Meditei junto ao rezo do rapé antes de abrir essa partilha, e tomei coragem para essa exposição. Os escritos trazem uma linguagem simples, com teor de anotações de um diário pessoal, que abrem um lugar para a escuta e aprendizado com essas forças. Como modo de abrir o cenário junto a esses processos, apresento anotações como se elas fossem folhas avulsas sem especificações de datas. Folhas avulsas que manifestam o mundo onde a pesquisadora produziu seu gesto de pesquisa.

## NO COMEÇO

*Decidimos juntos, meu companheiro e eu, nos inscrevermos na seleção do doutorado. Porém, ainda na primeira fase da seleção, enfrentamos um desafio, talvez o maior de todos vividos até agora, que chega junto do início da pandemia. Esse desafio, somado aos desafios da adaptação comunitária à pandemia, nos fez sair de nossa casa, que ficava em uma ecovila em São Francisco de Paula/RS (Instituto Arca Verde). Nosso sonho de vida comunitária, de construção de uma escola permacultural para as crianças começou a ruir. Além de nós, outras famílias que participavam do projeto da escola se mudaram. A pandemia modificou as relações comunitárias e acelerou a finalização de nossos projetos, que estavam ainda em gestação. A obra da escola estava no começo, projeto pronto. Mas o projeto “AmaTerra” teve seu fim, juntamente com o nosso projeto de moradia naquele local.*

\*\*\*

*Estamos refugiados em um sítio de uma amiga em Santa Maria/RS. Aqui realizamos a segunda e terceira etapa da seleção para o doutorado que precisou ser online. Temos pouco contato com outras pessoas, mas, por aqui, estamos mais perto de minha família.*

\*\*\*

*As aulas do doutorado começaram e serão online, espero que por pouco tempo. Pretendemos mudar para Florianópolis depois que chegar a primavera. Até lá esperamos que a situação da pandemia já esteja mais controlada.*

\*\*\*

*Iniciei o curso de doutorado em fase de licença saúde por transtorno pós-trauma, processo que foi desencadeado em conjunto com o início da pandemia do COVID- 19. Nesse sentido, a pandemia me tocou de forma positiva. Quando eu precisei me recolher, todos precisaram. Mas, não está sendo nada fácil lidar com essas duas grandes questões. Outro fator positivo foi que poderei acompanhar o*

*primeiro semestre. Se estivesse em período normal, ainda não poderia fazê-lo sem o afastamento do trabalho (que depende de prazos dos editais institucionais).*

\*\*\*

*Estou iniciando o doutorado, mas não me sinto em condições de retornar ao trabalho, ainda que esteja no formato remoto. O doutorado apareceu nesse momento de minha vida como um canal por onde consigo enxergar uma luz no meio de tanta escuridão que me atravessou.*

\*\*\*

*Evito ir ao mercado, mas, quando preciso, sinto como se me comprimisse tanto, com uma vontade de me fazer minúscula, invisível, intocável. No aparente, meu corpo está ali, normal, caminhando, mas, debaixo da “casca”, estou encolhida. Aquelas faixas no chão indicando a distância necessária de uma pessoa e outra na fila e me deixam ainda mais angustiada. Fico tentando imaginar essas faixas em todos os lugares que caminho para não deixar meu corpo se aproximar demais das pessoas. Quando chego em casa estou exausta de tanto me comprimir. Sinto dores na base da coluna, nos ombros, no estômago, e na cabeça, bom...a cabeça...a cabeça quase explode de dor. Momentos que só o escuro é suportável.*

\*\*\*

*Estou conseguindo ver minha família (pai, mãe e dois irmãos) e isso é muito bom. Meus pais já são idosos, mas entramos em acordo familiar de continuarmos a nos ver, eles têm vindo nos visitar mais do que nós a eles. Aqui temos espaço para as crianças continuarem seu desenvolvimento de forma saudável e para todos se reunirem ao ar livre. As crianças estão muito alegres que estamos todos juntos, direto em casa. Nesse sentido, a pandemia também está sendo maravilhosa com a gente. Posso acompanhar as necessidades de meus filhos todos os dias, sem pressa. Caminhamos pelo sítio, pelas estradas, vamos até o rio para eles jogarem pedra na água, acendemos nossa fogueira, como costumávamos fazer em nossa casinha na Arca Verde.*



\*\*\*

*Estamos buscando uma casa para alugar em Florianópolis. Tentar negociar à distância é algo muito angustiante. Caímos em um golpe, oitocentos reais se foram. Fazer negociações à distância é muito complicado. Mas, seguimos, agora em contato somente com imobiliárias. Achemos uma casa em um local que parece bem tranquilo, no sul da ilha. Sinto que vai ser bom.*

\*\*\*

*Saímos rumo à Florianópolis. Alugamos uma casa mobiliada no sul da ilha, local tranquilo. Levamos apenas as coisas pessoais. Passar por um longo trajeto de viagem em momento de pandemia é desafiador. Paramos apenas em locais onde era possível fazer piquenique, em um gramado ao ar livre. Estamos levando todos os alimentos necessários. Desafio é ir ao banheiro nesses locais de beira de estrada, nenhuma economia de álcool gel...que processo tenso...Usamos esse recurso em casos de extrema necessidade. Mas, estamos alegres com a mudança.*

\*\*\*

*Estamos amando estar **perto do mar**, mas, Juan (filho mais novo, na época com pouco mais de dois anos) se assusta muito com o barulho das ondas, aceita ficar na areia, mas bem longe da água. Ele associa o barulho com o som do trovão.*

\*\*\*

*Não estou conseguindo participar de nenhuma cerimônia de ayahuasca desde que começou a pandemia, ainda tenho receio de participar de reuniões e atividades em grupo.*

\*\*\*

*Não tenho medo de morrer, mas, tenho medo de que algo aconteça com as pessoas que amo. As notícias avisam: não tem mais leitos nos hospitais...Uma amiga perdeu os pais, eles tinham plano de saúde, mas o pai ficou quase todo o tempo de internação hospitalar nos corredores. É muito triste tudo isso que estamos vivendo.*

*Muitas outras pessoas conhecidas perdendo entes queridos. E tantas não conhecidas... Eu e minha família estamos bem...tento firmar meus pensamentos nisso. Mas sinto que estar bem em meio a tanta tragédia chega também com um peso.*

## **ANO DE 2021**

*Consegui voltar a consagrar as medicinas, isso tem me ajudado muito. Com apoio do centro em que frequento, recebi um tratamento de ayahuasca em microdoses para realizar em casa, durante os períodos em que não pude participar das consagrações em grupo. Também criei uma rotina para consagrar o rapé em casa e isso tem me ajudado bastante a controlar as enxaquecas.*

\*\*\*

*Enfrento o medo e as crises de pânico e retomo o trabalho no formato remoto. Ainda precisarei esperar um edital abrir para pedir afastamento para poder me dedicar mais profundamente ao doutorado.*

\*\*\*

*Assumo uma rotina de trabalho online, aulas online e filhos 100% em casa, sem parentes e amigos próximos. Somos nós quatro (eu, meu companheiro, e nossos filhos), nossa rede apoio é o mar, a mata e a lagoa. Mas, para apoiar nos momentos das aulas tivemos que comprar uma televisão. Faz muitos anos que não convivo mais com televisão em casa, é algo que estou tendo que me acostumar.*

\*\*\*

*Nesse período pandêmico fiz terapia online, dança expressiva online, dança butoh online, antiginástica online, trabalho online, aulas online...meu quarto virou janela para o mundo, e, o mundo está no meu corpo.*

*O mundo está em meu corpo*

*O mundo é meu corpo*

*Meu corpo é o mundo*

*Agora as telas também estão fazendo parte do meu corpo.*

*E isso às vezes dói muito, às vezes me deslumbra de tanta alegria. Alegro-me também por não precisar sair de casa para fazer tudo isso. Algo que nem teria condições de fazer, se tivesse que ir até todos esses lugares.*

\*\*\*

*O que me conforta é poder sentar-me na areia e observar eles brincarem, felizes, com saúde. O som do mar acalma meus pensamentos e acompanhar meus filhos crescerem me firma na presença. Juan já está acostumado com o som do mar, e isso nos ajuda bastante a poder aproveitar mais os momentos na praia.*

\*\*\*

*O autismo já é uma realidade para nós, olho para ele, aceito, mas sinto medo. Já atendi algumas famílias de estudantes autistas, reconheço em meu filho algumas características que todos relatavam. Ecolalia, resistências a coisas comuns, andar na ponta dos pés, balançar os braços com frequência sem um motivo aparente, grande sensibilidade sensorial, pouca disponibilidade para interação social, entre outras... Aos poucos os sinais vão ficando mais claros. Mas, ainda não consigo chegar perto disso, observo de longe. Sei que nesse momento estou oferecendo para ele o melhor que posso: minha presença atenta às suas necessidades.*

\*\*\*

*Respiro, entrego meus medos para mãe lemanjá. Isso tem sido minha meditação e prática diária de autorregulação.*

\*\*\*

*Às vezes o mar está revolto, muito agitado, e isso me angustia...nesses dias, vamos para lagoa. A lagoa do Peri é um santuário e ali me sinto protegida. Achamos uns espaços bem afastados, um refúgio. Levo um livro e lá consigo ler. Olhar para aqueles morros verdes e para a água tranquila acalma minha mente. As crianças amam esse lugar. Lá encontramos também uma diversidade incrível de pássaros. Fico escutando os sons e tentando perceber quantas espécies diferentes estão por perto.*

\*\*\*

*Conseguimos começar a frequentar algumas pracinhas com as crianças. Escolhemos momentos de contra-fluxo de pessoas. E, temos encontrado nesses momentos outras famílias com crianças autistas. Conversei com a mãe de um deles, senti-me compreendida. Ela, nos poucos encontros que tivemos, afirmou reconhecer os sinais de autismo no meu filho e me recomendou um médico neuropediatra para levar Juan.*

\*\*\*

*Vejo casas em todos os lados da minha casa, e isso também me deixa desconfortável. Além da questão visual, sinto muito incômodo porque cada casa emite muitos sons que algumas vezes são muito invasivos, com músicas altas. E, mesmo que desligue o aparelho da internet durante a noite em casa, o sinal da casa dos vizinhos nos atravessa dia e noite, e pensar nisso me deixa angustiada. Sinto muita falta da minha casinha, de olhar pelas janelas e ver as araucárias guardiãs, de ver a névoa chegando à tardinha, acender o fogo no fogão à lenha ou na lareira, andar por entre as trilhas na mata. Lá não pegava nem sinal de telefone, era muito bom. Ligava wi-fi somente quando iria utilizar a internet para uma necessidade específica.*

\*\*\*

*Com essa agitação à volta, só tenho conseguido estudar em casa durante a noite, na madrugada. A sensação é que só consigo acalmar e concentrar nos estudos quando todos a volta dormem. Mesmo que esteja sozinha, durante o dia o meu pensamento é atravessado por muitos pensamentos aleatórios, como se eu fosse uma antena de rádio, televisão, ou mesmo da internet...tudo me atravessa e minha mente não encontra descanso em casa. Mas o pior é que estudando de madrugada não tenho conseguido recuperar o sono da noite no dia, nem tenho muito tempo para isso.*

\*\*\*

*Em setembro desse ano consegui iniciar o afastamento para cursar o doutorado. Agora vai aliviar um pouco as demandas e espero conseguir me dedicar mais profundamente à pesquisa.*

\*\*\*

*Tenho necessidade de colocar meu corpo em movimento no processo de pesquisar. Escrever com palavras tem sido um desafio. A dança e outras expressões são um canal que tenho conseguido acessar com maior facilidade. Registro imagens, danças e processos artísticos que tem pedido passagem. Isso tem ajudado bastante a manter o contato com a pesquisa. Trata-se de um movimento novo para mim, não sei muito bem como isso vai compor com a pesquisa.*

\*\*\*

*Passar o verão aqui perto da praia tem sido um desafio. A tranquilidade se foi, ainda que estejamos em momentos em que os cuidados com o COVID-19 são necessários, há muita aglomeração. Parece que essa preocupação já não existe mais para a maioria. A chegada da vacina aliviou um pouco a tensão, mas trouxe de volta o “normal” para a maioria das pessoas. A praia já não tem mais cheiro de mar, é cheiro de cerveja por todos os lados. Não tem mais som de mar, é música alta por todos os lados. Sair de casa no final de semana tornou-se impossível, mas, nos dias de semana não tem sido muito diferente.*

\*\*\*

*Estou convencida de que precisamos nos mudar. Não consigo mais ficar tranquila por aqui.*

\*\*\*

*Enquanto a maioria das pessoas vem para cá passar as festas de final de ano, nós fomos visitar a família no Rio Grande do Sul. Após voltar precisamos seguir na busca por um outro local para morar.*

## ANO DE 2022:

*Encontramos uma casa no meio do mato, com rio e cachoeira perto, em Paulo Lopes/SC. Isso era tudo que precisava.*

\*\*\*

*Estar novamente junto da mata é maravilhoso, perto do rio então, mais ainda. Mas, não sei se consigo sustentar tanta vida ao meu redor. A potência de vida aumentou muito, mas, o risco de morte também. Já encontramos três jararacas perto de casa, em menos de um mês. Muitas aranhas armadeiras. Estamos a vinte minutos da cidade, uma picada desses animais pode ser fatal para as crianças. Começo a ficar muito tensa com tudo isso. Fico nesses momentos imaginando como foi a chegada dos europeus por aqui, em meio à mata tropical, com vida pulsante, animais peçonhentos, onças, e tantos “perigos”. Dá para entender um pouco porque desmatar passou a ser a “solução para tudo”. Imagino: um dia morre um por ataque de onça, no outro, picada de cobra, no outro, aranha, e assim vai...só imagino, mas não consigo ter ideia do que eles passaram.*

\*\*\*

*Percebo que esse lugar está servindo para acordar em mim as memórias ancestrais de medo da floresta, estou buscando olhar para isso com respeito e atenção, mas não está nada fácil. No lugar onde morávamos era serra, frio, não tinha tanta variedade de insetos, aranhas, tampouco serpentes. Viver em um ambiente rico em vida não é nada fácil, muito menos com crianças pequenas. Temos a sorte de ter uma cachorrinha por perto, que já morava aqui. Sempre que saímos a caminhar ela vai junto e avisa quando vê as serpentes. Um dia desses vimos uma luta dela com uma jararaca, algo muito incrível e assustador.*

\*\*\*

*Vamos precisar do suporte da escola com as crianças. Agora que a vacina já chegou está mais tranquilo fazer esse movimento. Mas, não consegui encontrar viabilidade logística ainda, nesse local em que estamos. Até daria para pensar em*

*tardar esse movimento, mas o conselho tutelar já andou visitando a vizinhança. Eles estão na busca ativa das crianças que não foram mais para escola depois da pandemia. Mas, o transporte escolar só atende às crianças do ensino fundamental. Levar e buscar eles na cidade todos os dias será bem difícil. Sem falar no processo de adaptação. Ainda não sei como resolver essa equação.*

\*\*\*

*Recebemos convite para conhecer e participar presencialmente do projeto de uma Comunidade de aprendizagem em Caçapava do Sul/RS e decidimos ir. Ficamos só três meses nessa casa, mas, é hora de mudar mais uma vez. Acredito que lá teremos mais apoio para o início da escolarização das crianças.*

\*\*\*

*Conseguimos um bom lugar em Caçapava do Sul/RS. No terreno ao lado da casa tem um bosque e uma pracinha, as crianças adoraram. Mas, enfrentar o frio tem sido desafiador. Já havíamos desapegado da maior parte das roupas de inverno, e agora é necessário refazer o guarda-roupas. A parte boa é que conseguimos uma casa com lareira.*

\*\*\*

*Estamos trabalhando na comunidade de aprendizagem, mas as nossas crianças não podem ser atendidas pelo projeto pois estão na educação infantil. O projeto contempla apenas ensino fundamental. Vamos tentar a adaptação deles em uma turma regular da mesma escola.*

\*\*\*

*Primeira tentativa de adaptação à escola foi muito desafiadora para os dois. Não sei se vamos dar conta desse processo. E não sei também até que ponto precisamos passar por isso.*

\*\*\*

*Não é somente meu filho que está sofrendo, presenciei outras crianças em estado de grande sofrimento para adaptação. Conversei com a mãe de uma dessas crianças e fiquei mais preocupada ainda. O menino já está a um mês em intenso sofrimento e pouco tem sido feito, por parte da escola, para apoiar essa família na adaptação. A criança chegou ao ponto de não caminhar mais sozinha na rua e na escola só chora e faz todas as necessidades na roupa. A escola insiste que eles precisam ficar sozinhos, que a mãe vire as costas e deixe o filho lá, aos prantos. Não consigo entender esse processo. Meus filhos não ficam chorando, mas, um deles está regredindo a cada dia que passa e não quer mais ir à escola sob nenhum tipo de negociação.*

\*\*\*

*Decidimos mudar de escola. Meu filho mais velho se adaptou bem na segunda escola, mas o mais novo continua muito resistente e sofrendo com isso. Comento na escola a suspeita de autismo, mas nenhuma das escolas considera isso. Todos falam a mesma coisa: vai passar, é assim mesmo na adaptação. Ele é muito inteligente, não parece ser autista. Ele está sofrendo muito e eu também, me sinto amarrada nessa situação.*

\*\*\*

*Meu filho regrediu muito nesse último mês. Voltou a fazer as necessidades fisiológicas na roupa, estamos usando fraldas até durante o dia. Ele já tem quatro anos e já fazia um ano que não usava mais fraldas durante o dia. A fala ficou contraída, voz trancada, está falando como um bebê inseguro. Nem mesmo quando era bebê apresentava esse tipo de fala. As estereotípias motoras aumentaram muito. Estou muito angustiada com essa situação. Inscrevi-me em um curso online sobre autismo para poder ajudá-lo de forma mais efetiva, porque não encontramos apoio outro nesse sentido.*

\*\*\*



*Não temos profissionais na região com especialidade em crianças autistas. Vejo crianças esperarem cinco anos para receber um diagnóstico. E, é essa a postura dos profissionais por aqui: “espera, não tira da escola que ele vai se adaptar.” Estou sentindo muita raiva. O descaso e desinformação em relação ao autismo está por todos os lados.*

\*\*\*

*Ficamos seis meses em Caçapava do Sul e decidimos voltar para Florianópolis/SC. Pode ser que lá consiga um acompanhamento.*

\*\*\*

*Encontramos uma casa perto da praia do Moçambique. Uma praia que fica quase deserta durante o ano e pouco movimento no verão. O mar aqui é mais agitado, mas, agora consigo lidar melhor com isso. Tem um bosque de pinus antes de chegar na praia. As crianças adoram achar cogumelos entre os pinus (habito que tínhamos em São Francisco de Paula/RS). Adoramos.*

\*\*\*

*Fiz contato com Ana, a educadora da rede de educação viva e consciente que participou dos encontros que criei no início da pesquisa. Ela, junto de outras três pessoas, estão abrindo uma escola de educação infantil aqui em Florianópolis. Fiquei muito animada com essa notícia. Por isso decidimos ficar com as crianças em casa, tendo em vista que já é novembro, no próximo ano eles iniciarão nessa escola.*

### **ANO DE 2023:**

*A rotina será desafiadora, levar as crianças todos os dias até o bairro Campeche para a escola, mas estamos dispostos a enfrentar a distância. Estamos acostumando-nos com a diferença distância/tempo que existe aqui e nas cidades pequenas. Vinte e cinco quilômetros aqui demoram o mesmo que os sessenta e cinco que eu fazia de Rolante à São Francisco de Paula.*

\*\*\*

*Estamos tendo a oportunidade de curar muitas questões junto da nova escola. Está sendo muito bom. Aqui a adaptação é respeitada. Posso ficar pelo pátio da escola nos primeiros dias. Os meninos podem circular por todos os espaços da escola (sempre, não só na adaptação). Isso para nós foi fundamental. Juan ficou dias sem querer entrar, e ficava bastante tempo no pátio, recebendo acompanhamento de um educador. Eu ficava num cantinho, só observando e ele chegava até mim quando sentia necessidade. Sebastian está encantado com as muitas possibilidades que o espaço da escola oferece, ainda que seja pequeno.*

\*\*\*

*Os meninos já estão realizando os seus próprios projetos na escola, em um período de três meses eles já se integraram e estão focados nos seus temas de interesse. Um está construindo um circuito de bolinhas de gude e o outro um sistema solar. A diferença de comportamento deles com relação à escola é surpreendentemente grande. Nessa escola eles são acompanhados em seu processo de aprendizagem, que é único, não são obrigados a fazer nada em grupo nem ficar presos em uma sala. Experimentam possibilidades e interações sociais no seu tempo.*

\*\*\*

*Conseguimos dar andamento para as avaliações diagnósticas do Juan em um centro especializado. Seguimos com a recomendação de 20h de terapias, recebidas pela neuropediatra anterior, porém, agora com dispensa de fisioterapia. Recebemos orientação para que ele tenha acompanhante na escola, mas nessa escola não está sendo necessário.*

\*\*\*

*Vejo crianças entrarem e saírem das salas de espera dos atendimentos terapêuticos com tablets nas mãos. Por duas vezes já ouvi recomendações de uso de tablet ou Kindle como apoio durante a espera dos atendimentos. Sei que a intenção das pessoas é apoiar e querer ajudar, mas parece que atualmente não se pode ver*

*uma criança ativa em nenhum lugar que logo se quer neutralizá-la por meio da captura da tela. Isso me preocupa bastante.*

\*\*\*

*Como a escola das crianças fica distante de nossa casa, passado o período de adaptação tenho aproveitado para escrever durante o período que eles estão na escola. Comecei ficando em um espaço de prática de Yoga perto da escola, que tinha um local de lancheria que permitiram ficar em uma mesa. Esse espaço, como ficava na entrada das aulas, começou a ter muito movimento de entrada e saída de pessoas e isso me atrapalhava. Procurei por algum local mais apropriado para trabalho e não encontrei. Fiquei transitando por alguns dias entre padarias e lancherias, até que encontrei uma que tinha segundo andar. Ali consegui ficar sem muita interrupção, pois quase ninguém subia para o segundo piso. Quase toda a escrita final que foi para a qualificação aconteceu nesse período.*

\*\*\*

*Nos inscrevemos em alguns programas de tratamento para o TEA, mas, como a situação do meu filho ainda está classificada como “laudo aberto” estamos nas listas de espera. A neuropediatra indica necessidade de um tempo maior de observação para poder fechar o laudo, postura justificada pela situação de termos passado por dois anos de pandemia, onde a socialização foi profundamente afetada. E assim seguimos, fazendo somente o que é possível... com indicação de 20h semanais de terapias que, para serem feitas por pagamento particular teria que destinar todo o meu salário só para isso.*

\*\*\*

*Após as avaliações realizadas com meu filho resolvi também iniciar um processo de avaliação neuropsicológica. Comecei a reconhecer em mim e na minha história muitos padrões e semelhanças ao processo que ele está vivendo. Os cursos que fiz sobre autismo me ajudaram a compreender melhor essa situação. Sinto a necessidade de tomar consciência das minhas limitações para poder apoiar o desenvolvimento do meu filho. Procurei uma profissional especializada em autismo*

*em adultos, por dois meses realizamos um processo de avaliação neuropsicológica que não somente confirmou o TEA-1, mas, também o TDH e AH/SD. Confesso que imaginava poder estar na margem de um espectro ampliado, mas entendi que a associação com essas outras condições fazem com que a situação do TEA fique mais difícil de ser visibilizada.*

\*\*\*

*Em virtude de questões pessoais e financeiras decidimos voltar para nossa casa em São Francisco de Paula/RS. A expectativa com essa mudança era criar uma rotina mais tranquila para a última etapa do doutorado. Como nossa casa fica em uma ecovila, teríamos apoio para questões cotidianas como almoço, entre outras. E as crianças adoram a vida lá. Mudamos no início de maio de 2023.*

\*\*\*

*Chegamos em São Francisco de Paula e, uma semana após a minha qualificação fui convocada para retornar ao trabalho. Quando pensamos que iríamos nos estabilizar com uma rotina tranquila chegou mais essa bomba. Fiquei sem reação por alguns dias, mas não tinha escolha, teria que atender ao chamado do trabalho. Entrei em crise, imunidade baixou, fiquei doente. Tive um novo processo de desmaio, isso já não acontecia há bastante tempo. Fiquei assustada. A psiquiatra recomendou exames mais detalhados de imagens para investigar os desmaios. A princípio tanto ela quanto a psicóloga nomeiam esse processo como crises de shutdown em estado agudo, mas recomendam aprofundar os exames, tendo em vista que já tive processo de desmaio convulsivo.*

\*\*\*

*Combinei com a gestão do IFRS um período de adaptação de um mês para conseguir fazer nova mudança. Não vou dar conta de viajar todos os dias para ir ao trabalho. Tendo em vista que meu trabalho fica em outra cidade vamos precisar mudar novamente.*

\*\*\*

*Mudamos para Rolante/RS no início de junho de 2023. Conseguimos uma casa em um sítio muito bonito, perto do rio. A casa é pequena, mas o lugar nos contempla em termos de ambiente externo e fica bem próximo do meu trabalho. As crianças adoraram, pois podem jogar pedra no rio todos os dias, e temos um lindo pomar de cítricos no pátio, além de outras árvores majestosas e vários pássaros que visitam o local frequentemente.*

\*\*\*

*Voltei para o trabalho presencial depois de três anos longe. Meus objetos e livros que havia deixado no local de trabalho estavam todos lá. Fui bem recebida pelos colegas e percebi que alguns projetos que eu tinha criado seguiram o seu rumo. Fiquei contente com isso. Preciso me situar de toda a dinâmica prática e dos fluxos criados pós-pandemia. Momento de muita adaptação novamente.*

\*\*\*

*Voltamos à dinâmica de adaptação à nova escola com as crianças. Eis aqui o processo mais intenso. Conseguimos que os dois ficassem na mesma escola, mas, dessa vez em processo convencional, com turmas separadas. Novas resistências, novos aprendizados. Mas, nada se compara ao que passamos no início.*

\*\*\*

*Estávamos a uma semana na nova casa e uma enchente chegou. Nossa casa, ainda que perto do rio, não tinha registros de ser atingida pela enchente. Mas, fomos pegos de surpresa. Saímos no meio da noite após ouvir o primeiro alerta dos bombeiros. Carregamos o carro em trinta minutos. As crianças estavam dormindo quando os colocamos no carro. A chuva estava intensa, um grande ciclone estava acontecendo. Não estávamos ligados nas previsões do tempo. Naquele momento não pensamos em pedir ajuda para ninguém da cidade pois a cidade já estava em processo de inundação. Saímos rumo à nossa casa na serra, mas no caminho já haviam vias alagadas. Paramos em um posto de combustível na cidade vizinha, muito*

*assustados com a situação. Batemos a traseira do carro ao sair. Tivemos que encontrar um hotel ali perto para passar a noite.*

\*\*\*

*Amanhecemos no hotel, procuramos notícias sobre a situação das vias. As estradas até São Francisco de Paula estavam liberadas. Ainda chovia muito. A cidade de Rolante continuava alagada. Essa foi a maior enchente dos últimos sete anos. Ficamos três dias na serra, aguardando a liberação do acesso para nossa casa em Rolante. Ficamos aflitos pois tínhamos comprado os móveis a uma semana, os livros ainda estavam nas caixas, no chão, à espera da estante que ainda não tinha chegado.*

\*\*\*

*Nossa casa não foi atingida. Foi uma grande surpresa, boa surpresa. A água chegou até um dedo da altura da porta, passou apenas pela área da frente. Ajudamos alguns vizinhos atingidos, que perderam quase tudo.*

\*\*\*

*A cidade de Rolante fica em uma região de vale, dois rios atravessam a cidade. As enchentes são costumeiras por aqui, mas como essa última são mais raras. Acreditamos que daqui para frente esses eventos serão mais frequentes em função da crise climática que estamos enfrentando globalmente. Os moradores daqui seguem sua normalidade depois de lavar a cidade e as casas atingidas. Algumas escolas se colocam à disposição para abrigos provisórios. O rio sobe rápido e baixa rápido também, logo que a chuva para.*

\*\*\*

*Após esse episódio ficamos em alerta constante, acompanhando as previsões do tempo frequentemente. Tomamos conhecimento de que estamos passando por um período chamado “El niño”, que anuncia muita chuva para esse ano. Começamos a ficar atentos também para a possibilidade de uma nova mudança, mas, não há muitas opções de moradia de aluguel em Rolante. Esse sítio que alugamos está à venda,*

*mas, por indicação de conhecidos, conseguimos alugar. Gostamos de morar em região rural, mas é mais difícil ainda encontrar imóveis para alugar nesse perfil. No centro da cidade o risco de enchente é maior que aqui e, todas as casas que vimos disponíveis estão em área que já foi alagada e, por isso, as casas estão para alugar. Estamos tensos.*

\*\*\*

*Seguimos nossa rotina. Adaptação à escola, novas consultas médicas, novos exames...Fechamos o laudo do Juan e conseguimos acompanhamento de AEE (Atendimento Educacional Especializado) pelo município. Estamos recebendo apoio psicológico via CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), para dar conta da nova adaptação à escola.*

\*\*\*

*Em meio a toda essa instabilidade, consegui me firmar no trabalho com as medicinas da floresta. Encontrei um centro de consagração em uma cidade perto. Vou junto com uma colega de trabalho que me apresentou o local. Ter esse apoio está sendo fundamental. Já fazia três meses que não consagrava. Não tenho confiança de consagrar em locais sem indicação de alguém conhecido.*

\*\*\*

*Enfrentamos mais três enchentes, menores que a de junho, mas, não ficamos em casa para esperar e ver a situação. Dessa vez, em atenção às previsões, saímos de casa durante o dia, com planejamento, antes do alerta dos bombeiros. Estamos vivendo um movimento constante entre as duas casas, entre Rolante e São Francisco de Paula, que está funcionando como nosso refúgio quando as águas sobem.*

\*\*\*

*Uma nova enchente chegou, me pegou desprevenida. Estávamos eu, meus filhos, uma amiga e sua filha em nossa casa. Não estávamos esperando chuvas fortes, nenhum ciclone estava anunciado, mas, choveu muito nas cabeceiras dos rios daqui,*

*aqui não foi muita chuva. Não saímos de casa, estava exausta com essa situação. A previsão era de que no outro dia a chuva iria parar, mas, o rio continuou subindo. Foi muito difícil dormir, escutávamos o rio correr ao lado de nossa casa. Ficamos acompanhando os alertas dos bombeiros. Eles afirmavam que a situação estava controlada, que não iria subir muito o rio, resolvemos confiar. Noite de vigília e rezos. O rio não alcançou nossa casa, mas passou perto.*

\*\*\*

*Adorava dormir ouvindo o som da chuva, mas ultimamente começa a chover e todo mundo já fica tenso. Quando estou no trabalho e começa a vir chuva forte é uma agitação só, os estudantes que moram em localidades de risco correm para casa. Por várias vezes cancelamos o turno de aula em função das chuvas.*

\*\*\*

*Encontramos uma casa para alugar em novembro de 2023. Área rural como queria, e perto do trabalho, mas, dessa vez, longe do rio. Aqui apenas os acessos à cidade trancam quando dá enchente, pois os arroios sobem e alagam as estradas. Mas, quando as enchentes ocorrem, até mesmo a entrada da cidade inunda, então, de qualquer modo não é possível chegar na cidade nessas situações. Outro ponto positivo daqui é o poço artesiano. Temos água independente da cidade. Quando ocorre enchente, o pessoal da cidade normalmente fica sem água por alguns dias.*

\*\*\*

*Mudamos novamente. Essa é a terceira mudança do ano. Na semana seguinte de nossa mudança, uma nova enchente. Ficamos aliviados, porém, ilhados por três dias.*

\*\*\*

*Consegui uma licença capacitação de três meses para poder dedicar mais atenção à tese. Vou entrar em férias no final de ano e depois já inicio o ano em licença, retorno só em abril para o trabalho.*



## **ANO DE 2024:**

*Passamos um período tranquilo de começo de ano. Vivemos alguns desafios apenas com adaptações na nova escola, pois meu filho mais velho ingressou no ensino fundamental. Foi necessário trocá-lo de escola logo após a segunda semana de aula. A situação era insustentável. Ele, que sempre gostou e aceitou tranquilamente ir para a escola, estava desmotivado e com medo. Chegou a afirmar “- Mamãe, acho que não gosto mais dessa história de estudar”. Contou algumas situações desrespeitosas que vivenciou, conversamos com a professora, mas nada mudou. A violência já é um ato comum e corriqueiro em algumas escolas. Não sei até quando aguento essas negociações e reivindicações de direitos básicos das crianças nas escolas. Isso é realmente muito difícil para mim. Preciso lidar diariamente com a raiva que sinto com relação ao modo como conduzem as crianças na maioria das escolas.*

\*\*\*

*Percebi que não teríamos condições para lidar com o modo como aquela escola conduzia o processo educacional. Mudamos de escola e a situação mudou. Agora ele vai e volta feliz e confiante, como sempre foi. Considero que esse movimento de mudança é importante para o aprendizado do meu filho, ao contrário do que muitos dizem: “é assim mesmo, precisam acostumar”. Essa nova escola é também municipal, mas, bem diferente da outra.*

\*\*\*

*Uma nova enchente se anuncia. Pelos avisos será maior que as anteriores. Tentamos avisar o máximo de pessoas conhecidas que moram próximo às regiões de risco, oferecendo abrigo. Na noite anterior conversei com uma conhecida que chegou há pouco na cidade, oferecendo abrigo aqui em casa. Mas ela, assim como a maioria das pessoas, não acreditara que a água subiria até suas casas. Estamos em segurança, mas muito aflitos. A equipe do hospital já está fazendo evacuação dos doentes internados para uma cidade vizinha, livre de enchente. O hospital fica em*

*área de risco, mas nunca eles tinham tomado essa decisão de evacuar todo o hospital (que tem dois andares).*

\*\*\*

*Estamos chocados com a destruição que tomou conta não somente de nossa cidade, mas grande parte do nosso estado do RS. A água subiu como nunca aconteceu, cidades inteiras foram completamente destruídas. Aqui estamos todos ilhados, muitas pessoas desabrigadas. A água chegou em lugares que nunca havia chegado. Alguns bairros a água subiu até o telhado das casas.*

\*\*\*

*Alertas a todo momento. Sirenes de evacuação. Aviões sobrevoando os arredores. Sinais que não param de chegar anunciando os limites dados pela Mãe Terra. É impossível não se afetar, ainda que eu e os meus familiares estejamos em segurança. A cada helicóptero e avião que passa sabemos que ainda tem pessoas precisando de resgate em cima dos telhados de suas casas.*

\*\*\*

*A cidade está caótica, mas em melhor situação que outras do nosso Estado. Aqui ainda temos boas áreas de escoamento e infiltração da água, apenas o centro da cidade é asfaltado. Foram mais duzentas e quarenta atingidas pelas cheias dos rios.*

\*\*\*

*A água do rio está baixando mas ninguém tem água na cidade. Água potável é raridade por aqui, toda a região metropolitana está sem água e não tem mais água nem para venda. Estamos armazenando água como podemos em casa pois se ficarmos sem luz ficamos também sem água. Nosso abastecimento é por poço artesiano, mas precisamos de energia elétrica para puxar água para a caixa. Ficamos uma semana sem poder acessar a cidade já pois as passagens de estrada onde cruzam arroios ainda estavam trancadas. Quando conseguimos acessar a cidade*

*começamos a contribuir com a lavagem de roupas de pessoas conhecidas que foram atingidas.*

\*\*\*

*A central de abastecimento de água de nossa cidade não foi afetada diretamente, então aos poucos a água está voltando na cidade, com abastecimento intercalado por bairros. Passar pela cidade é desesperador. As ruas estão cheias de entulhos, muitas residências, lojas e alguns ateliês de calçado foram atingidos. Essa cidade gira em torno das fábricas de calçados, mas muitos trabalham em pequenos ateliês, com feitos de etapas da produção. Dessa forma, muitas pessoas também estão sem os empregos que tinham por que o ateliê foi atingido. Estamos focando os esforços de atendimento ao público que estuda na nossa escola e suas famílias, da mesma forma estão fazendo outras escolas que não foram atingidas.*

\*\*\*

*Por duas semanas nossa escola foi sede de recebimento de doações e os servidores ficaram envolvidos na distribuição das doações. Temos dezessete colegas, entre professores e servidores que moram na região metropolitana que não estão podendo acessar a nossa cidade. Não sabemos ainda como retomar as atividades de trabalho nessa condição. A equipe de gestão do campus está elaborando planejamentos alternativos para que os estudantes daqui não fiquem tanto tempo sem atividades. Mas, recebemos aviso de alerta nesta semana da possibilidade de repique das cheias, tem mais um ciclone se formando. Todos estão muito tensos com tudo isso.*

\*\*\*

*A previsão de repique das cheias dos rios se confirmou e tivemos novo alagamento. Dessa vez não foi tão grande quanto o último, mas, mais uma vez, muitos desalojados e as atividades que voltariam nesta semana tiveram que ser adiadas novamente.*

\*\*\*

*A região de Porto Alegre (capital) e cidades vizinhas estão sofrendo com a dificuldade de escoamento das águas, a previsão da água baixar é para mais de vinte dias. Os campi do IFRS que estão nessa região estão servindo de alojamento para desabrigados e nossa reitoria lançou pedido de apoio de servidores que possam se deslocar até os locais para apoiar no trabalho. Mas, aqui em Rolante a situação já está voltando à normalidade e precisamos atender às demandas da comunidade local. Os estudantes estão angustiados que ainda não voltamos às aulas pois as demais escolas do município já retornaram. Por isso, mesmo que ainda estejamos com servidores impossibilitados de chegar ao campus, retomamos as atividades.*

\*\*\*

*Já se passaram três semanas e os alertas continuam. Antes, a evacuação era nas áreas baixas, agora, quem precisa evacuar é quem está nas áreas altas. A chuva não pára, vai e volta, e solo das regiões de morro está cedendo. O risco agora é de deslizamento e desabamento das casas das áreas altas. Algumas regiões altas daqui estão sem acesso à cidade, pois as estradas desmoronaram.*

\*\*\*

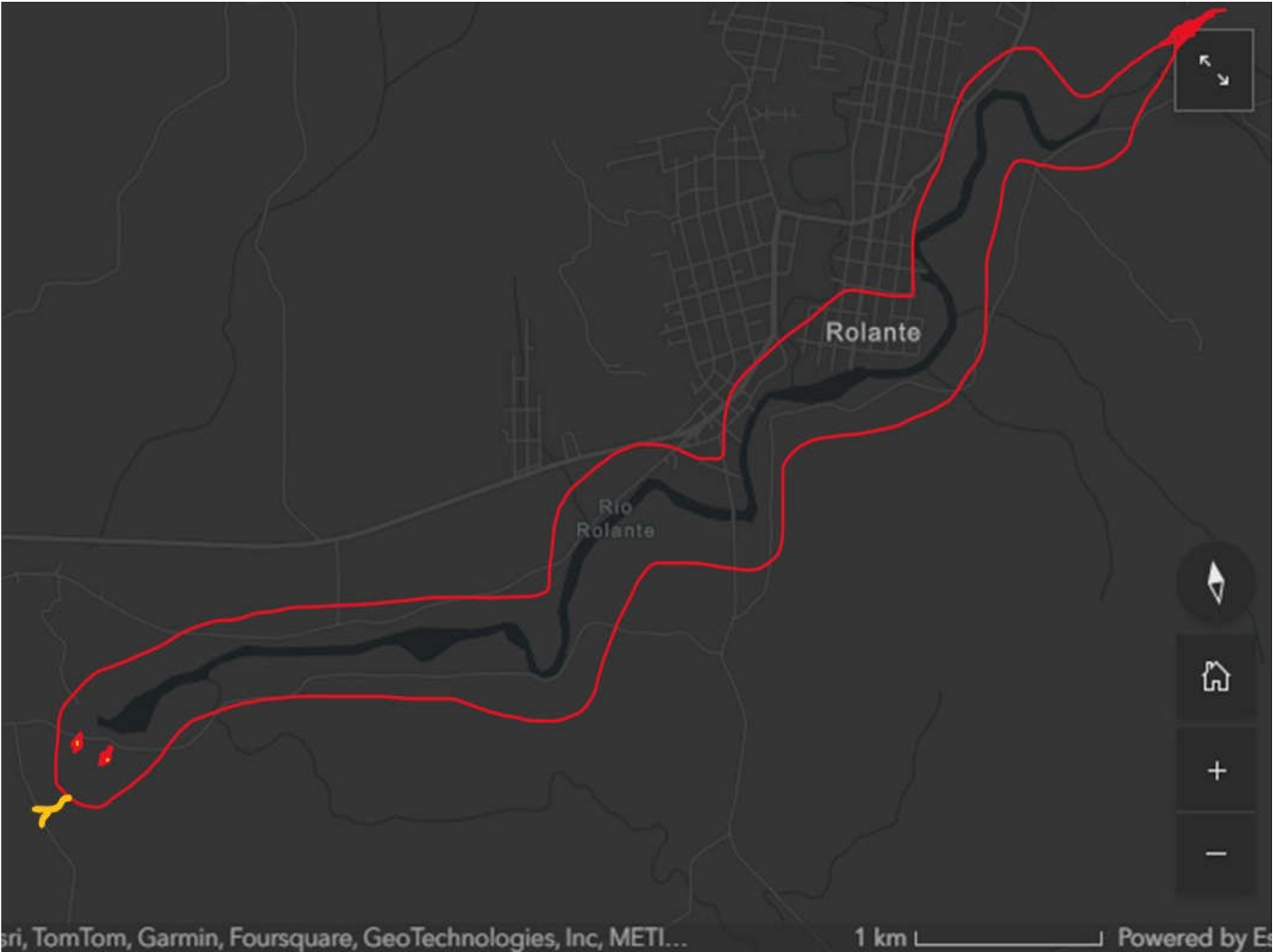
*Por aqui, muito rezo e meditação. Comecei a colocar em atividade um projeto de práticas integrativas e complementares em saúde que deveria começar em abril deste ano, mas que somente agora, em junho, pode iniciar. Comecei a desenvolver práticas de meditação e respiração, dança circular e reiki, no campus. Consegui também a parceria com uma mãe de um estudante que é professora de yoga. Estamos tendo muita demanda de ansiedade e alguns registros de transtorno pós-trauma na nossa comunidade. A prefeitura já lançou processo seletivo para psicólogos e assistentes sociais para dar conta da demanda. O tempo firmou, mas, a cada chuva que se anuncia, muitos ficam em crise.*

\*\*\*

*A crise climática se anuncia agora para além dos alertas dos ambientalistas. Todos estão precisando olhar para isso. Em um cenário global, tivemos outros*

*cenários de destruição por alagamentos em outros países, nessa mesma época do ano. Será que as pessoas conseguirão perceber que tudo está conectado, que nosso planeta já está em extremo desequilíbrio ambiental e que nosso modo de vida precisa mudar? Como podemos pensar a educação a partir deste cenário? Continuaremos “preparando” nossas crianças e jovens para o futuro e para o mundo do trabalho? O que precisa mudar na educação, diante de tantas mudanças climáticas, que estão apenas começando?*

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TORNAR-SE PASSAGEM**



Chego ao final desse percurso com algumas perguntas que não foram respondidas e que se tornam companheiras de um fim de tese. De partida já é possível afirmar que uma tese não termina, pois o processo de estudo a que fomos submetidos não cessa de se fazer em nós. A tese é finalizada, mas a questão que movimentou segue em aberto, só que de outras maneiras e com novas perguntas. Pergunto-me, por ora: quem ou o que nasceu e/ou morreu nesse parto?

Essa é a principal questão que abriremos no capítulo que faz o fechamento da tese como ritual. Ainda que o parto seja para nós um modo de estar nesse trabalho, precisamos passar por outras etapas que acompanham e fazem parte dessa. Por isso, adentramos em um período de puerpério. Puerpério que não tem prazo para terminar e que não começou exatamente agora, tendo em vista que partos acontecem a todo momento nessa jornada. Porém, aqui abrimos um espaço para falar do puerpério.

O puerpério é talvez um dos períodos mais desafiadores para quem vive um parto. Tendo em vista que é nesse momento que você se depara com a materialização do que nasceu e/ou do que morreu. Trazemos a questão da morte aqui não somente como metáfora para o fim de processos, mas, para situar que em um cenário de parto, precisamos saber que a roda vida-morte-vida pode parar no meio. Ainda que a morte física do bebê ou da mãe não seja o mais comum em um parto, ela sempre é trazida junto das histórias, com muito aprendizado e emoção, de quem já passou por essas bandas das artes de parir e partejar. E, no meu caso, isso não é diferente. Mesmo com pouca experiência em acompanhamento de partos, vivenciei uma situação de parto-morte como parturiente. Por isso, falar aqui das mortes que acontecem nos partos também faz parte do campo em que esta tese se conjuga.

Tendo em vista que quem nasce necessita de cuidados para se manter vivo, e, quem morre, necessita ser conduzido, ritualizado, também com cuidado, trazemos aqui um ponto importante nesse momento: o cuidado. Talvez esse seja o momento perinatal que mais precisamos de cuidado, tendo em vista que provavelmente estamos enfrentando a exaustão e recuperação de um corpo que viveu um parto e a necessidade de cuidado muito especial de um corpo recém-nascido, que também, de alguma forma, viveu um parto. O recém-nascido será um companheiro que seguirá junto conosco por muitos anos, ou talvez por toda vida, chamado filho, e isso requer muita responsabilidade também diante desse cuidado. Por isso, abriremos as questões apresentadas acima considerando que elas estejam amparadas por uma



compreensão de ética do cuidado, tal qual apresenta Haraway (2021), no seu livro “Manifesto das espécies companheiras”.

Essa ética diz de um interesse comprometido, atravessado pelas mundificações que fazem com que a convivência não seja um mero compartilhar de experiências, mas que possamos ver o outro como um coconstituente do nosso mundo. E, nesse mundo coconstituído, vemos o outro como um ser inteiro, um ser completo, que não requer de nós complementações, nesse cuidado. Trata-se, portanto, de uma alteridade significativa, onde “estar com os outros, estar em conexão significam, em diversas escalas, em camadas locais e globais, em teias que se ramificam.” (Haraway, 2021, p.93)

Haraway (2021) traz uma afirmação nesse contexto que também é importante para pensarmos estas considerações finais. Ela diz que “preciso saber como viver com as histórias que agora conheço” (Haraway, 2021, p. 93). Entendo que é sobre isso que se trata esse percurso de pesquisa, sobre um caminho possível de ser aberto, junto ao campo da educação, com as histórias de partos. Isso porque elas marcaram significativamente minha vida de modo tal que, estando imersa também na área da educação, seria impossível que esses caminhos não se atravessassem.

O movimento de pensamento resultante desta tese em educação, é apenas o início do exercício de pensar educação com os saberes ancestrais e as artes de parir. É o primeiro passo para a aproximação desses campos de saberes que aparentemente são distintos, mas, que aqui encontraram um ventre-lugar para serem gestados e paridos e seguir avançando em direção ao convite de pensarmos uma outra forma de ser/estar na educação e na pesquisa em educação. Outras formas de acompanhar os processos de aprendizagem que possam permitir a expressão dos saberes e dos conhecimentos por meio de um cuidado comprometido, sem julgamentos ou repressões com relação à modos de existência e modos de fazer desses processos.

Essa tese é, portanto, um trabalho sobre coexistências de saberes e sobre encantamentos. Encantamento no sentido de recuperar o gosto, a vontade e a possibilidade de criar sem condicionar as criações às formas pré-existentes ou pré-concebidas como ideais pelo modelo eurocêntrico de educar e aprender. Nas palavras de Rufino e Simas (2020, p.6) trata-se da “gerência de uma vida praticada em conexões plurais por uma perspectiva da diversidade, contrária à produção de desencanto: perda de vitalidade, que reifica as raízes mais profundas do

colonialismo.” Por isso, encantar-se e produzir encantamento é uma política de vida, “como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber.” (Rufino e Simas, 2020, p.7).

Um modo que expressa outros meios possíveis para criarmos, planejarmos e colocarmos em movimento ações educacionais. Como a educadora no seu trabalho em educação pode levar adiante uma educação que olhe para as diferenças como diferenças e não como deficiências, e trabalhe no plano das coexistências dentro de uma perspectiva vitalista, mais especificamente, uma perspectiva que engloba um vitalismo perinatal? Ou seja, uma perspectiva que nos convide a olhar para as dinâmicas que envolvem o nascimento humano, ou quaisquer nascimentos, e com eles pensar os processos de aprendizagem, pensar a forma como conduzimos nossas pesquisas e projetos em educação. Como uma tese dá existência a algo que não existia antes e como a pesquisadora cuida e sustenta esse nascimento?

Uma perspectiva a partir de um vitalismo perinatal nos convida também a experimentar os processos como quem sente junto com quem está nascendo. Sente e vê tudo à sua volta com os olhos da novidade e da curiosidade. Com interesse genuíno por entender o outro e o mundo a sua volta. Assim como, com interesse genuíno por permitir e apoiar o surgimento do novo, por permitir-se ser passagem para o novo, assumindo as consequências e mudanças que ele traz. Por isso, uma perspectiva vitalista perinatal traz consigo um interesse cuidadoso. E, não se trata de cuidar e sustentar apenas aquilo que nasce, mas cuidar e sustentar o processo do nascimento em si, ou seja, cuidar e sustentar a possibilidade de que os partos aconteçam. Isso implica em focar nas possibilidades que valorizam as potências do fazer com o corpo e com ele tornar-se passagem para algo que será produzido. Entendendo o corpo como uma materialidade estendida, ampliada, porosa, que não se limita por meio da pele, mas, que a partir dela encontra-se com as suas extensões.

Por isso, considerar o vitalismo perinatal como uma perspectiva é considerar também os aprendizados provenientes dos saberes trazidos pelas parteiras e povos tradicionais, que acompanham o nascimento como um ritual de passagem. Uma passagem que traz o novo, um portal da vida que se abre e traz consigo também um oráculo pessoal de quem nasce. Ou seja, uma perspectiva que considera que o modo como cada um nasce diz muito sobre ele mesmo, sobre o que ele traz ao mundo. E, desse modo, tudo que acontece no entorno desse nascimento fala sobre quem está nascendo e pode ser considerado um mapa pessoal para essa pessoa.

Uma perspectiva que surge a partir das vivências com parto e das histórias que me foram contadas por parteiras, doulas, e mulheres que pariram seus filhos tendo o interesse em respeitar e cuidar desse processo como um ritual de passagem. Trata-se, portanto, de um saber que provém do contato com o íntimo do outro, com sua parte mais sensível. Haraway (2021, p. 93) nos diz que “conhecer e viver com o outro significa herdar todas as suas condições de possibilidade, tudo que atualiza uma relação com esses seres, todas as preensões que constituem espécies companheiras”.

Dessa forma, aqui fica a reflexão sobre todas as condições de possibilidades de pensamento que se abriram a partir das vivências com os partos, com as parteiras, com as mães e com bebês e crianças. Essas vivências embasam os encontros dessa pesquisa e todas as conexões e atravessamentos que se deram por termos escolhido seguir esse caminho. Tudo isso precisa ser considerado, não como uma conexão genérica dos acontecimentos, mas como uma caminhada singular que se fez existir somente e a partir dos encontros que aqui se estabeleceram, com pessoas e com outros seres não humanos, com os lugares por onde andamos.

Por outro lado, ao olhar para a questão: O que morreu com essa pesquisa? Podemos pensar em uma multiplicidade de possibilidades que se apresentam para os modos de fazer em educação e, mais especificamente, fazer pesquisa em educação. Possibilidades que são vistas apenas quando entendemos que aquilo que não deu certo, que não saiu como esperávamos, que se findou antes do que planejamos ou apenas se findou, faz parte do processo de aprendizagem, faz parte do caminho, faz parte da vida, como nos lembra a pergunta do menino na intervenção: *“Vocês estão dizendo que a morte faz parte da vida?”*

Sim, por isso, uma perspectiva vitalista precisa incluir a morte como parte integrante do processo a ser acompanhado, mesmo que estejamos falando de processos perinatais, que envolvem dinâmicas em torno do nascimento. Quando acolhemos a integridade dos processos, podemos considerar que aquilo que morreu carrega consigo todas as marcas dos encontros e desencontros. Carregam também as marcas daquilo que foi pensado, foi exercitado, e que porventura não foi possível de fazer parte do corpo-tese que aqui se encontra. São marcas das tantas palavras e gestos que ficaram pelo caminho, que aqui dizemos que morreram, não em um sentido de que se findaram, mas que se encontram em decomposição, e servem de húmus,

de terra fértil para esse trabalho que aqui nasce, para tudo que virá depois dele e com ele.

Pensar com as gestações, os partos e a maternagem nos convida a olhar para as associações que criamos constantemente em nossas vidas e mortes. Nos convida a perceber as dinâmicas vitalistas que estão a todo tempo atuando nos processos de aprendizagem, que não somente trazem respostas para perguntas já postas, mas, nos permitem inventar novas perguntas diante dos cenários inconstantes e imprevisíveis que temos. Haraway (2023, p. 225) nos diz que “a simbiogênese não é um sinônimo para o bem, mas para um devir-com mutuamente em responsabilidade”, São esses devires que se manifestam quando pensamos com as relações perinatais e de maternagem.

Vivências que, de alguma forma, já foram experimentadas por nós, porém, cada um à sua maneira, com sua história, mas, que quando vistas com uma curiosidade aprendente, podem nos lembrar que nunca fomos e nunca seremos indivíduos autossustentáveis e independentes. “Todos os seres vivos são, de uma certa forma, um mesmo corpo, uma mesma vida e um mesmo eu que continua passando de forma em forma” (Coccia, 2020, p. 27). Basta olharmos para o modo como chegamos aqui e como nos foi possibilitado a sustentação da vida para lembrarmos que nunca fomos independentes e que nós e o mundo à nossa volta não é resultado de uma criação externa a nós mesmos. Havendo uma força divina que move e cria, essa força está em todos os seres e em todo lugar desse planeta. “Todo ser vivo é a marca da divindade [...], cada nascimento é o processo de migração dos deuses”. (Coccia, 2020, p.45 - 46).

Podemos dizer que lembrar e contar essas histórias nos permitem perceber que não somos indivíduos, somos multiplicidades. Somos formas múltiplas e singulares, divinas por existência, que carregam histórias de vida, marcas ancestrais de todos que vieram antes, marcas da Terra. Histórias que, na maioria das vezes, não são contadas e são esquecidas em prol das histórias ditas importantes, das histórias que contam sobre os percursos lineares de formação intelectual e de conquistas que resultaram em sucessos ou fracassos. Mas, o que gera e sustenta a vida não é a medida dos sucessos e fracassos, é um conjunto de ações de comprometimento e cuidado consigo e com os outros. As histórias que embasam esse corpo-tese se apresentam como um gesto de abertura para o nascimento de outras formas de fazer pesquisa e outras formas de pensar o trabalho em educação. Formas que estão

interessadas na geração, regeneração e na sustentação da vida e dos modos de encantamento da mesma. Formas que estão em constante movimento, que se deformam o tempo todo, mas, que não deixam de ser formas, apenas denotam com isso que elas estão seguindo o curso da vida. Isso porque nos firmamos em um modo de fazer pesquisa que se tornou criação, ao se dispor a acompanhar os processos do pesquisar sob a ótica de quem viveu e acompanhou partos. Como nos diz Haraway (2023, p. 226) “assumir os danos e os aprendizados, trata-se de ‘ficar com o problema’ e levar adiante as histórias naturais culturais coloniais e pós-coloniais, ao mesmo tempo em que se conta o conto sobre uma recuperação ainda possível.”.

O fazer, a partir da criação, neste trabalho, passa por alguns processos, percebidos como dinâmicas de criação, conforme a estrutura que a tese apresenta: relação, concepção, gestação, parto, puerpério, como modos de ser passagem para o fluxo da vida. Essas dinâmicas não são necessariamente sequenciais, mas, por questão de organização da estrutura da tese, elas seguem o padrão do caminho do processo perinatal. Assim sendo, elas nos convidam a pensar uma organização diferente do processo de planejamento prévio à execução das atividades somente conforme o planejado, sejam elas de pesquisa ou de outras ações educacionais. Tendo em vista ainda que o caminho que estrutura essas dinâmicas foi sendo criado conjuntamente com as pessoas que participaram do percurso, principalmente com aquelas que participaram do grupo-pesquisador.

Essas dinâmicas perinatais podem nos convidar ao envolvimento com os conhecimentos e saberes de modo que possamos inicialmente criar uma relação com eles, uma relação que passa obrigatoriamente pelo corpo, pelo sentir profundo, pela escuta atenta. Essa relação de envolvimento pode ser nutrida e acolhida em nós para que a partir dela possamos encontrar meios concretos de manifestarmos o que pode ser produzido com esses conhecimentos e com esses saberes. Mas, diferente de outros processos em que começamos uma produção sabendo o que se espera como produto, aqui, não sabemos o que esperar, precisamos nos entregar para o mistério presente no processo de gerar e nutrir, sem saber ao certo o que está para nascer. Nos abrir para receber esse outro (saber, conhecimento) como parte do nosso corpo e com ele produzir algo novo. E nesse processo, entendemos que apesar de criarmos uma expectativa desse nascimento, focamos em como podemos viver a potência dessa criação, ainda que ela não adquira a forma que se espera. Viver a potência de sentir seu corpo se transformar para ser a primeira casa desse novo ser que está

sendo criado (seja ele uma pesquisa, um projeto, uma obra de arte, um poema, um movimento expressivo...). Permitir-se liberar esse novo ser, para além do nosso corpo, porém, carregando com ele uma parte de nós, para que ele ganhe a imperfeição da existência viva. Por isso, acolher os processos de criação e a possibilidade de acompanhar esses processos importa mais do que a buscar a perfeição de um modo de fazer fabril.

Desse modo, aqui acolhemos as criações, dando passagem para a participação das co-pesquisadoras e suas criações. O que podemos observar como resultado desse processo está para além das atividades que foram descritas nos capítulos que se referem ao trabalho do grupo-pesquisador. Essa participação se faz presente em toda a estrutura do trabalho, pois, a própria organização do percurso do pensamento que aqui é apresentado se fez conjuntamente com os diálogos desse grupo. Assim sendo, o pensamento criado com o grupo-pesquisador é parte do corpo desta tese e não acabou com o seu término.

Nessa perspectiva caminhamos para o acompanhamento e criação de um percurso singular baseado nas experiências com os partos, caminhando para o desprendimento dessas experiências, abrindo espaço para que possamos olhar para nossas criações não apenas humanas, mas para o modo como nos criamos a nós mesmos e nossos mundos. Essa criação e acompanhamento se manifestam a partir do entendimento das relações que se tem em jogo e das transformações que os encontros criados podem desencadear. Essas transformações serão sempre localizadas e corporificadas, são transformações materiais, terrenas. Considerando não somente o que está se transformando, mas as marcas que as transformações deixam, além de identificar os possíveis agentes transformadores, que também são transformados na relação.

Posso afirmar que com esse percurso todo um regime de percepção e de sensibilidade foi alterado na pesquisadora. Ao acompanhar o processo mais perguntas ficam no ar: o que podemos pensar em educação quando estamos imersos em um cenário de grandes transformações? Haverá outro caminho senão aprendermos a viver com mudanças, ruínas e possibilidades escassas de vida? Como podemos ser nutridores de vida em meio às ruínas? Essas questões surgem nesse momento como pontos necessários a serem explorados daqui para frente. Pontos que indicam que caminhar com os saberes ancestrais se faz necessária como possibilidade de nos mantermos por mais tempo coabitando esse planeta.

O trabalho também diz sobre a necessidade de criarmos um corpo capaz de permitir-se à passagem das mudanças necessárias para que possamos aprender a regenerar a vida em nossos trabalhos e nossas pesquisas no campo educacional. Um corpo aberto ao sentir, voltado ao envolvimento, mais que ao desenvolvimento, como afirma Bispo (2023). Buscamos ativar a criação desse corpo com apoio da arte. Entendendo a arte como um jeito de aprender, como explica Manning (2018, p. 260)

Arte, tomada como um jeito (way) de aprender, age como uma ponte para novos processos, novas passagens. Falar de um — jeito (way) é lidar com o processo em si mesmo, das suas possibilidades de devir. É enfatizar que arte é, acima de tudo, uma qualidade, uma diferença, um processo operativo que mapeia caminhos rumo a uma certa afinação entre mundo e expressão.

O fazer com e na presença de mulheres e mães, imbuídas pelos processos artísticos está para esse trabalho como uma extensão do novo modo de aprender e pesquisar. Aprendi muito com elas! Estar entre mulheres e mães, em um contexto em que nos perdemos dos coletivos e dos fazeres das coletividades, enquanto sociedade em geral, nos permite realizar um movimento de resistência social e política. Além disso, pensar a educação pela via da invenção de si e do mundo (Kastrup, 2019) com outras mães nos permite o fortalecimento da demarcação de um modo outro de pensar, um modo que acompanha histórias e experiências de mulheres e mães. E isso tem sua força política.

Neste trabalho, criar espaços de cuidado mútuo, escuta sensível e passagens para expressões criadoras de outros mundos e outros modos de perceber a si mesmo em um contexto educacional se faz como um ato de re-existência frente ao modo de vida que nos foi apresentado pelo patriarcado e pelo capitalismo. Re-existir, transformar e regenerar, reativar a vida nos meios educacionais nos interessa e nos chega nesse momento como um apelo necessário frente às mudanças globais que estão acontecendo e que ainda estão por vir. Portanto, tornar-se passagem para viver e expressar o processo das transformações é a energia potencial que ativou e ativa esse trabalho.

Ao abrir esse espaço para pensar com as mães, permitindo-se ser passagem para a expressão de caminhos inesperados, a pesquisa também apresenta um rumo inesperado. Tendo em vista que o esperado, primeiramente, era pensarmos estratégias possíveis para um trabalho educacional coletivo, em comunidade, focado nas necessidades das mães e das crianças, e todas as esferas e ramificações que se

estabelecem a partir dessas necessidades. Porém, dessa abertura surgem outras necessidades, invisibilizadas e por muitas de nós até mesmo escondidas. Necessidades de mulheres que se tornaram mães. Necessidades que dizem de um lugar possível de ser ocupado por nós, na sociedade, nos trabalhos, nos grupos que frequentamos, nas famílias. Lugar esse que vai além do ser mãe, mas, que muitas vezes não há espaço nem mesmo para ser mãe nesse lugar da academia e em outros tantos de nossa sociedade. Ao acompanhar mães que estão dispostas a serem co-pesquisadoras, abrimos também um espaço para dar visibilidade aos saberes que essas mulheres carregam. Saberes por vezes ignorados pelos meios acadêmicos. Principalmente quando esses saberes estão dizendo sobre a vontade de gestar e parir, a vontade de morrer, a vontade de cuidar, a vontade de expressar a potência de vida. Diante de um sistema educacional, social e econômico que captura toda essa potência e a transforma em produto que pode ser rentabilizado, em algo útil para o mercado, manifestar e materializar as vontades e torná-las combustível para aumentar nossa própria potência de vida é um ato revolucionário.

No contexto das dinâmicas sociais que criamos em nossa contemporaneidade, precisamos nos perguntar sobre os impactos que essas invisibilidades e esses não-lugares dizem sobre o mundo que estamos construindo. O que acontece quando uma mãe deixa de estar no ambiente das pesquisas acadêmicas? Que mundos e seres ficam de fora desse lugar quando mulheres e mães deixam de ocupá-lo? E, quais as formas possíveis que entram nesse campo quando mães, parteiras, doulas, compartilham os seus saberes em um ambiente acadêmico e com isso imprimem um modo de pensar e fazer em educação? O que pode uma pesquisa quando ela se dispõe a acompanhar um pensamento vindo das aprendizagens carregadas de vida, encharcadas de ocitocina? O que um corpo que já pariu e já acompanhou partos pode dizer para o campo da educação? Essas são questões que vão reverberar ainda por muito tempo por aqui, pois como afirmado acima, essa tese foi apenas o primeiro passo para o nascimento de uma nova postura diante da educação e da pesquisa em educação, uma postura de cuidado e *respons-habilidade* com as histórias que não são contadas.

Por fim, aqui não há fim, estamos apenas começando, pois como diz Bispo (2023, p. 102) “as nossas vidas não tem fim, só há começo, meio e começo”. E, nesse novo começo continuaremos a experimentação de tornar-se passagem para um outro modo de ser educadora, que pode passar talvez por um modo *educadoula*. Ou, um



modo de existência *pesquisadoula* em educação? Fico aqui com a imagem da doula nessas considerações finais, para ajudar a compor com o devir mãe que aqui se cria. Isso porque nos interessa pensar com o processo perinatal para encontrar caminhos possíveis na educação. Até então, a imagem da mãe, gestante e parturiente, nos convida a pensar o processo de cocriação e coaprendizagem. No âmbito de corresponsabilização de primeiro se dispor a viver as aprendizagens para poder criar espaço para que esse processo de aprendizagem se torne uma passagem para garantir que outros possam aprender conosco e possamos aprender com os outros. Nesse contexto, convidar a Doula como “aquela que serve”, ou seja, que está a serviço da vida, entra como ato de transformação diante dessa primeira postura, de quem está gestando e parindo possibilidades outras, e, com isso, também aprende a acompanhar os processos dos outros.

Trata-se do exercício de uma musculatura outra, de uma corporificação dos saberes, por isso, uma *educadoula* pode inventar para si uma *pesquisadoula*. No acompanhamento das aprendizagens, nos permitimos ser passagem para novos aprendizados e para dar sustentação a invenções outras, de si e do mundo. As perguntas e as conquistas desta pesquisa nos mostram também as forças de uma educação ao modo do colonizador onde as minorias, os detalhes, aquilo que sustenta e gera a vida, principalmente o cuidado, e a diversidade ficam de fora, não interessam. Acompanhar os processos de aprendizagem estando em posição de aprendiz é uma premissa importante para essa postura. Uma doula é sempre uma aprendiz, pois cada parto é único. Ao mesmo tempo que se coloca no aprender do acompanhar as aprendizagens, a *educadoula* pode deixar nascer em si uma *pesquisadoula*, quando permite nascer o interesse por des-cobrir novas formas de acompanhar as aprendizagens.

Dessa forma, uma *educadoula* pode dizer sobre se dispor a ser passagem para os próprios aprendizados, no processo de acompanhar os aprendizados de outros. Disposição que permite que a abertura de um campo de aprendizagem seja feita conjuntamente com quem ela acompanha. E, nesse processo, pode ser possível que se dissolvam as barreiras e limites preexistentes entre o ensinar e o aprender e novos contornos podem surgir, para que não haja distinção entre quem aprende e quem ensina. Esses contornos podem dar espaço para o surgimento de um ventre fértil para a criação de novos modos de fazer educação, onde há espaço para o aprender de corpo inteiro, aprender a partir da potência inventiva de cada um. Dessa forma, quem

está sendo acompanhado em seu processo de aprendizagem pode encontrar suporte necessário para que consiga construir seus próprios caminhos e seus mapas próprios. Mapas que não são modelos prontos, nem poderão servir de guia para outras pessoas, mas, serão registros de um processo de aprendizagem singular que se fez na e a partir das dinâmicas vivas de cada um. Mapas que não excluem os caminhos sinuosos, as curvas, nem as intempéries do percurso. Mapas que poderão apresentar as marcas não somente do que se concretizou como resultado do processo de aprendizagem, mas também das tentativas, dos becos sem saída, dos processos que porventura não resultaram em algo que possa ser criado naquele momento. O trabalho de uma *educadoura* pode ser a construção de uma cartografia de aprendizagens inventivas, do processo de quem está sendo acompanhado, e também do seu próprio processo de aprendizagem.

Pensar sobre esses modos possíveis nos conta sobre um caminho feito na encruzilhada formada por partos, educação e saberes ancestrais. Encruzilhada que se firma com o girar dos ventos nas esquinas, e se encanta com as gargalhadas das pombagiras. Que vem de dentro como pipoca que estoura, e se faz também como parte de uma ritualística guiada pelos aprendizados com os companheiros e companheiras que se encontram nas brechas desse espaço acadêmico e nas margens dos caminhos do pensamento.

Assim como começamos essa ritualística, fechamos esse ciclo, em gira. Gira que não termina, apenas fecha algumas portas e abre outras. Gira que anuncia tempos de mudança, tempos em que não será mais possível manter algumas formas e estruturas estagnadas. Isso porque estamos marcados pelos acontecimentos e pelas ressonâncias deles. O que nos acontece e aconteceu aqui, não está somente aqui, está em todos os lugares. A todo momento alguém nasce e alguém morre, a todo momento vivemos o nascimento e a morte em nosso corpo, com a dança de renovação de nossas células. Nascer e morrer, transformar, cuidar e nutrir, diz também sobre as aberturas que criamos para que as dinâmicas do vivo possam atuar em nossas práticas.

Frente às questões suscitadas por esse modo de fazer, me ocorre que esse processo tratou de uma preparação para que aprendêssemos a ser água, ser rio que corre e flui. Por aqui, tenho preparado meu corpo para as mudanças com apoio dos rios. A água é mestra em encontrar caminhos diversos, em abrir caminhos novos, sem deixar de ser fluída. Seguir o caminho das águas, acompanhar os seus ritmos e

escutar as mensagens que elas trazem é um aprendizado que esteve presente neste trabalho e é um toque à educação que se faz hoje. Esse trabalho começa e termina em meio às catástrofes: da pandemia até as enchentes de 2023 e 2024 no Rio Grande do Sul. Assim sendo, é quase impossível não sermos afetados pelos movimentos das águas.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui. (Krenak, 2022, p. 8)

Com os rios, é possível aprender muitas coisas, e, o que chega aqui nesse momento como ensinamento desses contatos é que, para desviar da poluição e a ação invasiva e descontrolada desse modo de cohabitar o mundo que criamos, é necessário aprender a voar e aprender a entrar profundamente na terra. Ser passagem para outros estados possíveis de existência. Tornar-se chuva, tornar-se um reservatório de água límpida e acessível somente para quem se dispor a acessar espaços profundos da terra, tornar-se nuvem. Porém, ainda que possamos experimentar estados outros, é necessário continuar a andar sobre a terra. Mas, não somente andar, andar, fluir e encantar.

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). Dessa maneira, o encantado e a prática do encantamento nada mais são que uma inscrição que comunga desses princípios. Para nós, é muito importante tratar a problemática colonial na interlocução com essa orientação. (Rufino, Simas, 2020, p.7)

Ao fazermos isso, somos inevitavelmente afetados, marcados, transformados forçosamente, com a força suave e arrebatadora das águas. Ao encantar-se com as águas podemos aprender a voar, a mudar de estado, aprender a entrar na terra, a infiltrar-se no solo, aprender a escoar, ainda que às vezes por transbordamento. Às vezes derrubando os obstáculos para demarcar os limites que foram invadidos, as bordas que foram roubadas, as margens que foram devastadas. Aprender a fluir, evaporar, infiltrar, e devastar quando necessário. Aprender a ser passagem para chegar até o mar, aprender a deixar de ser rio e tornar-se mar.

Andar e continuar a cohabitar essa Terra talvez seja o maior desafio que necessitamos aprender, por isso, aqui, buscamos a aproximação com a serpente, que também é rio. “O rio não para. Ele é ininterrupto, independentemente de hoje estar seco ou não. Não pode interromper. Da mesma forma é o sangue. Ele não para de correr. A serpente é ao mesmo tempo o rio, a mata, e o rio das nossas veias”, explica Merremii, em Ortega (2024), artista do povo Karão Jaguaribaras, do Ceará. A artista conta, na entrevista para a revista Nonada, que o movimento sinuoso da cobra, semelhante ao do rio, tem um nome específico para o seu povo: chama-se de “karakura” que traduzindo significa serpente-forme.

O formato da serpente vai representar nessa costura dos mundos, entre o sol, a lua e as energias que existem na água. Ela vai trazendo suas diversas faces. Tem espécies que escalam, voam, nadam e correm. Para nós a serpente é um oráculo de sabedoria, onde vamos entender o comportamento do ser humano. (Merremii, em Ortega, 2024)

Nesta mesma reportagem, vemos que a serpente também é associada ao movimento dos rios para o povo Huni Kuin. Maru, pesquisador desta etnia, chama a serpente de “alquimia educativa”. Ele também traz associações das serpentes com os rios no trecho abaixo:

A serpente faz parte da vida humana. Ela não é simplesmente uma narrativa histórica. Ela é uma grande guardiã da nossa sede. Onde existem as grandes serpentes, existe água potável, protegida, preservada, que nunca vai acabar. Se matarmos as nossas serpentes, tirarmos de baixo de nossa água, especialmente os rios vão secar. Elas cavam os rios e dão a vida para que os rios continuem vivendo.” (Maru, em Ortega, 2024)

A serpente é um animal que se aproxima da energia expressa por Exu. Por isso, em alguns terreiros de umbanda temos a manifestação de entidades da linha de Exu associadas a serpentes, como o Exu-cobra. Isso porque Exu, como entidade de trabalho na umbanda, traz a força de proteção e de limpeza energética nos trabalhos espirituais, por isso são também chamados de guardiões. E, a serpente é considerada, nesta perspectiva, a guardiã da Terra. Em reverência aos seres das encruzadas, aos seres rastejantes, que nos contam sobre o pulsar da terra, aos seres que conhecem os caminhos quando o assunto é cruzamento de vias, encerramos esse ciclo saudando mais uma vez a força das encruzilhadas: Laroyê Exu! Aqui não criamos nenhuma pedagogia, não tivemos essa intenção. Nos dispomos apenas a

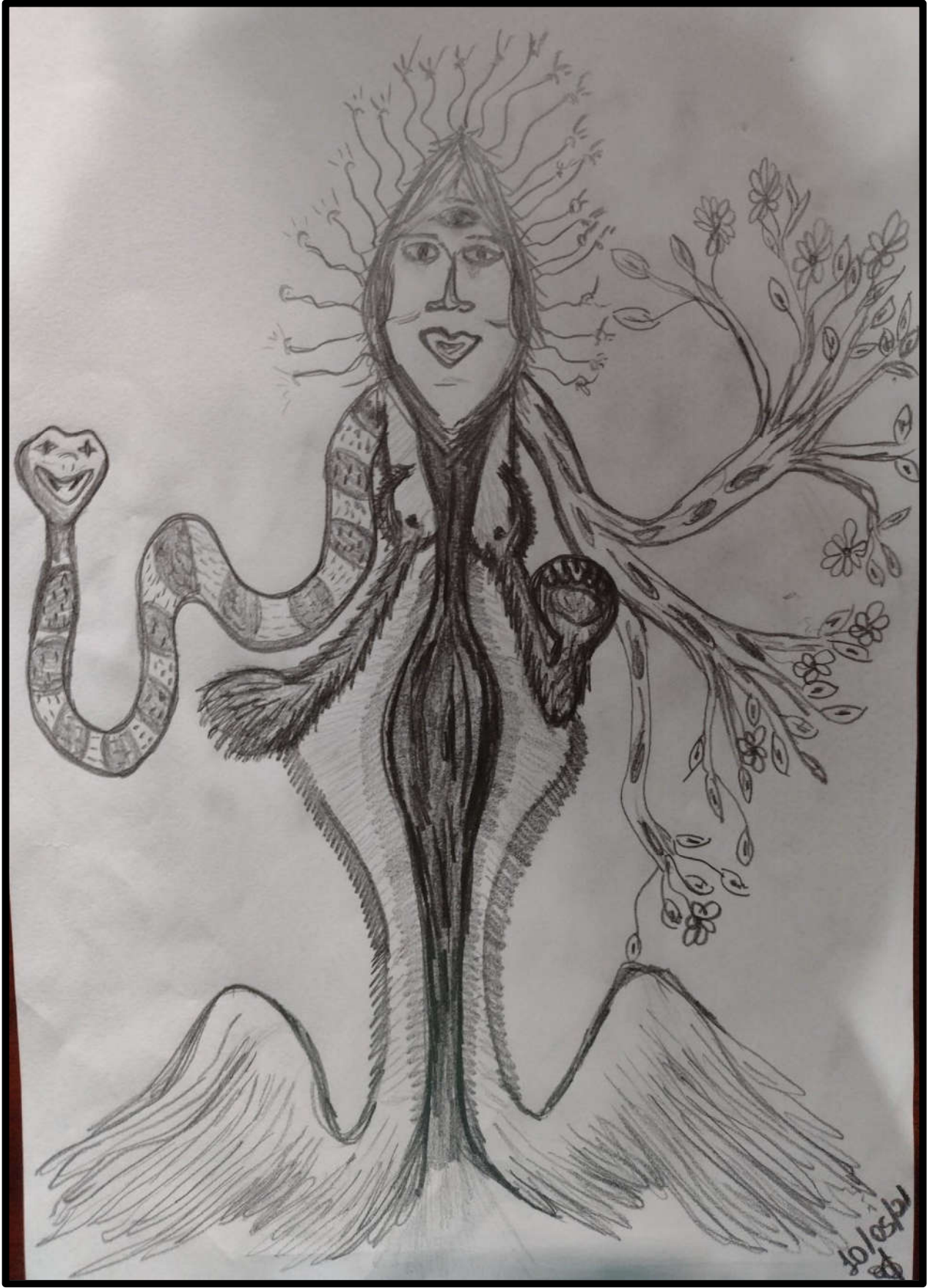
parir outros mundos, acompanhados também pela pedagogia das encruzilhadas (Rufino, 2019). Isso porque nos importa pensar no que vem antes das pedagogias, no caminho que nos trouxe ao mundo, acompanhados de Exu, que nasce antes da própria mãe. “Existem infinitas maneiras de fazer, os modos astuciosos de proceder na rua riscam os pontos de uma amarração de ações de desobediência.” (Rufino, 2019, p.111). Com o apoio e influência de Exu, aquilo que pensávamos ser um pensamento que se faz a partir da vivência de tornar-se mãe, se apresenta como uma problemática anterior à essa: trata-se antes de tudo, de uma problemática feminina, de uma problemática do corpo, de uma problemática da Terra.

Tornar-se passagem, produção visual com duração de 5min e 14seg.

[ <https://youtu.be/8FF-i06VI-E> ]

## REFERÊNCIAS







ALMEIDA, V. L. P. **Corpo Poético**: O movimento expressivo em C.G. Jung e R. Laban. São Paulo: Paulus, 2009.

BARROS, M. **O livro das Pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

BERTHERAT, T.; BERTHERAT, M.; BRUNG, P. **Quando o corpo consente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BUSTOS, C. R. **Pariremos com prazer**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2020.

BUSTOS, C. R. **A Matrística**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra editora, 2007.

GAUTHIER, J. **O oco do Vento**: Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba/PR: CRV, 2012.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

HARAWAY, D. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno**: fazendo parentes. Revista ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 3 - N. 5 / Abril. 2016.

HARAWAY, D. **Manifesto das Espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: Fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1 edições, 2023.

JODOROWSKY, A.; COSTA, M. **O caminho do Tarot**. São Paulo: Campos, 2016.

KASTRUP, V. **A invenção de Si e do Mundo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

KASTRUP, V.; PASSOS, E; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das

Letras, 2022.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LELOUP, J. Y. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

LOWEN, A. **A espiritualidade do corpo**: bioenergética para a beleza e a harmonia. São Paulo: Summus, 2018.

LOWEN, A. **Prazer**: Uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Summus, 2020.

MANNING, Erin. Propositiones para la Investigación-Creación. **Corpo Graffias Estudos críticos de y desde los cuerpos**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 79–87, 2019. DOI: 10.14483/25909398.14229. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/CORPO/article/view/14229>. Acesso em: 2 sep. 2022.

\_\_\_\_\_. **Artimanhas: Coletividades emergentes e processos de individuação**. Revista Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n.52, p.258-280, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46778>

MANCINI, Bianca Scliar C. **Proposições para uma Pedagogia Radical, ou Como Repensar Valores**. Revista NUPEART, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 22–31, 2017. DOI: 10.5965/2358092516162016022. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/10503>. Acesso em: 2 set. 2022.

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G. Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do Humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

NARBY, J. **A serpente cósmica e as origens do saber**. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

NOBRE, A.; KRENAK, A. **A Nave Gaia**. Cadernos SELVAGEM publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2021

ODENT, M. **Pode a humanidade sobreviver à medicina?** Rio de Janeiro: Instituto Michel Odent, 2016.

ODENT, M. **A cientificação do Amor**. São Paulo: Terceira Imagem, 2000.

ODENT, M. **A gênese do homem ecológico**: Mudar a vida, mudar o nascimento. São Paulo: TAO E, 1982.

ORTEGA, A. **A serpente costura os mundos: conheça significados das cobras para artistas e educadores indígenas**. Revista Nonada, 2024. Artigo disponível em: <https://www.nonada.com.br/2024/04/a-serpente-costura-os-mundos-conheca-significados-das-cobras-para-artistas-e-educadores->

[indigenas/#:~:text=O%20pesquisador%20chama%20a%20serpente,parte%20de%20uma%20cosmovis%C3%A3o%20espiritual.\]\( Acessoado em agosto de 2024.](#)

PREVE, A. M. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. **Tese de doutorado**, UNICAMP, Campinas-SP, 2010.

REICH, W. **A função do orgasmo**: Problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RIBEIRO, S.; Krenak, A. **Ciclo dos sonhos**: desenho e sonho. Ciclo de estudos selvagem.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS. 2007.

RUFINO, L. **Vence-demanda**: Educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, L. **Encantamento**: Sobre política de vida. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2020.

WIEDEMANN, S. A. C. Azul profundo: ecologia de modos de experiência cinematográficos como aprendizagens mais do que humanas. **Tese de doutorado**, UNICAMP, Campinas, SP, 2021.

---

---

## ANEXOS



---

## CALENDÁRIO DOS ENCONTROS DO GRUPO PESQUISADOR “VENTRE QUE VIBRA”

Quando divulguei a chamada para a realização dos encontros, estabeleci uma estrutura para distribuir os temas e assuntos que pretendia tratar. Nem todos seguiram o cronograma, na prática, mas, assim foi feito no início. E, após o término desses encontros, foram realizados mais três encontros, para além do cronograma.

1. Encontro de acolhida, apresentação e conhecimento da proposta da pesquisa. (dia 07/07/22 às 19:30h)
2. Círculo de diálogos e outras expressões sobre gestação-educação (dia 14/07/22 às 20:00h)
3. Círculo de diálogos e outras expressões sobre gestação-educação (dia 21/07/22 às 20:00h)
4. Círculo de diálogos e outras expressões sobre a parto-educação (28/07/22 às 20:00h)
5. Círculo de diálogos e outras expressões sobre a parto-educação (04/08/22 às 20:00h)
6. Círculo de diálogos e outras expressões sobre maternagem-educação (11/08/22 às 20:00h)
7. Círculo de diálogos e outras expressões sobre maternagem-educação (18/08/22 às 20:00h)
8. Círculo para articulações de redes e comunidades de maternagem (25/08/22 às 20:00h)
9. Círculo para articulações de redes e comunidades de maternagem (01/09/22 às 20:00h)
10. Círculo para articulações de redes e comunidades de maternagem (08/09/22 às 20:00h)
11. Círculo para construção coletiva de intervenções artísticas públicas sobre as expressões trabalhadas nos círculos (15/09/22 às 20:00h)

---

## FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DAS CO-PESQUISADORAS

Antes de compartilhar as respostas registradas na ficha que foi encaminhada para as co-pesquisadoras, assim que aceitaram participar da pesquisa, deixo aqui uma breve apresentação das mulheres que permaneceram durante todo ou mais da metade do período de realização dos encontros. A identificação é feita por meio de codinomes que elas escolheram serem identificadas.

### Tati

É mãe de um filho de 3 anos. Trabalha como Psicóloga e mora em São Paulo. Engravidou por vontade. Tendo relacionamentos homossexuais decidiu ter um filho em acordo com um amigo. O filho nasceu de cesárea, após um trabalho de parto de 72 horas. Relatou ter sofrido violência (moral) obstétrica durante o parto. Vive atualmente com o filho.

### Ixchel

É mãe de três filhos, de quatorze, nove e quatro anos. Tem 36 anos. Trabalha como parteira tradicional, doula e educadora (é estudante de pedagogia). Reside em Caçapava do Sul/RS. Teve os 3 partos por via vaginal, um hospitalar normal (sofreu violências obstétricas), 1 domiciliar em uma ecovila com parteira tradicional outro em domicílio próprio, com parteira tradicional. Vive atualmente com o companheiro, pai dos filhos, e os filhos.

### Angel

É mãe de seis filhos e está puérpera. Tem 43 anos e trabalha como artesã, possui o ensino superior completo. É natural do Paraguai, mas reside atualmente na cidade de Caçapava do Sul/RS. Teve os seis partos por via vaginal, no hospital. Relatou que sofreu violências obstétricas no último parto, sendo esse o mais difícil e sofrido. Vive atualmente com os seis filhos.

### Thay

---

Não possui filhos. É pesquisadora e ativista feminista. Possui doutorado em Educação. Tem 37 anos e mora na cidade de Arambaré/RS. Apresentou-se como maternante de sua avó, que veio a falecer na metade do percurso dos encontros do grupo-pesquisador. Vive atualmente com o companheiro.

Maezinha é o caralho

É mãe de uma filha e está puérpera. Trabalha como professora e possui doutorado em História. Tem 42 anos e reside na cidade de Rolante/RS. Planejou a gestação e o parto, que aconteceu por via cirúrgica após trabalho de parto acompanhado por equipe humanizada no hospital. Maezinha é o caralho participou ativamente dos primeiros encontros, participou da primeira parição (sonora) e saiu na metade do percurso. Justificou a saída por ter terminado a sua licença maternidade e voltado a trabalhar, não conseguindo mais se organizar para participar dos encontros. Vive atualmente com o companheiro, pai da filha, e a filha bebê.

Emmi

É mãe de dois filhos nascidos, de dezoito e sete anos e de três filhos não nascidos. Trabalha como produtora artística e possui ensino superior completo. Tem 47 anos. Teve os dois partos acompanhados por parteiras. O primeiro em casa de parto e o segundo em domicílio próprio. Reside atualmente em Santo Domingo, na República Dominicana. Vive com o companheiro, pai dos filhos e uma filha.

Beca

É mãe de três filhos, com oito, cinco e um ano e meio. Mudou-se de residência durante os encontros. Reside atualmente em Lorena/SP. Tem 33 anos. Possui graduação em Turismo e faz pós-graduação em Agrofloresta. Teve os três partos domiciliares, dois com parteira e um autoassistido. Vive atualmente com uma filha, a irmã e uma sobrinha criança.

Nique

É mãe de uma filha de 3 anos. Trabalha como bancária e possui ensino superior completo. Tem 33 anos. Mora em Caçapava do Sul/RS. Teve o seu parto por via vaginal no hospital, com violências obstétricas. Sofreu violências psíquicas e físicas no relacionamento com o pai da filha e separou-se. Está sob a proteção da Lei Maria



da Penha, com impedimento de aproximação do pai da filha, porém, vive o conflito de ter que permitir a aproximação dele junto da filha. Vive atualmente com a avó, a mãe e a filha.

#### Ysa

É mãe de uma filha de 15 anos. Trabalha com publicidade e possui mestrado em Ciências Sociais. Tem 34 anos. Mora em Porto Alegre/RS. Teve o seu parto por cesárea, com violências obstétricas. Viveu um relacionamento abusivo com o pai da filha e hoje vive sozinha. A filha dela reside com o pai, a madrasta e sua filha, desde criança.

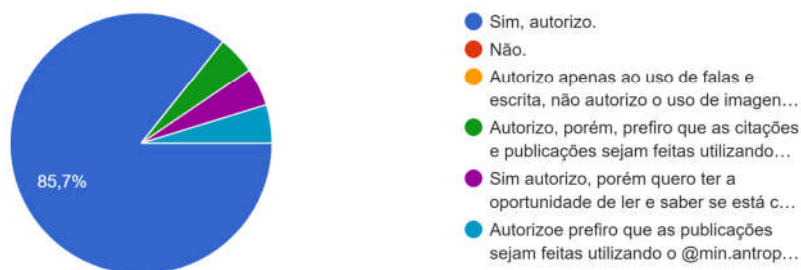
#### Nane

É mãe de três filhos nascidos e três não nascidos. Trabalha como parteira tradicional e terapeuta floral, possui graduação em enfermagem. Tem 45 anos. Teve partos hospitalares com violência obstétrica e um parto domiciliar. Mora em São Leopoldo/RS. Vive com os filhos, a filha e o companheiro.

Abaixo, compartilho as informações das respostas do formulário (online) entregue para as co-pesquisadoras. Nesse registro há respostas de todas que se inscreveram, incluindo aquelas que abandonaram o percurso após a inscrição. Os dados foram organizados pelo formulário do google.

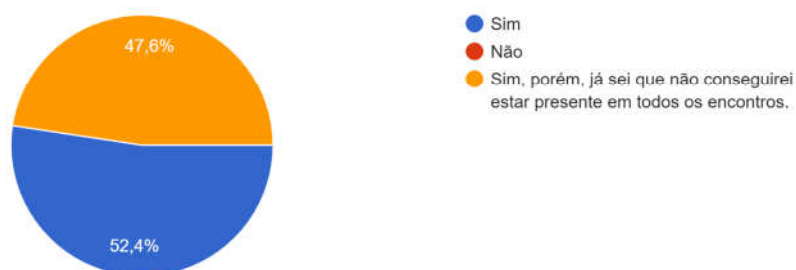
1. Você autoriza o uso, publicação e/ou citação de suas produções escritas e faladas, imagens e outras expressões artísticas elaboradas, dentro da...ente acima e foi explicada nos encontros online)?

21 respostas



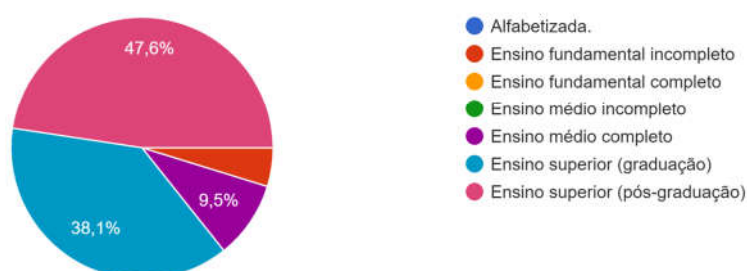
2. Você concorda em participar ativamente dos encontros (abaixo descritos), entendendo que estes são parte de uma proposta de pesquisa acadêmica...(22/09/22 22 às 20:00h) Equinócio de Primavera

21 respostas



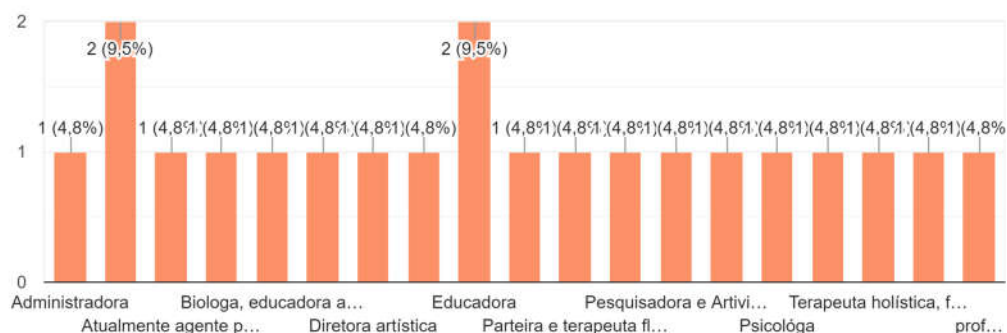
3. Qual a sua escolaridade?

21 respostas



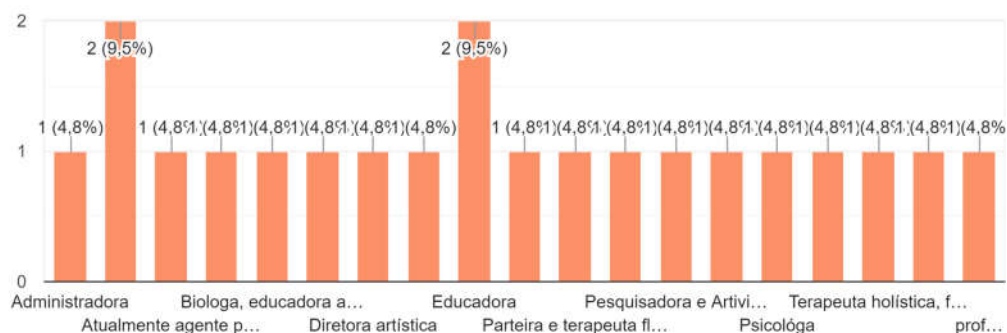
4. Qual a sua profissão, emprego ou atividade que desempenha cotidianamente?

21 respostas



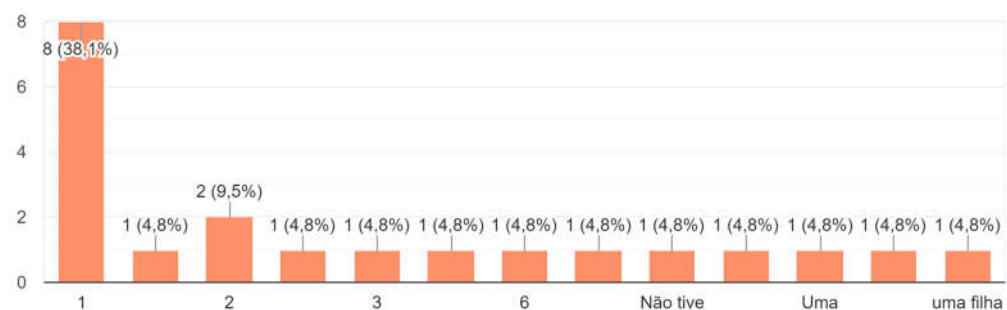
#### 4. Qual a sua profissão, emprego ou atividade que desempenha cotidianamente?

21 respostas



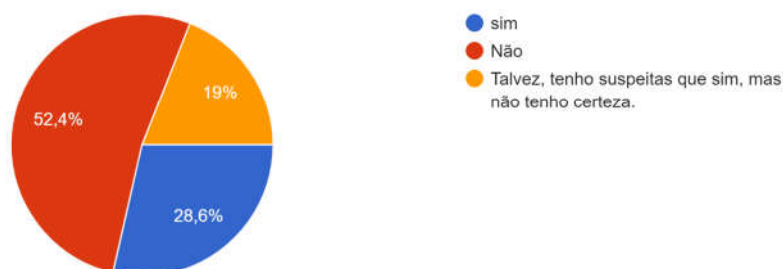
#### 5. Quantos filhos\* você tem, ou teve?

21 respostas



#### 6. Você já viveu um aborto (não importa se provocado ou espontâneo)?

21 respostas



7. Você já viveu um parto? Se sim, utilize o espaço abaixo para caracterizá-lo (local, tipo de parto, se teve intervenções, se sofreu violência, ou algo mais que desejar comentar).

---

1. Sim

2. Sim, parto normal em uma maternidade assistida por uma equipe, doula e meu companheiro. Foram 26h de trabalho de parto, porém me senti bem respeitada e acolhida.

3. Apenas curetagem.

4. 72 horas de trabalho de parto. Fui para hospital com 48hs após bolsa rota y por pedido da médica, me gostaria y,.. T. A dilatação não passava de 4. Colocaram misoprostol. Tive muita cólica e contração mas a dilatação não aumentava. Colocaram outro. Pedi analgesia. Demorou muito para eu conseguir tomar. Não conseguia sentar. Quando tomei a anestesia e meu corpo começou a ficar pesado a médica gritou cesárea de emergência. Saiu correndo. Eu estava apavorada. Depois a médica veio perto de mim e falou: sabe quem não no gostou da anestesia? Seu filho. Naquele momento eu não idealizava mais um parto normal, queria meu filho vivo e comigo. Depois de um tempo que ele nasceu fui no consultório dela e conversei sobre o ocorrido. Ela falou que achou que tinha acontecido algo com o bebê. Ele nasceu super bem e foi só o susto. Mas achei horrível ela querer jogar essa culpa em mim.

5. Não

6. Tive seis partos. A terceira gestação, foram gêmeos. Estes, todos de parto natural. Três, foram de cócoras, exceto dos gêmeos. Neste local, por funcionar o chamado "projeto canguru" (algo assim) tive a feliz experiência de parir sem intervenções de nenhum tipo. Com apoio e técnicas que me levaram a ter meus bebês com o máximo de respeito e amparo por nossos corpos e nossas vidas. Meu último parto, tive meu filho mais novo no hospital de Caçapava do Sul, onde não funciona tal projeto ou coisa semelhante. Já neste, não pude contar com pessoas treinadas para tanto. São pessoas cumpridoras de horário e sem preparo para dar o devido respeito a quem atendem neste momento. Costumam realizar manobras para "ajudar" as mães a partirem que são invasivas, inoportunas, inconcebíveis. É muito doloroso, sem amor, mecânico, baseado em ignorância e indiferença. Muito aquém de um parto humanizado. Meu filho custou muito a sair, preso no canal vaginal. Me machucaram muito. Senti muita dor e angústia.

7. Não

8. Cesárea precedida por trabalho de parto

9. 3 partos, um hospitalar normal, 1 domiciliar em uma ecovila com parteira tradicional outro em domicílio na minha casa com parteira tradicional.

10. Dois partos com parteiras. O primeiro filho nasce numa « casa de nascimento » e a filha mais nova nasce em casa. Agradeço não ter acontecido um

---

parto num hospital porque surge um momento durante cada parto que eu pedia pra não seguir, pra suspender o processo colocando alguma anestesia ou intervenção pra me liberar da dor. Parto natural foi fundamental para despertar uma força selvagem esquecida em mim e pra me reconectar profundamente.

11.Três partos em casa, dois foram acompanhados de parteira e um foi autoassistido

12.Sim parto normal

13. Parto normal. Com algumas violências obstétricas que descobri posterior ao parto. Como equipe de enfermagem duvidando do meu sentir, estava parindo e a enfermeira não acreditava. Tive que ficar de pé, "segurando" para não parir para dar tempo da médica se preparar, porque falamos com ela por telefone, porque a enfermeira não teria a chamado a tempo. Levei corte e pontos, os quais não entendi como necessários.

14. Sim natural em casa

15.Sim Cesárea

16.Foi uma cesariana humanizada.

17. Parto cesariana

18.Em hospital público, parto normal, com violência obstétrica do início ao fim.

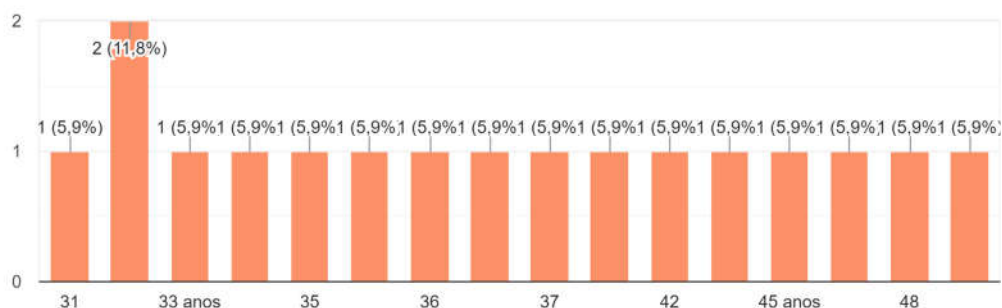
19. Um parto em São Sepé, Cesárea, o atendimento foi violento de uma forma geral. Após ganhar a minha filha, percebi o quanto houve banalizações por parte do hospital e passei a chamar o hospital de "brete" por começar a me sentir maltratada. Nem poderia dizer como uma vaca por que sei que em geral as vacas tem seu lugar no campo para o parto. Houve violações por parte da minha família, de diversas formas, que já vinham desde "sempre". A colocação da sonda antes da anestesia foi outra, o hospital deu leite de vaca para minha filha e considero isso uma violação também. Mas também sei que eu mesma me violencei por não ter me preparado para este momento.

20. Dois partos hospitalares com episitomia, lavagem intestinal, perda de liberdade de me movimentar.

21. Um parto domiciliar sem intervenções.

## 8. Qual a sua idade?

17 respostas



## 9. Onde você reside atualmente? (cidade, estado e país)

Caçapava do Sul  
 Sao José- SC  
 São José SC  
 São Paulo SP  
 Cacapava do Sul RS  
 Chopinzinho - PR  
 Caçapava do Sul  
 Arambaré-RS  
 Rolante, RS  
 Santo Domingo, República Domingo  
 Paulo Lopes-SC Brasil  
 São Sepé RS  
 Vale do Sol, RS  
 São Sepé RS  
 Santa Maria  
 Brasília,DF \_Brasil.  
 Caçapava do sul RS  
 Venâncio Aires RS  
 Porto Alegre, RS, BRASIL  
 São Leopoldo, RS, Brasil.

10. Utilize o espaço abaixo para compartilhar algo mais sobre você, seus processos na gestação e parto e maternagem. Ou, compartilhe algo que você considera ser significativo para essa pesquisa, caso queira. (pode ser o compartilhar de links, textos, recomendações de filmes,etc.)

*Muito feliz em particular desta pesquisa! Viva a visibilidade de mulheres, mães na ciência!*

*Sou mãe por adoção em todos os sentidos*

---

*Tive filho com um amigo. Na época me relacionava unicamente com mulheres e resolvemos ter um filho e criar juntos, agregando mais pessoas. Na prática brigamos muito na gestação e depois do nascimento. Ele esteve no parto. Hoje temos uma boa relação, de pais. Não de amigos como era antes.*

*Tudo ainda é muito novo, estou gestante de apenas 8 semanas, ainda nem me sinto grávida.*

*Ao preencher este formulário, me deparei com certas barreiras que esperava sem esperar. Foi difícil escolher as palavras tal qual caminhar num emaranhado de espinhos. Levei dois dias para tal e, durante esse tempo, despertou uma série de eventos que me transportou direto para onde não tinha sequer aberto as portas. Mas, depois de muito debate interior, já com um pouco de luz mofo adentro, percebo que colaborar com esse trabalho incrível, profundo, amoroso, responsável e salvador que a Caroline Castro desenvolve com tanta maestria e gentileza, também é colaborar comigo como um universo de mãe, mulher, procriadora, educadora, investigadora, curiosa, artista, revolucionária, amante de mim mesma. E, por que não, com todas as mulheres que estão dispostas a se render a essa beleza de sermos nós. Por essa tão aspirada oportunidade, muito obrigada, Carol. Conte comigo!*

*O processo de aprendizagens sobre o parto e o nascimento me cativam pela capacidade de pensar a humanidade, o espiritual e o futuro da Humanidade.*

*Essa pesquisa nos toca tão profundamente por dar espaço para esses encontros e sobretudo por dar visibilidade as gestações, maternagens reais, além de nos introduzir na perspectiva da matrística que é muito interessante*

*Partos são portais de cura de conexão com a força de criação contida em todas as coisas, nascer um outro ser, multiplicar, ampliar a vida, continuidade mesmo que interrompida. Processos que nos conectam com todos que nasceram, com a inteligência que move a vida, amplia os sentidos, dilacera para reconstruir. Se configura e desconfigura, se forma e deforma. Meus partos foram avassaladores, intensos e reveladores de mim, da minha potência, dos meus bloqueios, da minha ignorância de desconhecer tantas coisas que passei a conhecer e apreender. Reveladores também do outro, do quanto estamos conectados, do quanto a nossa intuição nos serve, ouvi-la é importante e me faz bem na minha trajetória, que posso escolher confiar no meu corpo, na minha potência e na minha capacidade. Vivi minhas gestações, parto, pós parto e vivo a maternagem de forma muito visceral, uma necessidade de me entregar aquele processo, mergulhando profundamente, as vezes tive vontade de viver de maneira menos intensa mas não consegui. Já fiquei angustiada por isso, já me senti desajustada, mas a maior parte do tempo agradeço por tudo que essa experiência me trouxe.*

*Parto normal e muito emocionante pq se pude sentir o que ser mãe.*



---

*Tenho para compartilhar experiência 2 partos naturais domiciliares.*

*Tudo foi extremamente doloroso, pois só agora eu estou aprendendo a cuidar de mim mesma. Nem sei como consegui cuidar de uma outra vida por um tempo. A culpa por engravidar foi muito grande, aceitar a presença do pai me trouxe a sensação de entrar num beco sem saída. Ao mesmo tempo que eu nem cogitei o aborto, pois eu estava buscando uma família para minha criança. As confusões que me assolaram tiveram a ver com o fato de que há uma importante diferença entre o papel de mãe e de filha. E naquele momento eu precisava nutrir e não ser nutrida. Essa maturidade eu não tinha então percebo que fui um misto de mãe com irmã. Uma mãe criança. Durante a gestação eu me preparei muito pouco para o parto, me informei menos ainda e me angustiei muito por tudo o que estava ao meu entorno. Se eu já me sentia sozinha, a partir daquele momento eu passaria ainda a me sentir cobrada - não só externamente mas também internamente. Na profundidade da coisa, me senti engravidada pelo pai da minha filha. Como se fosse um golpe da barriga ao contrário. Ao mesmo tempo, eu aceitei esse engravidamento por estar buscando o pai que não existiu, foi rejeitado e se recusou a esse lugar. Eu queria apenas um pai, não um homem e vejo isso como o motivo de muitas das minhas dificuldades. São lugares muito diferentes, o companheiro seria alguém que está numa posição de paridade nesse momento e não é o pai da gestante (seria alguém que sabe o que fazer nesse lugar), nem um filho (alguém que precisa de cuidado). Então acho que aí entram as questões sexuais do processo todo, pois gestar pede um amparo, um respeito e um cuidado. E eu fui violentada de diversas maneiras nessa relação, por exemplo, com o fato de ele querer transar comigo antes do tempo. Fazer piada com as minhas dores, reclamar que eu tinha leite e não ia poder transar, me chamar de "trakinão" por que eu estava gorda até arrumar um emprego para passar toda a semana fora de casa e me abandonar como se apenas eu fosse a responsável e não pudesse estar fazendo faculdade. Tudo isso é violência! A discrepância de valores foi e é imensa, gestar, parir e maternar foi uma guerra até eu desistir de lutar por bem de preservar a minha filha de mim mesma. Ainda estou tratando disso para ver internamente se é viável uma diplomacia ou se a batalha está mesmo perdida.*

*Quando engravidei só conhecia os cuidados médicos, que não eram suficientes para educação pré-natal e educação perinatal. Não tive muito apoio familiar. Tive que aprender com mais custo o que era a gravidez, o parto, amamentação, puerpério, exergestação, sobre o crescimento e a educação dos meus filhos. Assim como quando abortei. Foi um despreparo. Se tivesse mais informação e educação poderia ter prevenido algumas vivências mais sofridas no processo de aprendizagem. Hoje valorizo muito os espaços de troca e aprendizagem onde se aprende de forma horizontal com a experiência de outras mulheres e famílias. Hoje como parteira estímulo o estudo perinatal, o preparo para criação dos filhos para que a família e suas crianças tenham experiências mais positivas no processo de aprendizado de ser pai, mãe, marido, mulher, filho e filha.*